



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

Rosecleide Lima Bispo

**Cartas de uma professora de Dança da escola pública: Liberdanças
para o cuidado de si e das outras pessoas**



Salvador
2022

Rosecleide Lima Bispo

**Cartas de uma professora de Dança da escola pública: Liberdanças
para o cuidado de si e das outras pessoas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof^a Dra. Lenira Peral Rengel
(PRODAN/UFBA)

Salvador
2022

Rosecleide Lima Bispo

**Cartas de uma professora de Dança da escola pública: Liberdanças
para o cuidado de si e das outras pessoas**

Trabalho de conclusão de Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Salvador, 14 de outubro de 2022.

Banca examinadora

Lenira Peral Rengel - orientadora _____

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontífica Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil.

Universidade Federal da Bahia

Amanda da Silva Pinto _____

Doutora em Comunicação e semiótica pela Pontífica Universidade de São Paulo, PUC-SP, Brasil

Universidade do Estado do Amazonas

Cecília Bastos da Costa Accioly _____

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Bispo, Rosecleide Lima.

Cartas de uma professora de Dança da escola pública: liberdanças para o cuidado de si e das outras pessoas / Rosecleide Lima Bispo. - 2022.
207 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Lenira Peral Rengel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Dança - Estudo e ensino. 3. Dança na educação. 4. Dança - Aspectos sociais. 5. Relações humanas. 6. Cuidados. I. Rengel, Lenira Peral. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Maria Helena Lima Bispo por estar sempre presente na minha vida, por nunca me deixar desistir, pelos conselhos e por apoiar e incentivar todas as minhas decisões que me trouxeram até aqui. Por ser esse ser humano ímpar que me ajudou de forma tão fundamental a ser a pessoa que hoje sou.

A minha orientadora professora doutora Lenira Peral Rengel por seus importantes ensinamentos nessa trajetória, por toda atenção e cuidado durante o caminho, sem dúvida, um divisor de águas na minha vida acadêmica.

As colegas da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos pelas trocas significativas e apoio durante o percurso do Mestrado.

Ao Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças pelos importantes diálogos e aprendizagens constantes.

Aos colegas de turma, em especial à minha querida amiga Renilza Ramos, por toda contribuição e cuidado que tanto me ajudaram nessa trajetória. E principalmente, agradeço a Deus por ter me concedido saúde, força e disposição durante todo esse caminho.

Cartas de uma professora de Dança da escola pública: Liberdanças para o cuidado de si e das outras pessoas

Palavras chaves: Liberdanças. Escola pública. Cuidado de si. Relações interpessoais. Contextos.

Este Trabalho de Conclusão de Curso explana um processo na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental - 1º ao 5º ano. Trata do reconhecimento do ambiente escolar público como um ambiente de conflito e propõe caminhos para realizar estratégias e intervenções educacionais que proporcionem a redução dos conflitos nas ações de ensino/aprendizagem da Dança, considerando o cuidado de si e das outras pessoas como pressuposto para uma transformação de corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar. Importante proporcionar caminhos que possibilitem trabalhar com crianças diversas que vivem dentro de um contexto de vulnerabilidade social. Assim, promover modos de ações de Danças para fomentar o cuidado de si e das outras pessoas, pode fortalecer as relações interpessoais e favorecer um melhor convívio entre crianças estudantes. Trabalhar a Dança na escola pública envolve uma constante busca por um reconhecimento de corpos. Neste sentido, promover as aulas de Dança dentro de uma perspectiva de cuidado consigo, e conseqüentemente com a outra pessoa, pode proporcionar o autoconhecimento. As proposições decorrem dentro de uma metodologia que incorpora estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos, com concepções referentes à socialização e compartilhamento de conhecimento. A ênfase do caminho metodológico considera a opinião das crianças e seus contextos de vida. Esta pesquisa decorre dentro de uma abordagem qualitativa, que proporciona perceber a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que com ela também é possível cuidar de si. As aulas realizadas se referenciam em Foucault (2004), para abordar o cuidado de si e a prática da liberdade; Laban (1978) para abordar ações corporais e trabalhar criação e análise dos movimentos; Rancièrè (2011) para falar de educação emancipatória; Rengel (2007), para discutir a corporeidade, entender/perceber o corpo como não dualista; Santos (2017, 1996), como referência para a questão do acesso aos conhecimentos; Isabel Marques (1999) e Klaus Vianna (2008), que auxiliam na efetivação dessas argumentações em modos de Danças. Como estudante do Curso de Mestrado Profissional em Dança/PRODAN e profissional da Rede Municipal de Ensino de Salvador foi importante levar situações que auxiliaram pessoas dentro da academia a ter conhecimentos acerca do ensino da Dança na escola pública municipal. O contexto do ensino público da cidade do Salvador é carregado de desafios constantes, os quais dificultam muito o processo de ensino/aprendizagem. Expor algumas situações vividas no chão da escola poderá contribuir para que outras pessoas estudantes e profissionais da Dança possam lidar melhor com algumas inquietações pertinentes no ambiente escolar público. Sendo assim, como continuidade que esta pesquisa favoreça as pessoas docentes, no sentido de apontar caminhos que possam promover ações que incitem o reconhecimento de estudantes enquanto pessoas incluídas e importantes dentro da escola, da sociedade, do mundo.

Write-up from a public school dance teacher: Liberdança (Dance Liberty) for the care of oneself and others

Keywords: Liberdanças (Dance Liberty). Public school. Take care of Oneself. Interpersonal relationships. Contexts.

This Course Completion Work explains a process at Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, (Eugênia Anna dos Santos Municipal School), with kids from the early years of elementary school – 1st to 5th grade. It deals with the recognition of the public school environment as a conflict environment and proposes ways to carry out strategies and educational interventions that provide the reduction of conflicts in the teaching-learning actions of Dance, considering the care of oneself and others as a presupposition for a transformation of bodies and to strengthen interpersonal relationships within the school environment. It is important to provide paths that make it possible to work with diverse children who live within a social vulnerability context. Thus, promoting Dance action modes to elevate self-care and care for others, can strengthen interpersonal relationships and favor better interaction among students. Working with Dance in public schools involves a constant search for a recognition of bodies. In this sense, promoting dance classes within a perspective of care for oneself, and consequently with another person, can provide self-knowledge. The propositions take place within a methodology that incorporates theoretical-practical structures, stimulating critical and creative reflections/actions that are sensitive to bodies, with concepts referring to socialization and knowledge sharing. The emphasis of the methodological path considers kids opinion and their life contexts. This research takes place within a qualitative approach, which allows perceiving Dance as a form of knowledge, as well as understanding that with it, it is also possible to take care of oneself. The classes held were referenced in Foucault (2004), to address the care of oneself and the practice of freedom; Laban (1978) to address bodily actions and work on the creation and analysis of movements; Ranciére (2011) to talk about emancipatory education; Rengel (2007), to discuss corporeity, to understand/perceive the body as non-dualist; Santos (2017, 1996), as a reference for the issue of access to knowledge; Isabel Marques (1999) and Klaus Vianna (2008), who help to put these arguments into effect in Dance modes. As a student of Professional Master's Course in Dance/PRODAN and a professional with Salvador Municipal Education Network, it was important to bring situations that helped people within the academy to have knowledge about the teaching of Dance in the municipal public school. The public education context in the city of Salvador is full of constant challenges, which make the teaching-learning process very difficult. Exposing some situations experienced on the school floor can help other people, students and Dance professionals, to better deal with some pertinent concerns in the public school environment. Therefore, as a continuation of a research that favors teachers, in the sense of pointing out ways that can promote actions that incite the recognition of students as included and important people within the school, the society and the world.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Primeiros passos na Dança	12
Figura 2 -	Passos na formação acadêmica em Dança	12
Figura 3 -	Primeiro dia de aula no Mestrado Profissional em Dança	14
Figura 4 -	Quem sou	16
Figura 5 -	Mapa conceitual	16
Figura 6 -	Registros da disciplina Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade	45
Figura 7 -	Portfólio - registros dos encontros	47
Figura 8 -	Registros de momentos de compartilhamentos	48
Figura 9 -	Sumário provisório expandido do memorial	89
Figura 10 -	Encontros com a orientadora Lenira Rengel	90
Figura 11 -	Encontros com a orientadora Lenira Rengel - cuidados e afetos	91
Figura 12 -	Trabalho de conclusão de curso	92
Figura 13 -	Atividades da disciplina Dança e Cognição - As Técnicas Corporais	94
Figura 14 -	Dança e cognição	100
Figura 15 -	Corponectivos em Danças	106
Figura 16 -	Grupo de pesquisa Corponectivos em Danças	106
Figura 17 -	Corponectados	107
Figura 18 -	Integrantes do Grupo CEDEPAM	110
Figura 19 -	Participação do CDEPAM no 37º Painel Performático	111
Figura 20 -	Participação do CDEPAM no Congresso UFBA 75 anos	112
Figura 21 -	Participação do CDEPAM no Simpósio Latinoamericano de Dança	113
Figura 22 -	Participação do CDEPAM no Encontro de Pesquisas Narrativas nas/das Escolas	114
Figura 23 -	Intervenção Artística no Congresso Virtual UFBA, 2020	115
Figura 24 -	Registros do V Seminário Corponectivos em Danças,	116

2020

Figura 25	- Apresentação de trabalho no Congresso Anda, 2021	116
Figura 26	- Apresentação de trabalho no Congresso Virtual UFBA, 2021	117
Figura 27	- Participação no Congresso UFBA 75 anos, 2021	117
Figura 28	- Apresentação no Congresso UFBA 75 anos, 2021	118
Figura 29	- Participação no 2º Seminário PRODAN, 2022	119
Figura 30	- Cartaz do V Seminário Corponectivos em Danças, 2021	120
Figura 31	- Registros do VI Seminário Corponectivos em Danças, 2021	120
Figura 32	- Corponectivos em Danças na Educação contra a barbárie	121
Figura 33	- Relações	121
Figura 34	- Registros das edições do Fórum Manifesto Arte Reage	122
Figura 35	- Nossas aulas de Dança	134
Figura 36	- Liberdanças	137
Figura 37	- As relações - respeito, escuta e cuidado	142
Figura 38	- Relações com liberdanças	145
Figura 39	- Relações com liberdanças	156
Figura 40	- Liberdanças dentro e fora da sala de aula	159
Figura 41	- Liberdanças para as escolhas	160
Figura 42	- Descobertas e autonomia	161
Figura 43	- Percebendo você e eu	164

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	8
1	CARTAS/MEMORIAL DESCRITIVO.....	9
1.1	A DANÇA NA MINHA VIDA.....	10
1.1.1.	A minha vida na Dança.....	11
1.1.2	Caminhos.....	12
1.2	PERCURSO ACADÊMICO.....	14
1.2.1	Disciplinas e atividades obrigatórias.....	15
	❖ Abordagens e Estratégias para pesquisa em Processos educacionais em Danças.....	15
	❖ Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade.....	34
	❖ Projetos Compartilhados.....	48
	❖ Prática Profissional Orientada I e II.....	90
	❖ Trabalho de Conclusão de Curso I e II.....	92
1.2.2	Disciplinas e atividades optativas.....	93
	❖ Dança e Cognição - As técnicas Corporais.....	93
	❖ Tópicos Especiais - Criação Audiovisual na Interação com a Dança.....	101
1.2.3	Participação em grupo de pesquisa.....	106
1.2.4	Participação em eventos acadêmicos.....	114
	❖ Participação em eventos científicos e acadêmicos com publicações e apresentações orais.....	114
	❖ Participação em outros eventos.....	119
	Anexos comprobatórios de ações durante o percurso acadêmico.....	124
1.2.5		
2	CARTAS/SISTEMATIZAÇÃO DE AULAS E	130

	AÇÕES.....	
2.1	PROPOSTA DE AÇÃO DE DANÇAS NA ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS.....	131
	❖ O chão da escola.....	134
	❖ Trabalho remoto.....	135
	❖ Trabalho híbrido.....	136
3	CARTAS DE UMA PROFESSORA DE DANÇA DA ESCOLA PÚBLICA - LIBERDANÇAS PARA O CUIDADO DE SI E DAS OUTRAS PESSOAS.....	138
4	CARTA/PUBLICAÇÕES.....	171
4.1	DANÇA EM RELATOS DE EXPERIÊNCIA - CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS.....	171
4.2	CARTA/ARTIGO - VI CONGRESSO DA ANDA.....	176
4.3	PRODUÇÃO DE RECURSOS POR MEIO DIGITAL PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/3.....	191
4.4	REVISTA EDUCAÇÃO BÁSICA EM FOCO.....	192
5	CARTA/CONSIDERAÇÕES.....	193
	REFERÊNCIAS.....	185
APÊNDICE A	CARTA/OUTROS DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS.....	201
APÊNDICE B	DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES DAS SÉRIES INICIAIS DO FUNDAMENTAL I.....	206

APRESENTAÇÃO

“Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui.”

Cidade Negra

Eu sou Rosecleide Lima Bispo, Rose Lima Mel, Rose Lima, Rose Mel, Rose, Mel. Sou todas essas identidades construídas com as relações múltiplas.

Nasci em Feira de Santana-Bahia, lugar onde aos 10 anos iniciei minhas ações na Dança. Filha de Maria Helena Lima Bispo e Geraldino Caribé Bispo. Em 2008 iniciei minha trajetória artísticopedagógica na Rede Municipal de Ensino de Salvador, desde então, busco melhorias para/nas minhas aulas para que seja possível cuidar melhor de estudantes da escola pública.

Estes estudantes vivem em situações de conflitos dentro e fora do ambiente escolar e a Dança pode trazer perspectivas que ajudem a melhorar e/ou minimizar tais conflitos. Durante esse período de docência em escolas públicas, pude conhecer realidades diversas e perceber o quanto é relevante trabalhar corpos, movimentos, para que possibilitem novas formas de agir. Assim, a Dança pode promover ações que proporcionem o cuidado de si, a autoestima e colaborar no processo de construção de conhecimento e nas relações entre estudantes e com o mundo.

No momento em que adentro ao Mestrado Profissional, estou atuando na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, assim, enquanto aluna, busco o fortalecimento para as minhas ações em sala de aula.

Este trabalho de conclusão se configura em modo de Cartas. Todo ele, as disciplinas cursadas, a participação em ações de extensão, de pesquisa, cursos, *lives*, bancas, entre outras múltiplas atividades realizadas durante o percurso acadêmico. Tais ações são sentidas/pensadas como Cartas.

Esta pesquisa se apresenta em cinco partes nucleares: 1. Carta/Memorial Descritivo, com anexos comprobatórios de ações durante o percurso acadêmico; 2. Carta/Sistematização de aulas e ações; 3 Cartas de uma Professora de Dança da Escola Pública - liberdanças para o cuidado de si e das outras pessoas; 4. Carta/Publicações; 5. Carta/Considerações; Referências e, por fim, Carta/Outros anexos comprobatórios. Junto a este material, se agrega o item 3 (Cartas de uma Professora de Dança da Escola Pública) que será disponibilizado em formato digital à comunidade escolar e às pessoas que busquem conhecer ações de Danças que possam contribuir para o desenvolvimento das aulas, as quais foram propostas ao longo desta pesquisa.

1 CARTA/MEMORIAL DESCRITIVO



O presente memorial tem por objetivo descrever os caminhos que aprendi com a Dança, revelando uma trajetória artísticopedagógica, destacando ações desenvolvidas no meu percurso durante o período do Mestrado Profissional.

Aqui, relato uma história de dedicação amor e respeito, à qual pretendo continuar dando os mesmos valores nos caminhos em que a Dança ainda me permitirá seguir.

O caminho percorrido até aqui, nada fácil, porém, válido, tem diversas tessituras. Aulas, pesquisas, cursos, projetos, encontros, grupos de pesquisas, grupos de trabalhos; ações que promoveram diversos acontecimentos.

1.1 A DANÇA EM MINHA VIDA

A Dança em minha vida teve início aos meus 10 anos de idade. Esse começo acontece ao ingressar nas aulas de ginástica rítmica, para conseguir atestado de liberação das aulas de Educação Física, pois eu realmente não gostava de tais aulas. As aulas de ginástica rítmica aconteciam no SESI - Serviço Social da Indústria, na Cidade de Feira de Santana-Ba. Em frente à sala de ginástica, existia a sala de Dança, foi então que assistir a uma aula e na semana seguinte já estava lá.

No SESI, iniciei minha relação com a Dança, a qual até hoje acontece e muito fortemente. Lá tive experiências incríveis, Dança em dupla, Dança em grupo e Dança solo; esta última foi um divisor de águas na questão da minha timidez. Sim, eu era extremamente tímida, tinha medo de falar, de olhar, tinha medo de qualquer tipo de expressão. Então, só posso dizer que a Dança me libertou e me fez romper diversas barreiras que me impediam de acreditar em mim.

A partir daí não deixei mais a Dança. Ela promoveu diversas mudanças e grandes conquistas. O que seria apenas para não fazer aula de Educação Física, se tornou um sentido maior pra mim, algo que mudaria não apenas a minha vida, mas que permitiria que eu tocasse a vida de outras pessoas por meio dessa arte tão incrivelmente imprevisível.



1.1.1 A minha vida na Dança

Metaforizando, um mundo de possibilidades e realizações começaram a acontecer na minha vida por causa da Dança. Mudanças pelas quais jamais imaginara passar. A menina foi crescendo e cada vez mais se apaixonando por essa arte. Logo se tornaria uma profissional da Dança.

Ao longo da minha trajetória artística-profissional, adquiri experiência de importância relevante e foi possível aplicar e desenvolver meus conhecimentos em locais diversos, o que me oportunizou uma construção de conhecimentos significativa.

Ser escolhida pela Dança para desenvolver trabalhos tão importantes e desafiadores e com isto levar essa arte para diferentes pessoas e espaços foi, sem dúvida, uma grande realização. Hoje, trilhando o caminho da docência, que também é um constante aprendizado, o sonho continua almejando novos caminhos e novas oportunidades.



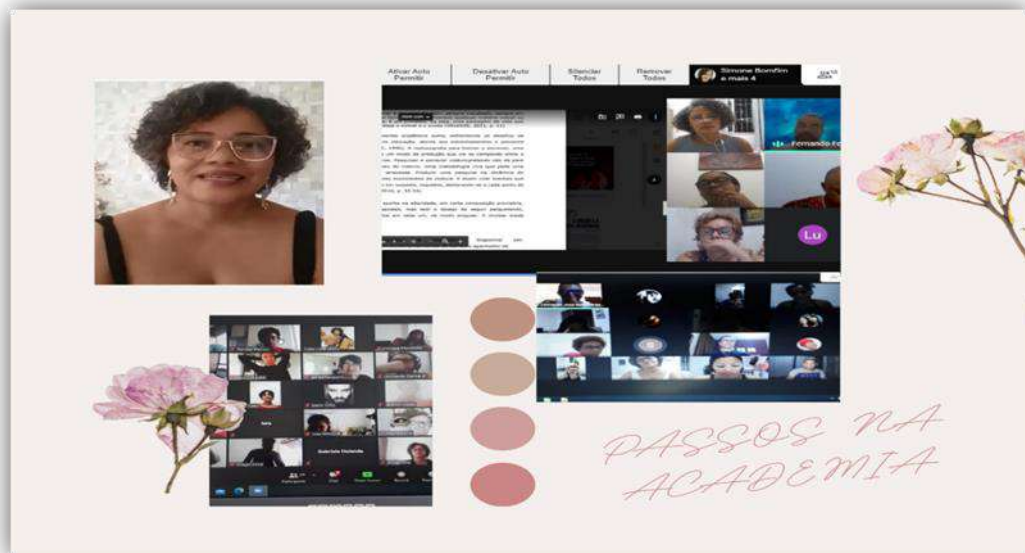
1.1.2 Caminhos

Figura 1 - Primeiros passos na Dança



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - Passos na formação acadêmica em Dança



Fonte: Arquivo pessoal.

O caminho do percurso acadêmico no Mestrado Profissional promoveu diversas ações que foram compartilhadas em um momento ímpar no qual ainda estamos vivendo. Foram partilhas de afetos, alegrias, tristezas, lágrimas, desabafos, dores, silêncios, palavras, escritas, abraços - ainda que virtuais

- risadas, tudo isto junto a cores, sabores, amor e sem dúvida, muitas Danças.

A primeira semana de aula, que ainda aconteceu na Escola de Dança, trouxe muitas lembranças da minha trajetória na dança, que se iniciou no momento em que a conheci em minha cidade natal, até a minha chegada à Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Em Feira de Santana, integrei alguns grupos de dança, tais como o Grupo Representativo de dança SESI, a Cia. de Dança Jomara Almeida e o Grupo de Dança da Allegro. Também trabalhei em escolas públicas e privadas e finalmente fui professora da dança no Allegro Studio de Dança e Educação Corporal, local em que também fui professora do Curso Técnico e Profissionalizante em Dança, o primeiro naquela cidade. Junto a isso, participei por 10 anos da Banda de Forró Capim Molhado.

Em 1994 ingresso na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, local em que inicio minha profissionalização. Esse caminho me oportunizou tantas descobertas, ações e realizações, que sem dúvida acabaram me trazendo até aqui. E não, não poderia ter sido diferente. Todos esses caminhos me trouxeram até aqui, lugar de privilégio, lugar que me impulsionará a ir mais longe.

1.2 PERCURSO ACADÊMICO

Aqui começa uma história (2020.1)

"Eu sou o que tu és. Eu sou uma onda que precisa de outras ondas para fazer as marés."

Boaventura de Sousa Santos

Figura 3 - Primeiro dia de aula no Mestrado Profissional em Dança



Fonte: Arquivo pessoal.

Adentrar ao Mestrado Profissional em Dança foi mais uma conquista que essa arte me proporcionou. Mais sonhos e expectativas foram gerados para a realização dessa nova etapa. Infelizmente uma pandemia se instalou, impedindo as aulas presenciais, e o primeiro semestre que deveria ser de muitas ações presenciais foi suspenso por conta da pandemia da Covid-19.

Uma retomada por meio de um semestre suplementar aconteceu no segundo semestre de 2020, aulas síncronas e assíncronas foram realizadas e, desta forma, um semestre em um novo formato pôde acontecer. Como eu poderia imaginar que faria um Mestrado Profissional nesse formato? O qual não permitiria toques, nem abraços, faria com que nos distanciássemos, usássemos máscaras e definitivamente entender e aprender a importância de sorrir com os olhos.

Mas foi possível acontecer e com a dedicação de todos os docentes, junto com a vontade e a determinação de nós estudantes, foi possível trilhar um caminho novo e desafiador, porém com grandes realizações.

Então,

"vamos lá fazer o que será"

Gonzaguinha

1.2.1 Disciplinas e atividades obrigatórias

❖ *Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos*

educacionais em Danças - 2020.2 Semestre Suplementar

Professora Dr^a Cecília B C Accioly e Professora Dr^a Amelia Vitoria de Souza Conrado

Ementa: Apresentação de aspectos teórico-conceituais e metodológico da prática profissional em processos educacionais em dança, considerando a abordagem e a estruturação de projetos profissionais, experiência de mediação educacional no campo da dança e a realização das pesquisas, suas temáticas, objetivos e procedimentos de investigação em conexão aos aspectos prementes da atualidade social e inovação profissional.

Nota: 9.2

Relevância: Disciplina que incentivou e proporcionou diversas leituras e discussões acerca dos processos educacionais em dança em diversos ambientes. Também oportunizou reflexões sobre meios de transformações, desenvolvimentos e avanços dentro do objeto de pesquisa de cada discente. A troca de informações entre as pesquisas de cada pessoa pôde também promover mais possibilidades de crescimento dentro da pesquisa individual. As abordagens sobre temas pertinentes dentro das diversas vivências contribuíram no processo de evolução das pesquisas.

Atividades Avaliativas Advindas da Disciplina

Gravar um vídeo de apresentação

16/09/2020

Vídeo individual apresentando quem sou, lugar onde atuo e objetivo da pesquisa.

Proposta de abordagem metodológica da pesquisa

16/11/2020

Trabalhar a dança na escola pública envolve uma constante busca por um reconhecimento de um corpo com possibilidade e pertencimento, considerando seu processo de construção, criação e expressão, fortalecendo as relações dentro de um contexto sócio-político-cultural. Entendo que, para que esse fortalecimento aconteça, é necessário que este corpo encontre caminhos que proporcionem o cuidado de si.

As experiências vividas nas aulas de dança, com corpos que sinalizam a necessidade desse reconhecimento, levam a considerar a busca de estratégias e intervenções criativas, como práticas que contribuam e proporcionem um melhor desenvolvimento das ações propostas ou que viabilizem caminhos até sua realização por meio de ações afetivas.

Proporcionar uma educação que viabilize cuidados consigo mesmo e com o outro pode minimizar diversos conflitos que acabam sempre interrompendo o fazer das aulas.

A tentativa de propor o ensino da dança dentro de uma contextualização que permita que estudantes encontrem caminhos para o cuidado de si pode permitir que os processos educacionais tenham melhores resultados, no sentido de afetá-los por meio das ações realizadas em sala de aula, assim como aflorar a afetividade de cada corpo, relacionando cognição às emoções, que podem demonstrar a especificidade de cada um, ampliando assim, o processo de construção do conhecimento, por entender que afetividade e cognição são aspectos inseparáveis no processo de ensinoaprendizagem. Importante também, trabalhar o respeito nas relações com os outros, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação com o contexto da escola e seu ambiente comunitário. As ações decorrerão dentro de uma metodologia que irá incorporar estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos frente não só ao cotidiano, mas ao mundo em

que vivem, além de concepções referentes à socialização e ao compartilhamento de conhecimento.

Partindo desse pressuposto, entendo ser pertinente propor uma metodologia de ensino que corrobore com referenciais, tais como Klaus Vianna, Rudolf Laban, Isabel Marques, Renato Nogueira e Paulo Freire, dentro de uma abordagem qualitativa, baseada na natureza aplicada, com classificações explicativas e de Experimento ou prática como pesquisa.

Proposta de marco teórico

16/11/2020

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
Afetividade Ensino-aprendizagem Cognição Escola	Laurinda Ramalho de Almeida Abigail Alvarenga Mahoney (Orgs.)	Almeida, Laurinda Ramalho de; Mahoney, Abigail Alvarenga (Orgs.) Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.	A obra aborda a questão da afetividade no cotidiano escolar, retratando pesquisas que adotaram a teoria de desenvolvimento de Henri Wallon.	Esta obra contribui com minha pesquisa na medida em que apresenta resultados significativos no momento em que considera a importância da integração cognitiva-afetiva-motora no processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino, pois pretendo inserir a afetividade como um dos caminhos para obtenção de melhores resultados nos processos educacionais, abordando-a como a disposição que o corpo tem de ser afetado pelo mundo externo e interno, bem como nas possibilidades de sentimentos e emoções.

Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
Cuidado de si Prática de liberdade	Michel Foucault	FOUCAULT, Michel. Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.	A obra discorre sobre a constituição de uma sexualidade que entra em uma genealogia da ética e da constituição do sujeito, trazendo uma problematização da subjetividade. Uma obra que transforma a relação humana com o saber e a verdade e traz uma intervenção teórico-ativa do autor que introduziu também uma mudança nas relações de poder e saber da cultura contemporânea.	Esta obra se relaciona com minha pesquisa no sentido da problematização dos elementos coercitivos que compõem as práticas de poder das instituições em uma dimensão estrutural que muitas vezes corrobora para a ausência da prática de liberdade e o cuidado de si. Integrar o cuidado de si e a prática de liberdade às práticas das aulas de dança implica em um trabalho de si sobre si mesmo, entendendo que o cuidado do sujeito está ligado ao cuidado na relação com o outro e, assim, a prática de liberdade poderá ser respeitosa. O cuidado com o aluno e suas relações, que se estende a um contexto dentro e fora da escola, está diretamente ligado às minhas práticas de aula.

Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
Dança Movimento Ações corporais Corpo/mente	Rudolf Laban	LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento . Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.	Esta obra traz estudos de movimento de Rudolf Laban, que não só elucida, mas também solidifica a arte do movimento, explicitando que o movimento humano é composto pelos mesmos elementos em qualquer dimensão da vida, e como é possível utilizar esses elementos nas diversas formas de se movimentar, trazendo uma metodologia que aponta possibilidades de entender as características de cada movimento.	Esta obra se relaciona com minha pesquisa na medida em que traz diversas formas de análise e reflexão de ações corporais, oriundas de contextos diversos, sinalizando diferentes possibilidades de trabalhar o movimento dentro do processo educativo, entendendo o corpo em sua totalidade, sem dicotomia.

Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
Dança Escola Contextos	Isabel A. Marques	MARQUES, Isabel A. Ensino de Dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.	Esta obra apresenta a dança como forma educativa de expressão que une as questões emocionais, racionais e estéticas na escola. Entende a dança como forma de conhecimento e de expressão do corpo e a necessidade da consciência de que a sala de aula é um espaço caracterizado pelo envolvimento entre aluno/professor, com participação conjunta em que todos criem e se integrem; condição necessária para a realização dos processos educacionais em um mundo contemporâneo.	Ao trazer a proposta de um trabalho com dança em uma educação baseada no contexto dos alunos, a obra tem grande relação com minha pesquisa, uma vez que aborda situações diversas trazidas por cada corpo. Basear dança e educação nos relacionamentos entre o conteúdo da dança, alunos e sociedade sem desconsiderar o humano é de total pertinência para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Continuação...

CONCEITO / NOÇÕES-CHAVE	AUTORES	REFERÊNCIA	PERSPECTIVA EXPLICITADA NA OBRA	RELAÇÃO DA PERSPECTIVA COM A PROPOSTA DA PESQUISA
Dança Corpo Observação Conhecimento de si	Klauss Vianna	VIANNA, Klaus. A Dança . 5. ed. São Paulo: Summos, 2008.	A obra traz a observação dos movimentos por Klaus Viana, que os rejeita como simples forma, propondo que o movimento seja de dentro para fora com uma manifestação dinâmica e contextualizada. Um trabalho que não se enquadra em rótulos, acreditando que a dança é um ato de prazer. Uma obra na qual o autor tenta revelar caminhos para que cada um busque as próprias verdades do seu corpo, com percepção, conhecimento, vivências e emoções.	Entender que o corpo que dança é o mesmo corpo que vive em todos os outros aspectos da vida e que tem seu próprio contexto é, talvez, a maior relação que a obra tem com minha pesquisa, diante do fato de trabalhar com corpos que são tão significativamente diversos, trazendo histórias que estão sempre reverberando durante o processo das aulas. É muito necessário, a princípio, não se dispor de formas prontas de dar aula e sim revelar caminhos que permitam a descoberta de si.

Fichamentos de textos demandados

REFERÊNCIA:

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Quando a dança nos toca: significados, ética e presença em práticas com toque no currículo. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 9, n.1, e 82431, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266082431>. Acesso em: 30 set. 2020

- Resumo

O artigo apresenta a análise das práticas de dança por meio do toque, realizadas por seis professoras em escolas da rede pública, explicitando o estudo dessas aulas no componente curricular de arte, na busca da sensibilização pelo toque, trazendo-o como forma de apoio e não de violência. Detecta situações em que as práticas geram tensões com as tecnologias de produções da escola, fugindo de uma normalização operacional da tecnologia disciplinar, como descreve Foucault (2004). A pesquisa identifica espaços para os aspectos da ética, que permitem ao sujeito atuar sobre si mesmo, a presença, para a relação com o tangível e a suspensão da importância dos significados culturais corporificados. A relevância da tematização do toque nessa pesquisa também se deu em razão da divergência entre duas das escolas pesquisadas; enquanto uma proibia o toque por questões que a própria escola resolveu ocultar, a outra estimulava essa prática.

A obra também traz outra pesquisa relacionada a um grupo de detentos que experimentou a prática do Contato Improvisação em uma prisão para homens, evidenciando a dificuldade dessa prática no primeiro momento em razão do código prisional que proíbe o toque, mostrando que, por meio dessa experiência que acontece dentro de uma prisão, é possível refletir sobre as condutas dentro da escola que demonstram as normativas disciplinares que são encontradas em ambas as instituições. Contudo, não é considerada importante a diversidade abordada nos contextos das duas pesquisas, entendendo que não se trata de uma comparação dessas experiências e sim de perceber que se trata de uma situação que problematiza outra, mostrando que nas duas instituições disciplinares os sujeitos aprendem que podem tocar de outro jeito.

O trabalho ainda apresenta relatos importantes das professoras e dos alunos que foram objetos de pesquisa, das diretoras das instituições escolares, bem como citações de educadores e pesquisadores de dança e de diversas áreas que solidificam a importância do artigo.

Ainda em relação ao Contato Improvisação, a pesquisa aponta que essa prática desestabiliza o regime disciplinar por explorar movimentos descartados pela tecnologia, sendo uma prática mobilizadora da subjetividade, como traz a autora, “[...] na constante e instável ação de responder ao contato do outro, com/pelo contato” (p. 8).

Outro aspecto relevante é quando a autora traz que “a codificação da superfície corporal através do jogo dos afetos e das relações de poder não é exclusividade do sistema prisional” (p. 9), ou seja, os modos operacionais de uma instituição disciplinar, além do discurso hegemônico trazido pela sociedade, as relações de violência e da cultura machista, estabelecem os corpos intocáveis. Nesta perspectiva, torna-se difícil a prática de se mover a partir do toque, dentro de uma sociedade em que essas conotações são tão proeminentes, levando ao questionamento de como é possível a escola problematizar esses preconceitos, sendo que ela mesma também os reproduz reafirmando-os e como inserir o corpo e sua sensibilidade dentro do currículo desconsiderando esse contexto conturbador?

Ao trazer a frase da historiadora da dança, Annie Suquet (2009, p. 533) que “Não se toca sem ser tocado” mostra a importância de perceber o que acontece entre o tocar e o ser tocado, trazendo diversas possibilidades de respostas e o quão pode ser difícil estabelecer uma relação por diversos motivos, e o que acontece nesse tocar é um efeito recíproco, seja de uma negociação física, das relações, ou mesmo de breve pacto que acontece na pele.

Ainda demonstrando o que acontece no sistema prisional, a pesquisa aborda a existência de uma regra entre os detentos que é a não permissão de tocar uns nos outros, os presos se apropriam de práticas próprias da cultura prisional, e esses corpos intocáveis se constroem a partir das condições dos modos operantes das instituições disciplinares, das relações, que, na maioria das vezes, são de violência e da cultura machista e do próprio isolamento, (Houston, 2009). Entendo que a codificação desses corpos por meio das

relações de poder é um resultado que não acontece apenas no sistema prisional e trazendo o exemplo da experiência em uma prisão, para mostrar que é possível pensar nas condutas dentro da escola dentro das perspectivas das tecnologias disciplinares que acontecem nas duas instituições.

O artigo traz em seu contexto o quanto é difícil se mover a partir do toque, dentro de uma sociedade que apresenta códigos e tecnologias disciplinares que dificultam ou até mesmo não permitem essa prática, trazendo seu estranhamento, bem como é difícil essa realização dentro da escola, uma vez que ela também traz preconceitos e reproduz um discurso negativo em relação ao toque, mostrando o quanto causa tensão ter a dança na escola, uma vez que ela traz propostas desassociadas das normas. Dessa forma, sinaliza a emergência dos corpos nas aulas de dança para que seja desconstruída a visão discriminatória do toque, reivindicando outros significados para este.

O toque, nas aulas de dança, para a pesquisadora, não só pode romper com a repetição de códigos, como proporcionar uma relação com o mundo pela pele, transmitindo o que não se interpreta, mas que produz a sensação de estar vivo fazemos parte da vida, assim como uns dos outros.

Por fim, os dados da pesquisa trazem a importância do trabalho realizado pelas professoras de dança na escola por ser parte de um contexto na busca de possibilidades, contrapondo as práticas da dança à subordinação no discurso dominante e que essa atuação constante das professoras posiciona a dança no jogo das relações de saber/poder de maneira que possibilite surgir outras verdades.

- Citações principais do texto

“Um processo de transformação parecido com esse é relatado pela pesquisadora da dança Sara Houston (2009), em relação a um grupo de detentos que passou por uma experiência com a prática do Contato Improvisação (Contact Improvisation ou CI) numa prisão para homens, na Inglaterra. Segundo a autora, a prática permitiu quebrar certos comportamentos prisionais e pôde ajudar os detentos a “[...] encontrar um modo diferente de se relacionar com os outros que não envolve violência e vingança” (Houston, 2009, p. 112).” (p. 7).

“Tarefa difícil esta de se mover a partir do toque, numa sociedade em que esses significados são tão eminentes. Tarefa difícil para a escola problematizar esses preconceitos, porque a escola também reproduz esse discurso.” (p. 10).

“Nesse contexto, como trabalhar o contato físico sem continuar reproduzindo a cultura que divide os corpos em tocáveis e intocáveis? Ao mesmo tempo, como trabalhar com o corpo, colocar o corpo e a sensibilidade no centro do currículo sem levar em conta esse contexto? Entendendo que as professoras apostam justamente no papel da dança e do toque como práticas que produzem deslocamentos desse código, que produzem “[...] uma negociação física, presente e móvel das forças sociossimbólicas politicamente corporificadas” (Sastre, 2015, p. 68).” (p. 10).

“A partir do depoimento de alguns dos detentos que participaram da experiência com CI, Houston mostra como essa dança tem a capacidade de sacudir o comportamento normalizado na prisão. Os participantes falam em: perda do controle sobre como o corpo é apresentado; o alívio de colocar as máscaras de lado; o dar-se conta de que seu estilo de vida nunca lidou com confiança; compreender que tudo o que você faz afeta a outra pessoa; a possibilidade de ver a beleza mesmo na imperfeição e focar menos nas falhas; quebrar com o machismo; deixar o isolamento; entre outros efeitos que evidenciam a mobilidade do modo de ser.” (p. 10).

“Nas práticas de dança que trabalham o toque, trazemos as coisas do mundo para bem próximo de nosso corpo, sendo que, nesse caso, a coisa do mundo é o outro corpo. Tais práticas carregam a potencialidade de produzir momentos que se situem na oscilação entre efeitos de presença e efeitos de significado. São momentos que produzem efeitos sobre os dois corpos, simultaneamente, reciprocamente.” (p. 12).

“A interpretação (e julgamento) relativa à sexualidade permanece naqueles que não conseguem fazer o abraço e se colocam de um modo distanciado, de quem observa e não se permite entrar no jogo. Mas, a partir de certo

momento, quem somente observa também participa de outro jeito, como espectador desse não-abraço-que-é-abraço nesse espaço de abraço proibido. A relação de estranhamento, de ruptura num sistema estabelecido (da proposta das artistas), acontece na sala de aula tanto da perspectiva de quem age como da perspectiva de quem observa.” (p. 15).

“Enquanto na cultura do significado a autoreferência humana (a visão de si) predominante é o pensamento, na cultura da presença é o corpo, sendo que, nesta última, os corpos fazem parte de uma cosmologia, não se veem como excêntricos ao mundo, mas como parte do mundo. Mais especificamente, como coisa do mundo.” (p. 17).

“Qual o limite que separa efeitos tão extremos? Quando o toque deixa de ser agressão e se torna ternura, ou vice-versa? Tal limite não é dado por uma lei. Por isso, entendo o toque como exemplo de um lugar em que é necessário emergir uma ética.” (p. 19).

“Inserida na cultura da utilidade e do mercado, a escola não pode entender uma atividade sem um produto que possa ser quantificado, comparado, examinado, avaliado. A cultura escolar não entende que o toque é parte das operações da dança que se ocupam de um conhecimento de outra ordem, que não é conceitual. Procedimentos que veiculam um saber que depende, inevitavelmente, da relação criada no toque, no contato com o outro para a sensibilização da pele e para a mobilização dos afetos: o compartilhamento das sensações que produzem a sensação de ser coisa no mundo.” (p. 20).

“As formas de subjetivação, ou formas da subjetivação moral, são modos de o indivíduo se relacionar com as regras, processos de tornar seu próprio comportamento conforme a regra dada, e se constituir nessa relação, como sujeito moral.” (p. 21).

“Na conduta orientada pela ética a ênfase não está no código moral, mas na relação do indivíduo com o conjunto de regras na constituição de si como sujeito moral. Entendo os processos de criação, portanto as aulas de dança,

como espaços em que as regras são rudimentares, nos quais elas vão sendo estabelecidas ao longo do processo, como conduta que o indivíduo constrói em que busca transformar seu modo de ser.” (p. 22).

“Penso que o toque é possível na aula de dança porque a conduta ética não é estranha a esse lugar. O que define se devo, se posso, ou não, tocar alguém (que implica necessariamente ser tocado) não é uma lei, não é um regimento, mas o arranjo, no presente, dos modos daqueles que se tocam se relacionarem com o próprio toque. A regra, nesse caso, não é rígida, ela deve ser construída a cada instante.” (p. 22).

“Constato a emergência de uma dimensão do corpo nas aulas de dança – o corpo tátil – e, concomitantemente, a complexidade de lidar com esse corpo no ambiente escolar. Ao operar com esse corpo, a aula de dança provoca tensões na escola. Expõe a evidência de que o toque, na escola, do ponto de vista dos professores e da equipe diretiva, é, na maioria das vezes, signo de violência e relação sexual, e reivindica outros significados para o toque.” (p. 24).

“O que os dados desta pesquisa ressaltam é que o trabalho das professoras de dança na escola é parte de um contexto, de condições de possibilidade que, hoje, buscam contrapor as práticas da dança à sujeição ao discurso dominante. A lida diária das professoras coloca a dança no jogo das relações de saber/poder, de modo que possam emergir suas verdades-outras.” (p. 25).

“O novo documento do governo federal, que propõe um currículo comum para todo o território brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), estabelece a dança como uma linguagem da área de Arte. Mas, como foi desenvolvido aqui, a arte também opera numa dimensão diferente da linguagem, do significado: na arte encontramos a possibilidade de relação com o mundo em que existe uma oscilação entre efeitos de presença e efeitos de significado. Ao colocar a dança no currículo como linguagem, enfatiza-se sua dimensão de interpretação e significado. Porém, quando se lida com a arte, a dimensão da presença emerge. A aula de dança que se

propõe à prática da dança como arte não pode interditar sua dimensão de presença.” (p. 25).

“A pesquisa colocou em evidência a conduta ética das professoras. Conduta aqui também compreendida, por meio da perspectiva dos estudos foucaultianos, como modo de convocar a um dado saber. Conduta que conduz, por via de proposições de práticas de dança com o toque, a um tipo de saber (de si e do outro) que pode produzir transformações de si e do grupo. Um tipo de saber do corpo-sujeito que se constrói em espaços constituídos de condutas orientadas para a ética.” (p. 25-26).

- Comentários

Esta obra traz uma das questões pertinentes dentro da educação: o toque. Trata-se de um recorte de uma pesquisa com seis professores de dança em suas práticas diárias de escolas públicas do sul do Brasil, por via de uma metodologia construída a partir da Etnografia performativa, a qual estuda e descreve as aulas de dança no componente curricular, relacionando vozes e referências que se entrelaçam no texto e trazendo ações que fortalecem essa discussão.

As abordagens que a autora traz na sua obra não só contextualizam as dificuldades que surgem ao trabalhar o toque nas aulas de dança, como também traz a relação entre duas instituições – prisão e escola – que apresentam corpos codificados pela relação de poder, um panoptismo que cria/impõe a disciplina e molda os corpos, assim como mostra que em ambas as instituições ainda prevalecem a violência, a cultura machista e o isolamento.

Infelizmente a dança ainda é considerada uma prática estanque, reduzida a apresentações coreográficas ou movidas em prol dos interesses de diretores das instituições escolares, além de ainda ser vista como uma ação desconfortável, e com isso surgem as resistências, que por outro lado também acontecem devido ao modo dos corpos existirem dentro de uma sociedade que não aceita a decodificação e insiste nas tecnologias de produção do corpo-sujeito, trazendo distanciamento entre o corpo e o que ele pode fazer.

Acredito que a autora traz considerações relevantes e atuais e a problematização de um tema recorrente dentro das aulas de dança, além de trazer uma perspectiva teórica de Michel Foucault, que reforça o quanto determinadas práticas causam desconforto em um sistema social que interdita a presença em sua amplitude, e não entende o movimento corporal como comunicação em todos os aspectos da vida.

Fica evidente a necessidade das escolhas para a construção do currículo, indo contra a produção de tensão com as tecnologias e acreditando na potência e na importância do toque nas aulas de dança. Uma ação política que mobiliza na tentativa constante e incansável de modificar os códigos pré-estabelecidos e romper com os limites encontrados, que podem vir de diversas instâncias, como escola, alunos, pais e comunidade.

- Esquema

Dança. Escola. Toque. Presença. Ética.

A presença do toque nas práticas das aulas de dança é um desafio constante, desafio que exige ações que proporcionem aos alunos o trabalho ético, o qual irá direcioná-los à prática de liberdade, entendendo que esse exercício de liberação traz uma condição política ou histórica que ainda estão arraigadas de poder que estabelecem normas, regulam a sociedade e disciplinam corpos que se tornam enrijecidos e não presentes nas práticas que a dança possibilita. A dança na escola perpassa por essas dificuldades uma vez que essa instituição ainda não sabe lidar com essa prática e reproduz todo um diálogo normativo e de tecnologias de produção de um modelo corporal escolar e uma codificação que determina o toque da pele.

Com isso o artigo traz as possibilidades de diferentes práticas com a presença do toque e do contato nas aulas de dança, que busquem a sensibilização dos alunos, ainda que não seja a perspectiva da escola, percebendo a emergência da dimensão da presença do corpo em prol do trabalho ético.

- Observações sobre a relação entre o texto e o objeto de interesse:

O artigo “Quando a Dança nos Toca” apresenta possibilidades de práticas que certamente se vinculam com a minha pesquisa. Proponho, no meu objeto de pesquisa, o toque como uma das ações afetivas, com o objetivo de promover ações efetivas durante as aulas, uma vez que a simples ação de se tocar gera conflitos entre os alunos e na maioria das vezes se apresenta com violência. Esse artigo, ao trazer as práticas de dança por meio do toque, explicita a busca pelo caminho contrário a essa violência, aprender a tocar sem machucar, promovendo meios de permitir que os corpos se toquem, se sintam e se conheçam.

A dificuldade em estabelecer um trabalho ético, de lidar com as tensões de produção do corpo escolar, assim como a emergência da dimensão do corpo todo nas aulas de dança, são outros pontos que convergem com o processo da minha pesquisa. Alguns corpos se negam a estar na prática, a escola se coloca contrária a algumas ações propostas, como se os saberes da dança não pudessem ser reconhecidos como saberes escolares.

Quando o artigo revela a busca em “contrapor as práticas de dança à sujeição do discurso dominante” (p. 25) e que a constante luta das “professoras coloca a dança no jogo das relações de saber/poder” (p. 25), mostra que nessa luta diária tem a esperança de que possam surgir outras verdades que permitam a dimensão da presença dentro do trabalho ético, e isso discorre também em relação com o meu processo de busca dentro da minha pesquisa, uma vez que entendo a necessidade da ruptura dos códigos pré-estabelecidos, na intenção de transformar o currículo escolar em um processo de construção de sujeitos sem a disciplina que estabelece normas e padrões, e que ele seja colocado de uma forma que permita o entendimento de que a arte/dança deva ser a coisa mais importante dentro de uma escola nesse processo de transformação, pois ela pode construir saberes, romper barreiras estabelecidas pela disciplina e pelo poder.

Proponho, dentro da minha pesquisa, caminhos para o cuidado de si, baseada nas observações dentro da sala de aula, ao perceber o quanto os alunos não tinham/têm esse cuidado consigo mesmo, que inevitavelmente significa também saber lidar com os outros, logo, o bem dos outros. E entendendo que estar nas relações visa saber administrar o espaço de poder

como não-dominação, percebendo que o cuidado de si pressupõe a relação com o outro, como descreve Foucault (2004). O problema das relações expostas no artigo também se vincula com o meu objeto de pesquisa no sentido de que é necessário nortear essas relações nas quais também estamos, com isso, é possível desenvolver princípios éticos.

Muitas dificuldades são encontradas ao desenvolver as práticas nas aulas de dança, o artigo trouxe exemplos que vivencio dentro das minhas ações, é realmente uma lida diária em busca de estratégias, intervenções e possibilidades para que cada vez mais essas relações corporais se aproximem e se fortaleçam dentro do trabalho ético, pois não acredito em uma arte que não nos coloca em relação com o outro.



❖ **Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade -**
2020.2 Semestre Suplementar

Professora Dr^a Ana Elizabeth Simões Brandão e Professor Dr. Antrifo
Ribeiro Sanches Neto

Ementa: Estudos e discussões acerca de pressupostos epistemológicos da contemporaneidade da dança sob perspectivas políticas, educacionais e sociais e as aproximações teórico-práticas das pesquisas artístico-pedagógicas articuladas com projetos e produtos individuais.

Nota: 10,0

Conteúdo programático:

- Apresentação do módulo. Estrutura. Referências. Convidadas/os. Textos Interdisciplinaridade e Complexidade. Discussão.
- Resumo / Fichamento textos.
- Apresentação em duplas e exercício de escuta a partir de identidades e complementaridade.

Relevância: Disciplina que propôs diversos diálogos pertinentes aos processos de cada estudante. Professoras e professor convidados(as) compartilharam saberes que permitiram discussões no que diz respeito a diversas perspectivas de dança. As colaborações trazidas pelas Convidadas e pelo convidado permitiram ampliar o conhecimento com informações relevantes, bem como novas descobertas.

Atividades Avaliativas Advindas da Disciplina

Diário de bordo a partir das aulas dos convidados

Docente convidada: Lenira Peral Rengel

21/09/2020

Considerando que a cognição possibilita a construção do conhecimento pela interação sujeito-percebedor e ambiente-contexto, é possível pensar

sobre a experiência corporal e o conhecimento construído por meio de movimento. Segundo Damásio (2018), a cognição possui uma história evolutiva que resulta da adaptação dos organismos ao meio ambiente, a partir daí ele traz o termo *Cognição Corporificada* que enfatiza o papel do ambiente-contexto no desenvolvimento dos processos cognitivos, como credita no sistema sensório-motor a base da percepção, entendendo que a relação entre percepção e ação é complexa. Perceber é uma ação, é algo que se faz, o sujeito percebe por via de movimento físico e pela interação. Perceber e mostrar características e questões sobre um conhecimento construído por meio de ações corporais é importante para uma noção de comunicação enquanto pertencimento.

O corpo está sempre em construção de conhecimento e em busca do seu conhecimento próprio, e esse processo de construção leva ao diálogo por meio do movimento. Acredito que, essencialmente no universo escolar público, é primordial que ferramentas sejam oferecidas para o desenvolvimento de possibilidades que esses corpos já trazem consigo, propiciando assim, um (re)conhecimento individual e promovendo as relações múltiplas, entendendo que a cognição é construída nas relações e também é o processo de conhecimento, de como conhecemos. Por ser um processo afetivo, físico, sensório-motor e intelectual, a cognição é corpo, corpomente, exatamente tudo junto. Neste caminho, não se pode descartar as histórias que os corpos trazem para a sala de aula, suas experiências que influenciam e são influenciadas, justamente por terem formas diferentes de estar o corpo, como trouxe a professora Lenira Rengel, que, além de trazer na sua fala as questões de cognição, também aponta o procedimento metafórico presente no corpo, um trânsito de informações que não acontece apenas pela linguagem, mas que se faz presente no corpo, logo, o corpo é metafórico.

Nas ações de teorias e de práticas que busco para minha pesquisa, a cognição está extremamente presente enquanto abordagem de conhecimento na interação do sujeito e mundo, assim como a metáfora que

está intrínseca na nossa vida, trazendo um conceito que constitui intelecto, vida cotidiana e ações.

Experiência corporal, conhecimento construído por meio do movimento e a cognição corporificada e a metáfora nos permitem entender/considerar que o corpo-mente está envolvido na cultura e na sociedade.

Sendo assim, toda essa gama de informações trazidas pela professora Lenira Rengel só fortalece o quanto é necessário enxergar o sujeito em sua totalidade, para que o seu desenvolvimento corporal seja amplo e fortalecedor para a sua autonomia, seu autoconhecimento e autodomínio.

“A cognição não é o conhecimento, é como eu conheço.” Lenira Rengel

Docente convidada: Vanda Machado

28/09/2020

CRIANÇAS, um dos grandes focos da professora Vanda Machado. Como não identificar a grande relação com a minha pesquisa? Ver/ter/saber o nosso papel como imprescindível na vida dessas crianças e jovens que estão ainda “verdes” nesse processo de construção é buscar cada vez mais mostrar o caminho para o lugar de voz de cada um deles, é fazer com que eles percebam a si mesmos, e se apropriarem do pertencimento, dos saberes, dos seres que eles são, podendo participar das questões sócio/político/cultural que fazem parte das suas vidas, e tudo isso com dignidade e solidariedade. Neste sentido, a educação por meio da arte vai além do universo pessoal e emocional do educando.

Para uma aproximação linear com nossas crianças, se faz necessário estabelecer vias de comunicação que possibilitem a relação consigo próprio, com a outra pessoa e com o ambiente que as cercam. Sobre esse aspecto a professora Vanda, traz o termo cosmopercepção, o qual aborda a reflexão de como uma pessoa percebe a outra, logo, como se percebe as relações.

Quando a professora convidada falou sobre encontrar a alma negra escondida pelo colonizador, fez lembrar-me de um aluno que chorou por ser negro, e de tantas histórias semelhantes, e ainda piores, que influenciaram e fortaleceram o que eu almejo com a minha pesquisa, que é justamente

ajudar a dar voz e visibilidade para que eles construam a percepção de si mesmo, assim como a transformação desses corpos pelo movimento e pelo afeto, afeto positivo, para que acontecimentos como esses, de chorar por ser negro, parem de existir. Movimento e afeto juntos para afetar esses corpos, para que entendam que estamos próximos nas diferenças e que a arte/dança tem esse poder incrível de lidar com a diversidade.

Entendo que o afeto tem dois lados, ele também pode maltratar um corpo, e é contra esse tipo de afeto, negativo, que tenho embate constantemente em minhas aulas. Ouvir a nossa convidada dizer: "podemos fazer um pacto de afeto que afirme nossa palavra", sem dúvida foi importante, e ainda é possível completar essa afirmação, promovendo pactos de afeto para que afirme o pertencimento, que é direito de cada um, que rompa com as barreiras das disciplinas que querem determinar o lugar de cada ser, que destrua esse panóptico que mantém essa vigilância em troca de uma docilização para que não sejamos capazes justamente de nos pertencermos e para não sabermos.

Que os afetos positivos ajudem as nossas crianças a se tornarem visíveis e que, ao conhecerem suas histórias e sua ancestralidade, possam mostrar-lhes quem são, o que podem ser e fazer.

"Nada lida mais com a diversidade do que a arte." Vanda Machado

Docente convidada: Sandra Pettit

05/10/2020

A dança chega a lugares que muitas vezes surpreende até a nós mesmos, artistas da dança. Ela é referencial de espiritualidade divina, da ancestralidade, da produção de conhecimento e, principalmente, ela é pertencimento. Trabalhar a dança em qualquer espaço nos permite ter e proporcionar todos esses referenciais; mas falando em particular da escola pública, essa ação tem uma dimensão tão inimaginável quanto necessária, porque é um lugar onde existem muitos corpos, ainda que inconscientemente, que precisam e buscam essas referências que possibilitarão o encontro com seu pertencimento.

Trabalhar com a dança, ainda com o pensamento na escola, possibilita o entendimento das culturas, das pretagogias, das várias africanidades mantendo relação da coletividade, dando a importância da intergeracionalidade entre os mais velhos e os mais novos e a ancestralidade, a afrodescendência, tão importante na busca do pertencimento.

As culturas são de extrema contribuição para os povos e é necessário que as pessoas entendam o quanto se deve a essas culturas. Contudo, quando Sandra Petit trouxe a visão do quanto a cultura dita popular não foi tida como importante para o pertencimento e acabou ficando genérica, ela demarcou um outro lugar de entendimento: a cultura popular negra ou indígena acabou sendo generalizada e sem contextualização, esquecendo-se da importância de cada cultura dentro da história ou dentro da diáspora negra, o que não acontece com as culturas europeias. Para que seja possível estabelecer o pertencimento e a contextualização cultural, entendo que seja necessário a cosmovisão, que vem como uma leitura feita para cada cultura na intenção de conhecê-la e conceituá-la. Esse foi meu entendimento de cosmovisão.

Um momento de descoberta para mim foi o da ALACRIDADE, termo usado por Muniz Sodré e que eu não conhecia até então. Entender a importância de se produzir de alegria para estar em coletividade e que isso é colocar o seu melhor em tudo que faz e participa. Levar a sério a alegria, pois essa ação na dança desconstrói o pensamento de que a dança é meramente diversão, algo lúdico que não permite que suas ações sejam levadas a sério. A alacridade também é investir na existência e na resistência, então, existir a dança, resistir com a dança dentro do processo de ensino-aprendizagem é uma forma de mostrar a importância dessa arte dentro do ambiente escolar.

A professora Sandra nos propôs pensar nas formas de existir, e compreender que todas elas se resumem em movimento. Estando dormindo ou acordado, até mesmo no silêncio, cada uma dessas formas nos permite existir de maneiras diferentes, e a alacridade é como uma força vital que

impulsiona e permite que o corpo entenda que estamos resistindo dia após dia.

Existimos e resistimos, ficamos tristes, mas não somos tristes; e mesmo com os diversos problemas que enfrentamos, não devemos permitir que as conexões vivenciadas dentro do pertencimento sejam cortadas, é necessário viver em coletivo, dançar com júbilo nas várias africanidades para continuarmos existindo.

É importante enxergar uma situação por mais de um ângulo, tendo mais de um entendimento para uma mesma conjuntura.

"É necessário entender a mesma coisa por lugares diferentes, por meios diferentes."

Sandra Pettit

Reflexões sobre:

- Pretagogia - pertencimento, transversalidade, espiritualidade, ancestralidade, produção didática. Não acontece sem a reflexão sobre o próprio pertencimento. É importante na relação com a dança/ancestralidade/africanidade. Trabalhar a dança na escola - possibilidades pretagógicas.
- Cosmovisão africana - a pretagogia está fundamentada nos valores da cosmovisão africana, como ancestralidade e valorização do pertencimento.
- Conexão - estar junto, estar no coletivo. O coletivo está em mim.

Docente convidado: Leonardo Sebiane

26/10/2020

Respirar, fragmentar, articular, integrar, leitura das partes de um todo e para um todo, o todo corpo, o corpo todo. Testemunhar a movimentação do próprio corpo usando essa prática como pesquisa para entender as corporeidades que se movem incentivadas a se movimentar por músicas, objetos, cheiros ou sabores que acionam a memória corporal.

O professor Leonardo trouxe a abordagem somático-performativa e a ideia de corporeidades mestiças como uma opção decolonial. Corporeidades que se movem incentivadas por estímulos externos que remetem a diversas sensações que nos conduzem ao movimento, servindo de impulso para a prática do corpo e sua pesquisa.

Uma dança para si como memorização do corpo, percebendo quais memórias invadem o corpo por meio de cada objeto sugerido. Tudo isso se deu em um processo de construção. Cada etapa proposta pelo professor Sebiane foi igualmente importante, a percepção, o olhar, o tocar, o sentir cada estímulo. Foram como partes de um caminho que levaria à ação de movimentar, que traria a alegria em se mover, ou como diria a professora Sandra Petit, a alacridade, a força vital que nos impulsiona e que nos faz dançar.

As sensações foram diversas e cada uma trazia um impulso diferente, as texturas, os cheiros, o sabor, as músicas, a relação com os objetos; estímulos que ativaram as memórias do corpo em busca de uma ação das corporeidades.

Importante reavivar memórias que inspiram o corpo no processo da sua própria escuta, permitindo que o movimento aconteça em um sistema articulado e aberto pensando no autocuidado.

Docente convidada: Lia Robatto

09/11/2020

A convidada trouxe diversas reflexões sobre o ato de coreografar. Para quem, para que coreografar e qual o seu significado, qual a missão de coreografar. Coreografar é um dos meios de comunicação por meio da dança que se dá a partir de um desejo, junto ao talento que pode ser desenvolvido e construído, devendo ser respeitado e ter significado para si mesmo.

É necessário que o coreógrafo, além do desejo e talento, tenha a predisposição para uma contrapartida, isto é, a capacidade de empreendedorismo, sendo produtor, captando recursos, definindo estética

e conceituando projetos. Nesse aspecto, é possível fazer relação, não com a minha pesquisa, mas com algumas das minhas práticas dentro da escola, diante do que envolve o processo coreográfico até chegar à realização das apresentações de dança, que envolvem esse empreendedorismo.

Foram realizadas experimentações com algumas atividades práticas que trabalharam expressão, metáfora corporal e gestual e a comunicação por meio de códigos, identificando os símbolos culturais universalizados e as formas de gesticular.

Em seguida foi iniciado um processo de criação de imagens a partir da interpretação subjetiva de um poema - Código - e na sequência um processo de criação e composição coreográfica em grupo. Foi apresentada e indicada como mote para a composição uma tabela dos fatores do movimento de Rudolf Laban - múltiplas interrelações, que faz parte do livro "Dança em Processo, a linguagem do indizível" (1994) da professora Lia Robatto.

Nessa ação foi possível explorar desenhos, linhas e formas, gestos metafóricos e imagem corporal significativa, finalizando em uma composição coreográfica com a soma dos movimentos criados durante o processo da prática.

Vejo relação como meu objeto de pesquisa no sentido de trazer os fatores do movimento de Rudolf Laban que compõem o marco teórico na minha pesquisa. Espaço, Tempo, Peso e Fluxo estão presentes nas ações que realizo em sala de aula por meio de atividades. A professora Lia Robatto pontuou a importância desse fazer com as crianças que se sensibilizam em realizá-las também.

Aula enriquecedora, com propostas voltadas a atividades com crianças e que incentivaram outras ideias para as ações. Trouxe reflexões que fazem parte de um processo da dança, que é o de coreografar, e tudo que envolve essa realização, algo que não é fácil, principalmente, quando se trata de um espaço onde existe um sistema que muitas vezes impede esse acontecimento ou tenta determinar como pode acontecer, fortalecendo as dificuldades que sempre são encontradas.

Docente convidada: Inez Carvalho

16/11/2020

Discussão sobre o texto "Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade" de Terezinha Froes

É importante sermos intelectuais, percebendo que para isso é necessário sermos teorizantes, de forma especial dentro de um mestrado profissional, onde tanto atuamos. É importante não só ouvir e ler, mas também sabermos questionar, concordar ou discordar, e assim selecionarmos o que cabe ou não dentro das nossas pesquisas e interesses, o que pode ser agregador diante dos nossos objetivos.

Quando a convidada, de uma forma descontraída, trouxe a fala de que é legal quando confundimos as leituras indicadas pelos componentes, e para isto usou termos como "mesclar", "trair" os autores, ela mostrou que desta forma também podemos construir nossas próprias teorias, e assim, estarmos no caminho de nos tornarmos seres teorizantes. Em razão disso, entramos na multirreferencialidade, à qual agregamos diversas informações nos tornando multirreferenciais também.

O texto também traz uma crítica à sociedade tecnológica, que acaba hierarquizando saberes.

Estamos constantemente criando, e as tecnologias digitais, que nos aproximam em termos de outras formas de produção de saberes, acabam nos instigando a acionar referenciais diversos. Isto abre as portas para a multirreferencialidade, revelando uma complexidade de contingências, informações, que, mesmo estreitando as relações, abre caminho para uma realidade colonizadora, a qual delimita a forma de ações dentro das tecnologias, trazendo a ideia de falsa liberdade no momento de exercer a autonomia de produzir saberes. As tecnologias também podem afastar outras possibilidades nessa produção.

Nós somos multirreferenciais e estamos imersos em uma complexidade de um processo contínuo de inserção tecnológica nas nossas ações, diante disto, estamos potencialmente acionando muitas referências para a produção de saberes. Porém, dentro da minha realidade de professora de

escola pública, ainda não é possível atingir de forma ampla estudantes que têm acesso extremamente limitado às tecnologias. Essa realidade acaba escancarando os dispositivos de poderes que, mais uma vez, impossibilitam que os sujeitos se tornem autônomos e capazes de reconhecer suas potencialidades.

Ainda assim, temos que perceber o quanto as tecnologias corroboram a produção de saberes e que amplia a multirreferencialidade. Mas é necessário que essa rede de saberes seja ampliada para todas as pessoas.

Docente convidada: Luciane Ramos

30/11/2020

“O que as pessoas pensam que fazemos nas universidades?”

Questionamento trazido pela convidada Luciane Ramos, para abordar esse outro jeito/caráter que o mestrado profissional apresenta. Foi discutido que, mesmo que a academia esteja em um movimento de reverberações, e inclusive de discussão política, ainda se percebe que existe um distanciamento considerável entre esta instituição e a sociedade. Entende-se que o caráter do mestrado profissional em dança é de uma pesquisa que está “junto/com” essa sociedade. Pensar em/fazer uma pesquisa implicada diz respeito a engajamentos políticos, logo, se está fazendo política.

Quando a professora Luciane versou a cerca da fala do literata João Rufino, que pergunta para as crianças: “Do que que vocês querem que eu fale?”, ela abordou uma outra forma de aprendizado. Questionar as crianças quanto ao que elas querem ouvir ou fazer, para saber o que elas esperam, assim é possível levar para elas o que querem e a partir daí também introduzir o que queremos e o que elas precisam. Uma articulação de conhecimento necessária para se produzir algo. Esse outro formato de articulação do conhecimento para uma aprendizagem significativa se entrelaça com minha pesquisa, uma vez que é necessário que a cada aula aconteçam trocas. Dar, receber, contribuir, estas são algumas das ações importantes para transcender as barreiras encontradas no processo de aprendizagem.

Muitas falas da convidada chamaram a minha atenção, porque percebi ligações com a minha pesquisa e com o que acontece nas minhas aulas. Falas como:

"A arte não dá só respostas, ela é uma maneira de lidar e engendrar a realidade."

"Produzir conhecimento tem cada vez mais significado, quando articulado com diversas áreas."

"O aspecto do acolhimento, a afetividade, o reconhecimento da ancestralidade para a continuidade."

"O amor fundamentado na experiência negra não é o amor romântico, é o amor que engendra, que é corpo todo, é duro e líquido."

"Circulação de conhecimento e aprendizado recíproco, que afeta e tem a ver com acolhimento."

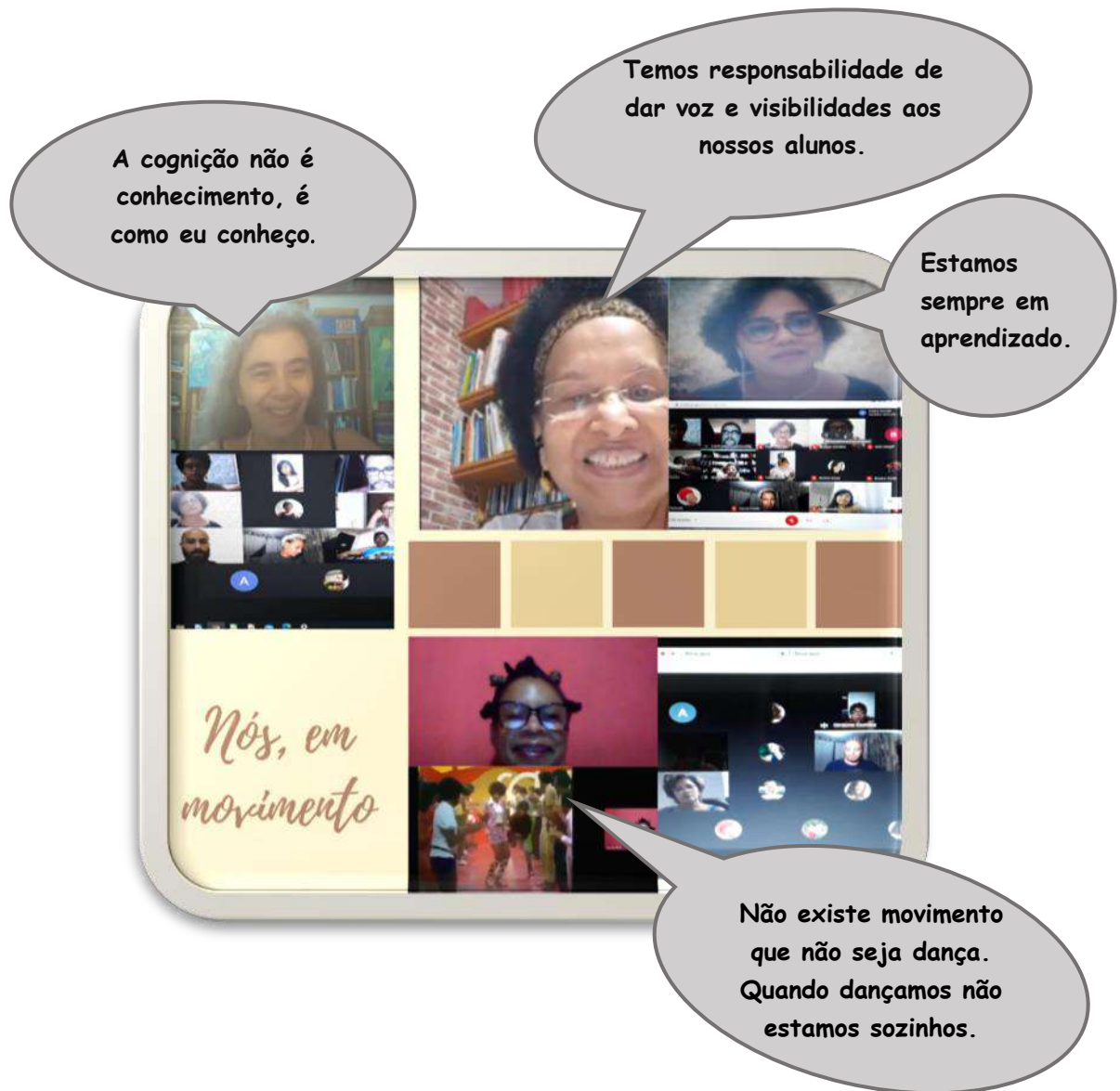
"A identidade não é uma pedra parada no tempo. As identidades são fluências."

"A arte não se separa da vida." Essa frase da Luciane me remeteu ao pensamento de Klaus Vianna, referência em minha pesquisa, que diz que quem dança é quem vive.



Docentes convidadas e convidado da disciplina Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade e suas falas

Figura 6 - Registros da disciplina Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade



*Somos
multirreferenciais
porque temos
múltiplas
referências.*



A Dança cura.

*Coreografar, o desejo
de se comunicar com
um ou com vários.*

*A arte não se
separa da vida.*



Atenta

*Desacelerar é
revolver camadas
para entender
outros sentidos.*

Fonte: Arquivo pessoal.

Portfólio
07/12/2020

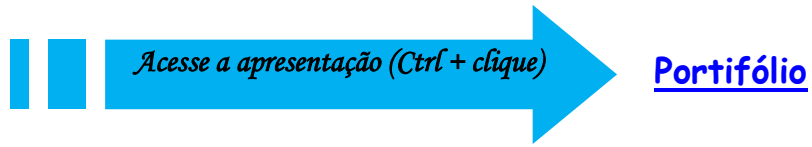


Figura 7 - Portfólio - registros dos encontros



Fonte: Arquivo pessoal.



❖ *Projetos Compartilhados* - 2021.1

Professor Dr. Fernando Marque Camargo Ferraz e professora Dra. Rita Aquino

Ementa: A articulação com a qualificação profissional em dança. É uma atividade voltada ao exercício de encontros regulares para discussão coletiva dos projetos individuais de prática profissional em dança.

Nota: 10

Relevância: Trocas, compartilhamentos, mudanças, desenvolvimento. Essa disciplina proporcionou encontros relevantes que estimularam novas ideias para avançar na pesquisa. Os docentes trouxeram materiais, falas e direcionamentos que ajudaram no entendimento do caminho para construção do projeto de pesquisa. Também acolheram as experiências, falas e questionamentos trazidos pelos estudantes, fortalecendo os projetos. A disciplina mostrou que o caminho da pesquisa pode ser sempre modificado ou argumentado, assim como é possível investigar outras questões. Somos atravessados por nossas pesquisas.

Figura 8 - Registros de momentos de compartilhamentos



Fonte: Arquivo pessoal.

Atividades Avaliativas Advindas da Disciplina

Elaborar uma carta para um/a colega da turma apresentando seu contexto de atuação profissional e os sujeitos nele inseridos

01/03/2020

Salvador, 03 de março de 2021

Querida Priscila,

Espero que esta carta te encontre bem, assim como todos e todas da sua família.

Muito bom escrever para você, espero que possamos nos aproximar um pouco mais, ainda que seja nesse formato virtual.

Vou te contar um pouco da minha história como arte-educadora. Atuo em escolas do município de Salvador há 13 anos, com alunos dos anos iniciais da educação básica. Digo a você que não é uma tarefa fácil, porém é possível encontrar momentos de felicidades e de esperança.

Digo para você que aulas de dança dentro da escola pública trazem desafios a cada dia, ou melhor, a cada momento do dia. Os comportamentos destes estudantes durante o processo do ensino da Dança, geralmente, são conflituosos e acabam interrompendo o fazer das aulas. Posso confessar para você que já tive momentos de querer sair correndo por não saber mais o que fazer diante de tantas brigas. Mas acabava sempre tendo que respirar fundo e intervir de alguma forma, para que não acontecesse algo de mais grave.

Ao observar constantemente esses conflitos, surgiu a ideia de uma intervenção maior e mais efetiva, a busca de estratégias e de intervenções criativas que pudessem proporcionar um melhor desenvolvimento das nossas aulas. Assim surgiu o projeto **TECENDO CAMINHOS PARA O CUIDADO DE SI: DANÇA NA ESCOLA PÚBLICA EM BUSCA DO RECONHECIMENTO E SUAS RELAÇÕES**.

Todas essas crianças vivem dentro de um difícil contexto social que interfere diretamente nas suas ações corporais e essas refletem na sala de aula. Por muitas vezes, isso me deixa triste, pois são ações que não têm

cuidado ou respeito com o outro. Então, proponho, nesse contexto, enfatizar a afetividade como meio de fortalecer as relações, entendendo que ela está inserida nos processos cognitivos.

Esses estudantes precisam ser reconhecidos e se reconhecerem. Eu acredito fortemente que a dança permite que eles tenham uma melhor percepção de si, de saber de ser e do seu pertencimento coletivo. O que você acha disso, Priscila?

Marques (1999) referencia contextos como uma rede sendo tecida em diferentes texturas, cores, tamanhos. Uma rede de dança e educação baseada nos relacionamentos, sentimentos e sensibilidades humanas. Inspirador, não é?

Assim vejo os meus alunos e alunas em diferentes cores e formas, e juntos e juntas iremos tecer essa rede, um processo que proporcionará o autoconhecimento, as formas de conhecer o mundo e fazerem seus próprios caminhos.

Digo para você, Priscila, que na prática não é totalmente romântico, mas, como te falei no início, existem, sim, os momentos felizes e é neles que me apego para continuar firme. Isto porque sei que nós artistas educadores temos sensibilidade de sobra para fazermos a diferença na vida de muitas pessoas, principalmente das crianças, essas crianças que necessitam tanto de afeto.

Adorei compartilhar com você um pouco do meu contexto de atuação profissional e dos sujeitos nele inserido.

Espero que tenha gostado também. Foi com muito carinho.

Se cuida e fica bem,

Rose Lima.

Responder à carta recebida, com o compartilhamento de ao menos um conceito/referência e a indicação de como esta poderá contribuir para sua prática profissional nas suas ações e proposições

08/03/2020

Salvador, 12 de março de 2021

Linda Priscila!

Fiquei muito feliz em ler sua carta. Consegui identificar semelhanças entre nossos projetos, apesar de trabalharmos com sujeitos diferentes. Quando você traz que a proposta apresentada ao programa é fruto das suas inquietações, me senti no seu lugar de fala, uma vez que meu projeto também foi motivado por inquietações dentro da sala de aula.

Entendo perfeitamente quando você fala da dificuldade por falta de apoio dos governantes, da sociedade e da desvalorização como artista mulher. Mas, principalmente, percebo sua dedicação em continuar lutando por essa valorização, e me emociona quando escreve da sua tentativa de "proteger essa beleza que é ser quem nós somos". Essa sua fala também motiva a minha caminhada, na qual busco meus objetivos com as crianças das escolas em que trabalho, no sentido de potencializar o seu pertencimento coletivo. Sim, estar no grupo do mestrado nos fortalece, nos motiva e nos inspira, percebemos que não estamos sós diante dos desafios que encontramos todos os dias. E como você mesma falou, mantemos a chama acesa.

Cinquenta aulas por mês nesse contexto atual? Uau! Confesso que eu estaria feliz em estar assim, apesar de que estou trabalhando muito, mas de uma forma que não é a que eu gostaria. Não tenho meus alunos de forma online, isso é muito difícil de acontecer na rede pública, como você pôde ouvir na nossa última aula em Projetos compartilhados. Aproveito para lhe dizer o quanto sinto falta das aulas presenciais, de ter o aluno perto, de poder ouvi-lo, acolhê-lo e de poder ajudar na descoberta de si mesmo trilhando novos caminhos por meio da dança.

Um outro ponto em que achei que convergimos em nossas aulas é o fato de fazemos de tudo um pouco, figurino, maquiagem, escrita, desenhos... a

Dança nos leva a todos esses caminhos, nos faz múltiplos e multiplicadores. Nesse sentido, consigo ver em você uma sensibilidade linda; ainda mantém um grupo de estudos que agrega, que une e acolhe.

Tem uma frase do Klauss Vianna que uso como referência nas minhas ações com meus alunos(as): "Não decore os passos, aprenda o caminho". Entendo que muito mais que decorar uma sequência de passos, é vivê-los; mais que copiar um movimento dado, é dança-lo. Assim, sugiro que você conheça "A Dança", de Klaus Vianna, caso ainda não conheça. Espero que ajude nas suas ações.

Foi realmente um prazer conhecer um pouco da sua proposta. Siga, siga firme com essa chama que tanto ilumina.

No mais, me despeço por aqui deixando meu carinho.

Rose Lima.



Elaboração do esboço do resumo para a ANDA

15/03/2020

Dança com crianças em ambiente escolar público de conflito: por uma tessitura de caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais

Rosecleide Lima Bispo (UFBA)

Dança em Múltiplos Contextos Educacionais: práticas sensíveis do movimento

Resumo: Este artigo é parte de pesquisa em andamento no Mestrado Profissional em Dança vinculado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA). Trata do reconhecimento do ambiente escolar como um ambiente de conflito. O objetivo geral é tecer caminhos em modos de ações de danças, para fomentar o cuidado de si e das outras pessoas, para assim, diminuir e/ou saber lidar com os conflitos. Um mundo em conflito, em competição, em desinformação, de descuido com as crianças da escola pública cria, na maioria das vezes, modos conflituosos de agir e de dançar. É relevante considerar o cuidar de si, do outro, da outra, como ação provocadora no processo de ensinoaprendizagem em Dança. Como procedimentos metodológicos, são adotadas estratégias e intervenções teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos. As principais referências são bell hooks (2017)¹, para tratar de uma educação libertadora; Foucault (2004), para abordar o cuidado de si e a prática da liberdade; Santos (2017, 1996), com referência para a questão do acesso aos conhecimentos; Isabel Marques (1999) e Klaus Vianna (2008) que auxiliam na efetivação dessas argumentações em modos de Danças. Espero desenvolver metodologias, nas aulas que já venho realizando, que possam promover novas propostas que viabilizem a prática da liberdade em prol da diminuição de conflitos como uma sistematização a ser elaborada.

Palavras-chave: Dança. Escola. Cuidado de si. Relações interpessoais. Contextos.

Abstract: This article is part of a work in progress for the Master in Professional Postgraduate Program in Dance at the Federal University of Bahia school of Dance UFBA – PRODAN. It deals with the recognition of the school environment as a conflict environment. The general objective is to weave paths into dance action modes, to foster care for oneself and other people, in order to reduce and/or know how to deal with conflicts. A world in conflict, competition, misinformation, carelessness with public school children, creates, in most cases, conflicting ways of

¹ Registra-se que neste artigo utiliza-se a grafia do nome da escritora bell hooks, em letras minúsculas, em respeito à forma de apresentação adotada por ela. A autora afirma que suas ideias e o conhecimento, a substância de seus livros é mais importante do que quem ela é, utilizando essa justificativa para escrever seu nome somente com letras minúsculas.

acting and dancing. It is relevant to consider taking care of oneself, and others, as a provocative action in teaching/learning process in Dance. As methodological procedures, I use theoretical-practical strategies and interventions, stimulating critical reflections/actions and creatives that are sensitive to bodies. The main references are bell hooks (2017) to address a liberating education, Foucault (2004) to address self-care and the practice of freedom, Santos (2017,1996) brings reference to the issue of access to knowledge, Isabel Marques (1999) and Klaus Vianna (2008) help to make these arguments effective in dance modes. I hope to develop methodologies in the classes I've been doing, which can promote new proposals that make the practice of freedom viable in favor of reducing conflicts with a systematization to be elaborated.

Keywords: Dance. School. Take care of yourself. Interpersonal relationships. Contexts.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Dança, cujo desenvolvimento ocorre na escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, na cidade de Salvador, Bahia, com crianças diversas que vivem dentro de um contexto de vulnerabilidade social, em que são promovidas experiências de exclusão, invisibilizando corpos tão potentes e que necessitam ser percebidos e valorizados.

Iniciei minha prática artísticopedagógica com o ensino da Dança na educação básica em 2008, ao longo desses anos, como professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador, me senti provocada a buscar novas ações fortalecedoras que pudessem contribuir para uma melhor realização das aulas de dança, as quais geralmente são interrompidas por questões de conflitos entre estudantes. Frente tal cenário, inicio o Mestrado Profissional em Dança tentando ampliar conhecimentos que corroborem para aprofundar o olhar sobre como proceder melhor em questões tão pertinentes no meu fazer profissional.

Nesse íterim, proponho desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam proporcionar a redução dos conflitos, e/ou saber lidar com eles, dentro do processo de ensinoaprendizagem da Dança, considerando o cuidado de si e das outras pessoas, como pressuposto para uma transformação dos corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar. Nesta perspectiva, Foucault (2004) afirma que quem cuida de si na iminência de saber quais são os seus deveres descobrirá que mantém com as outras pessoas a relação necessária, isto é,

uma relação na qual não negligencia as outras pessoas, nem se abusa do poder que se pode exercer sobre elas.

Uma forte razão para que as relações em Dança aconteçam é a importância de que estudantes possam se dispor a olhar, tocar, falar, dançar em solo e/ou em grupo. É relevante também para essas relações que antes de tudo se conheça o corpo, sua anatomia básica. Miller (2007) diz que a Técnica de Vianna entende que, antes de aprender a dançar, é necessário perceber como o corpo é, como funciona, quais limitações e possibilidades. Obviamente a forma presencial física dentro do espaço da sala de aula é mais eficaz para que seja possível uma comunicação mais plena. Nas aulas presenciais, é mais possível perceber o quanto as estratégias propostas podem contribuir para a redução dos conflitos, pois é possível articular modos de ações que viabilizem o autoconhecimento, o autocuidado e aproximação dos corpos.

A expectativa é de que essas ações no dançar e educar oportunizem o fortalecimento da cidadania cultural para todas as pessoas, sem que haja nenhuma forma de exclusão e que todos os contextos sejam respeitados dentro e fora do ambiente escolar. Para tanto, as estratégias e intervenções nas aulas de dança, podem transformar, no sentido de emancipar crianças tão diversas e adversas a partir da prática de liberdade sem exercer poder sobre as outras pessoas.

2 CUIDADO DE SI, RELAÇÕES, CONTEXTOS, CONFLITOS

Segundo Foucault (2004), práticas de liberdade são necessárias para que as pessoas e uma sociedade possam estabelecer para elas próprias formas consideráveis e adequadas da sua existência ou da sociedade política, sem sugerir liberdade como prática de poder. A liberdade não deve ser necessariamente entendida como forma de liberação, pois, segundo Foucault (2004, p. 265), “[...] a prática de liberação não basta para definir as práticas de liberdade”. Para que as pessoas junto à sociedade estabeleçam maneiras consideráveis e adequadas da sua existência ou da sociedade política são necessárias as práticas de liberdade, caso contrário, a liberação abrirá caminhos para as relações de poder. O autor diz ainda que um exercício de si sobre si mesmo é aquele por meio do qual se busca, se compõe, se modifica e se alcança uma determinada forma de ser. Assim, é possível perceber o cuidado de si e pressupor que esta ação irá fomentar as práticas

de liberdade, que poderão romper com repressões que impedem uma relação respeitosa, positiva e integral consigo mesmo e, conseqüentemente, com as relações interpessoais.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...], mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2004, p. 269)

Ao cuidar de si, os(as) estudantes estarão promovendo o seu próprio cuidado, junto a isso, estarão também tecendo caminhos nos quais deverão conhecer princípios, especificações ou determinações que deverão ser seguidas para que assim as relações interpessoais sejam respeitadas em todo o ambiente escolar. Na intenção de fortalecer as questões de práticas de liberdade, hooks (2017) fala que uma educação, para ser prática de liberdade, não basta que apenas os(as) estudantes sejam os únicos a partilharem suas histórias, ou seja, é importante que professor(a) também esteja disposto(a) a partilhar suas experiências, reforçando, assim, que uma pedagogia engajada não trata de preparar só os(as) estudantes. “Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo” (hooks, 2017. p. 35).

Paulo Freire (2020) fortalece este trabalho no sentido da aproximação de uma educação libertadora, a qual transforma, potencializa e politiza as pessoas, inserindo-as na sociedade. “Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma idealização a mais da liberdade.” (FREIRE, 2020, p. 14). “Antes de tudo, é preciso colocar os alunos na sala de aula. [...] É necessário começar por aí, porque senão a tendência é que as pessoas permaneçam distantes, sem tomar consciência do corpo e do ambiente” (VIANNA, 2008, p. 132). O espaço da sala de aula é um lugar onde se trabalham as estratégias que contribuem para um melhor desenvolvimento corporal, bem como a busca por uma melhor relação interpessoal, ou seja, aproximar as relações. Dentro deste espaço, consentir a fala é uma das formas pelas quais o ser humano se localiza no mundo, assim o corpo interpreta o que está sentindo (VIANNA, 2008).

Para hooks (2017) o simples fato de ouvir /escutar com atenção cada voz, consolida a capacidade de um aprendizado em conjunto. Ouvir as vozes e relacioná-las com nossa experiência pessoal possibilita que fiquemos mais conscientes uns dos outros. Essa ação dentro da sala de aula pode permitir a aproximação das relações, dos contextos diversos e dos acolhimentos entre todos e todas no ambiente escolar público.

A partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado. Esses momentos narrativos são, em geral, o espaço onde se rompe o pressuposto de que todos nós partilhamos as mesmas origens de classe e os mesmos pontos de vista. (hooks, 2017 p. 247)

Santos (1996, p.16) diz que “[...] o passado foi sempre concebido como reacionário e o futuro como progressista”. Por conta deste progresso, as vidas de muitas pessoas foram degradadas e, ainda hoje, essa mesma teoria histórica gera conflitos e sofrimento humanos, pois as condições de vidas e as possibilidades de liberdade foram destruídas. Nesta perspectiva, é possível identificar que a maioria dos conflitos gerados dentro da sala de aula são provocados, também, por uma falsa sensação de poder que os(as) estudantes tentam impor uns aos outros, promovendo uma competição entre si, para que possam tirar alguma vantagem sobre alguma situação causada.

Essa realidade pode ser constituída por meio de exemplos dentro da sociedade, nas mídias, nas redes sociais e até mesmo dentro do próprio ambiente familiar. Dessa forma, penso ser necessário uma reorientação dessas ações conflituosas e proporcionar estratégias que possam tentar reverter essas situações que interrompem as aulas de dança. Assim, ressignificar as relações interpessoais dentro do ambiente escolar público, mais especificamente na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, podem reverter as situações de conflitos. Para isso, é importante considerar os diversos contextos de vida dos(as) estudantes como elementos importantes dentro do processo de ensinoaprendizagem.

Diante do quantitativo de estudantes negros e negras dentro da escola, se faz necessário também incluir as questões afrocentradas, com o interesse de promover o autorreconhecimento por meio de diretrizes históricas e culturais. Uma vez que, promover conhecimento com base em valores e ideais africanos e na ancestralidade, possibilita se identificar como pertencente a um contexto histórico

sem depreciar ou ignorar os demais contextos. Neste viés, Santos Júnior (2010, p. 3) refere-se aos termos afrocentrado ou pessoa afrocentrada como aqueles que “[...] dizem respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem nenhum desmerecimento às outras”. Da mesma forma, é também relevante tratar de assuntos referentes à filosofia afroperspectivista, que, segundo Nogueira (2015), trata-se de uma abordagem filosófica plural, que identifica a presença de diversas perspectivas. Um dos modos de definição desse termo diz que “[...] a filosofia afroperspectivista define o pensamento como movimento de ideias corporificadas [...]” (NOGUEIRA, 2015).

O corpo está sempre em construção e em produção de conhecimento, nesse processo é possível produzir ações afroperspectivistas por meio do movimento. Essas ações podem permitir perceber que o corpo tem possibilidades de acesso a diversas centricidades, ou seja, a várias perspectivas e assim, escolher seu próprio caminho e se reconhecer pertencente das suas escolhas. Trabalhar a educação por meio da Dança com base também na afroperspectiva, isto é, uma educação policêntrica, possibilita o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade, capaz de atuar politicamente, socialmente e culturalmente. E assim escolher seu caminho e protagonizar sua história, em relação a diversas perspectivas.

Ao abordar a infância e as ações do cotidiano escolar, Nogueira e Barreto (2018) discutem o tema infancialização, sendo que, em modos afroperspectivistas, “[...] infancializar é tomar a infância como experiência, ou ainda, um tipo de potência criativa para estabelecer a relação com o mundo” (NOGUEIRA; BARRETO, 2018, p. 17). Assim, é possível percorrer diversos caminhos e por meio deles descobrir, perceber, identificar e se relacionar com situações do mundo que não são comuns a todas as pessoas.

Estes(as) estudantes, em sua maioria negros(as), como já foi dito, têm acesso limitado a novas informações e uma das razões é devido às dificuldades que atravessam a vida social e cotidiana. Essa limitação – que faz parte do contexto de vida desses estudantes – infelizmente também influencia no desenvolvimento cognitivo. Santos (2017) aponta que formas de conhecer e entender o mundo foram tornadas imperceptíveis devido à racionalidade da ciência moderna e colonialidade dos saberes, fatos que trazem consequências para a educação.

A falta de alcance a novos conhecimentos acontece junto a uma estrutura social racista e colonial, que exclui e não permite esse acesso. O professor

Boaventura de Sousa Santos (2017) apresenta o pressuposto de que a injustiça social está inserida na injustiça cognitiva. “[...] já que o conhecimento científico não está distribuído equitativamente, as intervenções no real que ele privilegia tende a ser aquelas fornecidas por grupos sociais que detém acesso a ele.” (SANTOS, 2017, p. 158). Esta afirmação acena para a compreensão do quanto é necessária a equidade de oportunidades na construção do conhecimento de cada pessoa, da comunidade e da sociedade.

Compreender a cognição como um processo de conhecer o mundo, potencializa as aulas de dança. “Cognição é ignorada enquanto processo que se constitui na própria ação [...]” (RENGEL, 2007, p. 68). Diante desta reflexão, é possível entender que cognição é o corpo em ação, um corpo com habilidades sensório-motoras, tão necessárias no/para desenvolvimento humano.

[...] pois não há como separar os processos todos e, os que não se conhecem ainda, do processo da cognição. Por mais que possamos investigar e nomear percepção, razão, sentimento, sensação, tais processos não são mutuamente excluídos (RENGEL, 2007, p. 71)

O corpo está sempre em construção de conhecimento e em busca do seu conhecimento próprio. Acredito que no universo escolar público, é primordial que ferramentas sejam oferecidas para o desenvolvimento de possibilidades que esses corpos já trazem consigo. Assim, é possível propiciar um (re)conhecimento individual e promover as relações múltiplas. Desta forma, entender que a cognição também é construída nas relações, na forma de conhecer o mundo e de como conhecemos. Por ser um processo afetivo, físico, sensório-motor, intelectual, a cognição é corpo, corpomente – corponectivo, na terminologia de Rengel (2007). Neste caminho, não se pode descartar as histórias que os corpos levam para a sala de aula, suas experiências, que influenciam e são influenciadas, justamente por terem formas diferentes de estar o corpo.

A observação e a análise dos processos dos movimentos dentro das aulas são de suma importância, visto que crianças e pré-adolescentes vivem dentro de uma realidade sócio-político-cultural que influencia nas suas atitudes e movimentos que reverberam, obviamente, na sala de aula. É perceptível que os(as) estudantes trazem consigo seus próprios contextos, os quais precisam ser considerados durante as aulas de dança. É importante também propor um trabalho no ambiente

educacional apoiado no contexto dos(as) estudantes, como premissa e algo a ser desenvolvido, desconstruído, transformado e problematizado enquanto ação educativa na área de Dança. Segundo Marques (1999), uma situação educacional fundamentada nos contextos dos(as) estudantes é o ponto de partida para um movimento educacional transformador na área de Dança. Assim, o(a) professor(a) pode ampliar sua capacidade de proporcionar diversos caminhos para que os(as) estudantes construam/reconstruam um mundo mais significativo.

Ao trabalhar com contexto, vejo uma imensa rede sendo tecida com diferentes texturas, cores, tamanhos, estruturas, complexidades. Esta rede de dança e educação, baseada nos relacionamentos entre os conteúdos da dança, os alunos e a sociedade, absolutamente não ignora os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos” (MARQUES, 1999, p. 94).

Nesse viés, é importante perceber que o processo de ensinoaprendizagem acontece também na relação entre estudantes que trazem suas histórias e estão entrepostos em contextos de vida próprios. Assim, esse processo vai ocorrer na relação entre eles(as) em uma constante troca e coletivização de experiências e saberes. Ao buscar fortalecer as relações dentro de diversos contextos, é necessário permitir que os(as) estudantes encontrem caminhos que proporcionem o cuidado de si. Para isso, segundo Foucault (2004), é necessário se conhecer, ou seja, só é possível cuidar de si, se conhecendo. “O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 270).

Importante perceber que o cuidado e as práticas de si pressupõem as relações com os outros, sendo possível transformar-se para conquistar um modo de ser emancipatório, para cuidar de si mesmo e permitir a constituição das relações. Assim, proporcionar o bem do outro, a partir da sua própria forma de se conduzir, ministrando as práticas de poder e com isso estabelecer o respeito nos relacionamentos. Cuidar de si mesmo(a) significa também relacionar-se com as outras pessoas. Relevante também problematizar os elementos coercitivos que compõem as práticas de poder em uma dimensão estrutural que muitas vezes corroboram para a ausência da prática de liberdade e o cuidado de si. O cuidado com os(as) estudantes e suas relações, que se estende a um contexto dentro e fora da escola, está diretamente ligado às minhas ações dentro das aulas.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-político -, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: [...] (FOUCAULT, 2004, p. 269)

Conhecer a vida cotidiana do(a) estudante, de forma que possibilite estreitar a relação aluno/professor/aluno/ambiente escolar, é importante para contribuir com um melhor desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro e fora da escola. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.” (RENGEL, 2009, p. 3). Por isso, a importância da aproximação dos contextos diversos desses(as) estudantes, para que favoreça a comunicação entre os copos.

[...] Todo conhecimento é uma prática social de conhecimento, ou seja, só existe na medida em que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando em um campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas por titulares de formas rivais de conhecimento. (SANTOS, 1996, p. 17)

Ainda segundo Santos (1996, p. 17), “[...] só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição do presente. [...] essa desestabilização é a razão de ser de um projeto educativo político emancipatório.” Neste aspecto, uma educação emancipatória é aquela que visualiza e lida com os conflitos, para que estes desestremem as ideologias de poder e promovam, por meio dessa educação, relações democráticas em uma sociedade emancipatória e justa. Os conflitos não podem ser banalizados ou ignorados, eles devem ser considerados para que sejam cada vez mais amenizados com o intento de que por meio dessa educação – educar para contestar – seja possível desfazê-los. Estes conflitos, que por sua vez foram arraigados em um passado que se faz presente, devem provocar a necessidade da recuperação da dignidade humana, tão necessárias para os(as) estudantes.

Santos (1996) indica uma educação emancipatória para uma aprendizagem de conhecimentos conflitantes. Mostra que a sala de aula deve ser um espaço com possibilidades de conhecimentos, que trabalhe os conflitos da sociedade. “Os conflitos sociais são, para além do mais, conhecimentos de conhecimento.” (SANTOS, 1996, p.17). No entanto, a própria estrutura física da sala de aula não ajuda para que aconteça uma educação de qualidade: salas pequenas, sem

ventiladores, muitas vezes sem janelas e com cadeiras. Situações que também promovem os conflitos e não permitem que a sala de aula seja um local que possa promover os conhecimentos de forma adequada e digna, prejudicando, assim, o processo de ensinoaprendizagem.

“A técnica de Klauss Vianna pressupõe que, antes de aprender a dançar, é necessário que se tenha consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais suas limitações e possibilidades [...]” (MILLER, 2007, p. 51). A sistematização da técnica de Vianna possibilita desenvolver processos que promovem a transformação gradativa, considerada de ausência corporal para presença corporal. Os estudos do autor apontam que, para dançar, é necessário que o corpo esteja inteiro – reconhecendo a unidade corpo e mente – da mesma forma que dizem que a história e a singularidade do corpo fomentam a criação artística (VIANNA, 2008). Nesta perspectiva, as experiências vividas nas aulas com os(as) estudantes sinalizam a importância de possibilitar que estes(as) (re)conheçam e descubram suas possibilidades e suas identidades, estas, sendo compreendidas como o pertencimento a uma coletividade, muitas vezes sufocadas pela própria vida que levam fora dos muros da escola.

Entender a identidade como pertencimento coletivo, implica ter e ver a si mesmo como parte de um coletivo no qual é possível expressar seus sentimentos, valores, ideias, medos e anseios. Sentir-se pertencente a um determinado lugar e ao mesmo tempo sentir que esse lugar lhe pertence, possibilita interferir nas direções que este lugar pode seguir, bem como conquistar outros espaços (AMARAL, 2006).

O sentimento de pertencimento também pode ter relação com a noção de participação. Na proporção em que um grupo se sente dono da ação em desenvolvimento, o que for sendo construído e transformado de forma participativa e colaborativa, poderá desenvolver a co-responsabilidade, e assim, os resultados alcançados pertencerão a todos(as) desse grupo. Ao se apropriarem desse pertencimento estes(as) estudantes promovem também sua própria autonomia e liberdade, podendo se situarem, se descobrirem e se posicionarem, fortalecendo a coletividade. Conforme sinaliza Freire (2020):

Quando alguém diz que a educação é a afirmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é, quando as toma por sua significação real – se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação. (FREIRE, 2020, p. 12)

De acordo com Laban (1978), o movimento humano é composto pelos mesmos elementos, seja na arte, no trabalho ou na vida cotidiana, e seus estudos sobre estes componentes e sua utilização levam o homem a se movimentar. “A Arte do Movimento” de Rudolf Laban se origina do entendimento de que corpo e a mente são indissociáveis, ou seja, fazem parte de uma mesma realidade (RENGEL, 2006). Com um trabalho direcionado principalmente para a Dança como meio de educação, aborda formas de utilizar e criar o movimento, favorecendo um desenvolvimento amplo de cada pessoa. Sendo assim, a utilização do método de Laban no ensino da Dança na escola pública é muito importante, pois indica diversas possibilidades para trabalhar as ações do movimento dentro do processo educacional e com isso trabalhar a consciência corporal destes estudantes, bem como caminhos para conhecer, explorar, sentir e expressar-se. Junto a isso, é importante considerar a história de cada estudante, bem como seu processo individual.

3 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES

Desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam transformar os corpos por meio do cuidado de si e oportunizar a diminuição dos conflitos no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola pública implica observação e problematização das ações divergentes, que são recorrentes na sala de aula. Desta maneira é possível direcionar caminhos que ajudem a trabalhar com a pluralidade de corpos, dentro deste ambiente.

As estratégias serão usadas como meios, habilidades – previamente estudadas – como tentativa de contornar, lidar e/ou amenizar as dificuldades encontradas durante as aulas devido aos conflitos entre os(as) estudantes. Com as intervenções, proponho atuar nas possíveis situações de conflitos, na tentativa de modificar os resultados negativos gerados por eles, como por exemplo, que os(as) estudantes se machuquem ou que a própria aula não possa continuar por uma situação inesperada. Essas intervenções acontecem antes mesmo de levar as crianças para a sala de aula; o olhar, tocar na mão, abraçar, escutar são ações importantes e necessárias que podem diminuir a violência entre os(as) estudantes antes e durante as aulas.

As ações propostas em sala de aula decorrem dentro de uma metodologia que incorpora estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e

criativas que sejam sensíveis aos corpos frente não só ao cotidiano, mas ao mundo em que vivem, bem como concepções referentes à socialização e ao compartilhamento de conhecimento. Dentre as ações estratégicas, estão jogos de relações espaciais, danças diversas, pinturas, desenhos, leitura de textos, apreciação de vídeos, rodas de conversas, escolha de músicas, o toque, a conversa.

Esse caminho metodológico considera a opinião dos(as) estudantes e seus contextos de vida, bem como seus processos de construção, criação e expressão. Esta pesquisa decorre dentro de uma abordagem qualitativa, que proporciona perceber a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que por meio dela também é possível cuidar de si. Trabalhar a Dança na escola pública envolve uma constante busca por um reconhecimento de corpos. Neste sentido, promover as aulas de dança dentro de uma perspectiva de cuidado consigo e conseqüentemente com o outro(a) pode proporcionar o próprio autoconhecimento. Junto a esta concepção, é possível também resgatar e fortalecer o respeito nas relações com os outros, por meio da prática de liberdade, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação com o contexto da escola e seu ambiente comunitário.

As aulas de dança, na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos aconteciam de forma presencial desde fevereiro de 2019, sendo interrompidas em março de 2020 devido à pandemia da Covid-19. Naquele período, foram desenvolvidas nas aulas ações que envolviam exploração de diversos materiais como: o uso de figurinos, escolha e apreciação de vídeos e músicas, momentos de criação individual e em grupo, rodas de conversas, desenho, pintura, leitura de textos, danças diversas, jogos de relações espaciais, exercícios com base nos Fatores do Movimento de Rudolf Laban e na técnica de Klauss Vianna.

As ações realizadas sempre contam com a participação dos(as) estudantes, para que cada um(a) se sinta pertencente aquele lugar e colaboradores(as) nas atividades. Também havia o cuidado de que as aulas fossem sempre de forma lúdica e criativa, para que fosse possível alcançar o interesse e a participação das crianças. Outro fator importante nas aulas é que não seja vista como algo obrigatório, quando um(a) estudante diz que não quer fazer, busco uma alternativa para ele(a), incumbindo-lhe de alguma função que ajudará a mim e aos colegas. Dessa forma ele(a) se sente participante e pertencente àquele grupo e, na maioria das vezes, acaba decidindo fazer a aula, mesmo que este processo leve alguns

dias. Essa é uma estratégia para envolver o(a) estudante no processo da aula de dança.

De acordo com as experiências vividas durante esses processos e com a abordagem das estratégias utilizadas, está sendo feito um levantamento bibliográfico, leituras, discussões, com a intenção de sistematizar as informações, de forma que possam contribuir no desenvolvimento das aulas de outros(as) profissionais da Rede Municipal de Ensino. Holliday (2006) coloca “[...] a sistematização como um fator indispensável e privilegiado para a nossa própria formação [...]”. Neste caminho, é pertinente sistematizar as ações que corroborem para o desenvolvimento das aulas, enquanto estratégias facilitadoras no percurso do ensinoaprendizagem da Dança. Compartilhar as ações experimentadas poderá contribuir para amenizar as dificuldades encontradas durante o ensino da Dança dentro da escola pública, bem como ampliar e fortalecer a práxis pedagógica, na busca para a superação dos conflitos e assim fortalecer as relações interpessoais.

[...] Nossas experiências se convertem, graças a ela, na fonte mais importante da aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossas práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda a realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação. (HOLLIDAY, 2006, p. 37)

Este trabalho proporciona perceber não só a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que por meio dela também é possível cuidar de si, do outro, da outra e fortalecer o respeito nas relações interpessoais.

4 UMA DANÇA DE LONGO CAMINHO ATÉ SER DANÇADA

Nas aulas presenciais a falta de espaço físico adequado e de materiais que possam auxiliar para um melhor desenvolvimento sempre dificultaram as ações propostas. Assim, nunca foi fácil produzir a construção de conhecimento, pois é necessário estar sempre na busca pela superação dessas e de outras dificuldades encontradas em outrora. Acerca dessa realidade, decorre uma pandemia que potencializa tais dificuldades. “Quando a crise se torna permanente, transforma-se na causa que explica tudo” (SANTOS, 2020, p. 5).

A chegada da pandemia por Covid-19 tem reafirmado obstáculos vividos em diversos âmbitos, acentuando as diferenças existentes na educação básica pública. Com isso, mudanças emergenciais foram necessárias e por sua vez preceituaram um educador que precisa se reinventar e se adaptar às novas tecnologias em busca da transformação, para que seja possível alcançar os(as) estudantes de alguma maneira. Porém, é muito difícil esse alcance, devido à falta de acesso às novas tecnologias, por parte da maioria destes estudantes, o que torna o ensino da Dança ainda mais desafiador.

A escuta e observação dos comportamentos de estudantes de maneira mais aproximada, uma vez que existia a presença física, era relevante no processo da Dança dentro da sala de aula. A incursão de um vírus que interrompeu as aulas presenciais dificultou ainda mais os processos que permitem a construção de conhecimento.

No momento em que a pandemia se instalou, houve um longo período de suspensão, primeiro porque não se sabia ainda muito bem quais ações seriam feitas para que fosse possível a realização das aulas. Em seguida, iniciou-se uma organização para colocar em prática as ações pensadas e assim retomar as atividades de Dança. E que Dança seria essa? Qual o caminho que essa Dança iria seguir? Como trabalhar o cuidado de si, as relações e os conflitos a partir dessa nova realidade?

Sendo a Dança uma arte que necessita de artefatos, como espaço mínimo que permita a mobilidade das pessoas, a dificuldade para preparar as atividades se tornaram ainda maior. A grande maioria dos(as) estudantes não tem espaço suficiente em suas residências para mover-se, isso influencia na mudança rotineira de criar possibilidades na construção de conhecimento por meio das atividades propostas. Buscar constantemente mecanismos que diminuam essa disparidade é desafiador, exaustivo e perpassa por um fazer diário intenso com tentativas de adaptar a prática ao contexto atual.

Para Rengel (2007, p. 38) “[...] corponectar, denomina a atividade de entrar em conexão com algo, com um corpo que já é corponectivo”. Nesse sentido, o grande desafio foi/está sendo como corponectar estes(as) estudantes à nova realidade. Infelizmente, as aulas em formato síncrono não foram possíveis. Meu trabalho atual, nesse momento tão difícil, está sendo por meio de atividades que são enviadas para o e-mail da escola, impressas e entregues aos pais ou responsáveis

para que cheguem até as crianças. Uma semana após receberem, essas atividades são devolvidas – aguardam um tempo na escola para cumprir uma quarentena – e só assim, depois desse longo caminho, tenho retorno dessas atividades para que sejam observadas. É dessa forma que tento conectar estes(as) estudantes à nova realidade de ensino na educação básica e propor essa Dança que percorre um longo caminho até que seja dançada.

Nas atividades, proponho exercícios de Dança utilizando ideias que já trabalhava com eles(as) no ensino presencial, nas quais tento tratar de conflitos, de competição, de cuidado de si, de movimento. Mas, obviamente, o retorno não é o esperado, não tem como garantir que de fato, estes(as) estudantes tenham condições adequadas que permitam o desenvolvimento das ações propostas e obtenham alguns resultados. O retorno das atividades é também por meio da escrita dos(das) estudantes, que interpretam como é possível – pois, muitas vezes não têm ajuda de um(a) adulto(a) para orientá-los(as) – e respondem como podem e do jeito que conseguem. Mesmo nessa Dança distante, busco levar os mesmos ensinamentos de quando as aulas ocorriam no modo presencial, obviamente as ações são outras formas de aproximação, ainda que seja por meio da escrita, pois, segundo (RENGEL, 2009, p. 2) “Dança é linguagem que se codifica em muitas línguas, todas inter, multi e transdisciplinares. Transdisciplinares no sentido que se transpõe, se transpassam, se hibridizam”.

Rosecleide Lima Bispo
UFBA

rosemelrml@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA;
Membro do grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças; Especialista em Atividade Física e Saúde (UFG); Professora de Dança na rede municipal de ensino da cidade de Salvador.

Dra. Lenira Peral Rengel
UFBA

lenira@rengel.pro.br

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Dança. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado Acadêmico e Mestrado Profissional em Dança. Líder do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças. Tem ações de pesquisa em modos de cognição situada no contexto do ensino/aprendizagem de Dança.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lucia. Pertencimento. *In*: DICIONÁRIO dos direitos humanos. Brasília, DF: Escola Superior do Ministério Público da União, 2006. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- hooks, bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.
- NOGUEIRA, Renato. Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Entrevista concedida a Tomaz Amorim. **Portal Geledés**, [S. l.], 12 de julho 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- NOGUEIRA, Renato; BARRETO, Marcos. Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para a educação e ética afroperspectivistas. **Childhood e Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018.
- RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- RENGEL, Lenira. Fundamentos para análise do movimento expressivo. *In*: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo (Orgs.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006. p. 121-130.
- RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. *In*: SILVA, Luis Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs). **Novos mapas culturais**. Novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p.15-33.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Sociologia das Ausências e das emergências em sala de aula. **Cronos - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, UFRN, Natal, v. 18, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/14231/pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, [S. l.], ano 3, n. 11, p. 1-16, 2010. Disponível em: https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

Leitura e discussão do texto "Entrenotas: compreensões de pesquisa"

(Cassio E. Viana Hissa)

29/03/2020

PROJETO DE PESQUISA

Espaço-tempo de pensar

Na pesquisa aplicada e implicada, conhecemos o problema e com ela vamos à busca de possíveis respostas e soluções, ainda que não sejam as almejadas. Além disso, corremos o risco de nos depararmos com o inusitado, o que pode nos levar para/por outros caminhos. É de fato um rumo a um futuro desconhecido.

Rose Lima

Nota 23

“O projeto é mesmo o futuro imaginado da pesquisa do qual muito pouco se sabe. Ainda assim, há sempre recomendações que encaminham a ideia de que é preciso controlar absolutamente tudo ao longo do processo de pesquisa. No entanto, quando o controle subjuga a arte de criar, de inovar, já não se sabe mais se é pesquisa o que se faz.” (HISSA, 2013, p. 48)

É impossível controlar o processo da pesquisa, pois ela é busca constante de conhecimento, de mais informações. Já que o projeto é um futuro imaginado, não se tem garantias de onde se irá chegar, não é algo que será acabado e concluído na imaginação para ser transcrito. A busca por resultados é longa e pode abrir caminhos para outros lugares.

Rose Lima

Nota 25

“O projeto é o espaço de reflexão de uma pesquisa a ser desenvolvida ou em desenvolvimento [...]. Esse caminho que se vai desenhando, por sua vez, alimenta o projeto que se reinventa com todas as suas *peças de pensamento*. É assim que o projeto – a pesquisa imaginada – vai se redescobrendo ou se explicitando como um *espaço-tempo de pensar* [...]” (HISSA, 2013, p. 50, 51, grifos do autor)

Meu caminho foi se redesenhando algumas vezes, muito vai e vem, na tentativa de encontrar melhores maneiras de alimentar o meu projeto. Outros caminhos foram necessários diante do atual contexto pandêmico. Mais desafios para serem desbravados.

Rose Lima

Nota 27

“ [...] projetos podem ser feitos de modo a permitirem e estimularem modificações.” (HISSA, 2013, p. 53)

É preciso desenhar, redesenhar, rabiscar, até que seja possível chegar ao resultado esperado, sem descartar a possibilidade de este te levar para outros lugares.

Rose Lima

“Há quem pense o projeto como o lugar de ensaio de experimento.”

Cassio Hissa

Elaboração de Projeto

12/04/2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

ROSECLEIDE LIMA BISPO

**DANÇA COM CRIANÇAS EM AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO DE CONFLITO:
POR UMA TESSITURA DE CAMINHOS PARA O CUIDADO DE SI E DAS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Salvador

2021

ROSECLEIDE LIMA BISPO

**DANÇA COM CRIANÇAS EM AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO DE CONFLITO:
POR UMA TESSITURA DE CAMINHOS PARA O CUIDADO DE SI E DAS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial de avaliação do componente Projetos Compartilhados do Curso de Mestrado Profissional, do Programa de Pós-graduação Profissional em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Ministrantes da disciplina: Prof. Dr. Fernando Ferraz e Profa. Dra. Rita Aquino
Orientadora Profa. Dra. Lenira Peral Rengel

RESUMO

Este projeto de pesquisa de Mestrado em Dança em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação Profissional em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia UFBA – PRODAN trata do reconhecimento do ambiente escolar como um ambiente de conflito. O objetivo geral é tecer caminhos em modos de ações de danças, movimentos, rodas de conversa, para fomentar o cuidado de si e das outras pessoas, para, assim, diminuir e/ou saber lidar com os conflitos. Um mundo em conflito, em competição, em desinformação, pleno, muito fortemente, de descuido com as crianças da escola pública cria, na maioria das vezes, modos conflituosos de agir e de dançar. É relevante considerar o cuidar de si, do outro, da outra como ação provocadora no processo de ensinoaprendizagem em Dança. Como procedimentos metodológicos, uso estratégias e intervenções, como jogos de relações espaciais, danças populares, pinturas, desenhos, leitura de textos, apreciação de vídeos, rodas de conversa, escolha de músicas, o toque, a conversa. As principais referências são bell hooks (2017), para tratar de uma educação libertadora; Foucault (2004), para abordar o cuidado de si e a prática da liberdade; Boaventura de Sousa Santos (2017,1996), que traz referência para a questão do acesso aos conhecimentos; Isabel Marques (1999) e Klaus Vianna (2008) auxiliam na efetivação dessas argumentações em modos de danças. Espero desenvolver metodologias nas aulas que já venho realizando, que possam promover novas propostas que viabilizem a prática da liberdade em prol da resolução de conflitos com uma sistematização a ser elaborada. Espero ainda tecer caminhos que possam iniciar bases sólidas de afetos no ambiente escolar público.

Palavras-chave: Dança. Escola. Cuidado de si. Relações interpessoais. Contextos.

*“Somos
corpo”
bell hooks*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 OBJETIVOS.....	8
2.1 OBJETIVO GERAL	
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
3 JUSTIFICATIVA.....	9
4 PERSPECTIVA PARA MARCO TEÓRICO.....	12
5 METODOLOGIA.....	14
6 CRONOGRAMA.....	15
7 REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa de Mestrado em Dança está em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação Profissional em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Minha trajetória acadêmica iniciou-se com o curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Junto a essa formação tenho o Curso de Especialização em Educação Física Adaptada e Saúde pela Universidade Gama Filho (UFG). Há 13 anos iniciei minha prática artísticopedagógica com o ensino da Dança na educação básica. Ao longo desses anos, enquanto professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador, me senti provocada a buscar novas ações fortalecedoras que pudessem contribuir para uma melhor realização das aulas de dança. Para tanto, este projeto visa desenvolver estratégias e intervenções nas aulas de dança, que possam transformar, no sentido de emancipar crianças tão diversas a partir da prática de liberdade. Segundo Foucault (2004), práticas de liberdade são necessárias para que as pessoas e uma sociedade possam estabelecer para elas próprias formas consideráveis e adequadas da sua existência ou da sociedade política, sem sugerir liberdade como prática de poder. Ainda no caminho de Foucault (2004), um exercício de si sobre si mesmo é aquele por meio do qual se busca, se compõe, se modifica e se alcança uma determinada forma de ser. Assim é possível perceber o cuidado de si e pressupor que esta ação irá fomentar as práticas de liberdade, que poderão romper com repressões que impedem uma relação respeitosa, positiva e integral consigo mesmo e, conseqüentemente, com as relações interpessoais.

“Antes de tudo, é preciso colocar os alunos na sala de aula. [...] É necessário começar por aí, porque senão a tendência é que as pessoas permaneçam distantes, sem tomar consciência do corpo e do ambiente” (VIANNA, 2008, p. 132). O espaço da sala de aula é um lugar onde são trabalhadas as estratégias que contribuem para um melhor desenvolvimento corporal, bem como a busca por uma melhor relação interpessoal, ou seja, aproximar as relações. Dentro deste espaço, consentir a fala é uma das formas pelas quais o ser humano se localiza no mundo, assim o corpo interpreta o que está sentindo (VIANNA, 2008).

Para hooks (2017), o simples fato de ouvir/escutar com atenção cada voz, consolida a capacidade de um aprendizado em conjunto. Ouvir as vozes e relacioná-las com nossa experiência pessoal possibilita que fiquemos mais conscientes uns

dos outros. Essa ação dentro da sala de aula pode permitir a aproximação das relações, dos contextos diversos e dos acolhimentos entre todos e todas no ambiente escolar público.

A partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado. Esses momentos narrativos são, em geral, o espaço onde se rompe o pressuposto de que todos nós partilhemos as mesmas origens de classe e os mesmos pontos de vista. (hooks, 2017 p. 247)

Para Boaventura de Souza Santos (1996, p. 16), “[...] o passado foi sempre concebido como reacionário e o futuro como progressista.” Por causa deste progresso, as vidas de muitas pessoas foram degradadas, e ainda hoje, essa mesma teoria histórica gera conflitos e sofrimento humanos, pois condições de vidas e possibilidades de liberdade foram destruídas. Nesta perspectiva, é possível identificar que a maioria dos conflitos gerados dentro da sala de aula são provocados por uma falsa sensação de poder que os(as) estudantes tentam impor uns aos outros, promovendo uma competição entre eles(as), para que possam tirar alguma vantagem sobre a situação causada. Essa realidade pode ser constituída por meio de exemplos dentro da sociedade, nas mídias, nas redes sociais e até mesmo dentro do próprio ambiente familiar. Dessa forma, penso ser necessária uma desconstrução dessas ações conflituosas, proporcionar as estratégias que possam tentar reverter essas situações que interrompem as aulas de dança. Assim, ressignificar as relações interpessoais, dentro do ambiente escolar público, mais especificamente na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos. Para isso, é importante considerar os diversos contextos de vida dos(as) estudantes como elementos importantes dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Estes(as) estudantes, em sua maioria negros(as), têm acesso limitado a novas informações e uma das razões é devido à difícil vida social e cotidiana. Essa limitação – que faz parte do contexto de vida desses estudantes –, infelizmente também influencia no desenvolvimento cognitivo. A falta de alcance a novos conhecimentos acontece junto a uma estrutura social racista e colonial, que exclui e não permite esse acesso. O professor Boaventura de Sousa Santos (2017) traz o pressuposto de que a injustiça social está inserida na injustiça cognitiva. “[...] já que o conhecimento científico não está distribuído equitativamente, as intervenções no real que ele privilegia tendem a ser aquelas fornecidas por grupos sociais que detêm

acesso a ele.” (SANTOS, 2017, p. 158). Esta afirmação leva à compreensão do quanto é necessária a equidade de oportunidades na construção do conhecimento de cada pessoa, da comunidade e da sociedade. Compreender a cognição como um processo de conhecer o mundo, potencializa as aulas de dança. “Cognição é ignorada enquanto processo que se constitui na própria ação [...]” (RENGEL, 2007, p. 68). Diante desta citação, é possível entender que cognição é o corpo em ação, um corpo com habilidades sensório-motoras, tão necessárias no/para desenvolvimento humano.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam proporcionar a redução dos conflitos dentro do processo de ensinoaprendizagem da dança, considerando o cuidado de si e das outras pessoas como pressuposto para uma transformação dos corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar o fortalecimento das relações interpessoais, dentro do ambiente escolar público;
- Conduzir ações que permitam aos(às) estudantes a encontarem caminhos para o cuidado de si, respeitando as relações com os outros, com a escola e seu ambiente comunitário.
- Catalogar os métodos selecionados para compartilhamento das experiências;
- Elencar as estratégias e intervenções utilizadas e consideradas adequadas nas experiências realizadas.

3 JUSTIFICATIVA

A observação e a análise dos processos dos movimentos dentro das aulas são de suma importância, visto que crianças e pré-adolescentes vivem dentro de uma realidade sócio-político-cultural que influencia suas atitudes e movimentos que reverberam, obviamente, na sala de aula. Estes(as) estudantes trazem consigo seus próprios contextos, os quais precisam ser considerados durante as aulas de dança.

Ao trabalhar com contexto, vejo uma imensa rede sendo tecida com diferentes texturas, cores, tamanhos, estruturas, complexidades. Esta rede de dança e educação, baseada nos relacionamentos entre os conteúdos da dança, os alunos e a sociedade, absolutamente não ignora os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos”. (MARQUES, 1999, p. 94, grifo da autora)

Nesse viés, é importante perceber que o processo de ensinoaprendizagem acontece também na relação entre estudantes que trazem suas histórias e estão entrepostos em contextos de vida próprios. Assim, esse processo vai ocorrer na relação entre eles(as) em uma constante troca e coletivização de experiências e saberes. Fomentar o trabalho com a Dança, dentro da educação, apoiado no contexto dos(as) estudantes é algo a ser desenvolvido, modificado e problematizado em um movimento educacional transformador na área de Dança (MARQUES, 1999). Ao buscar fortalecer as relações dentro de diversos contextos, é necessário permitir que estes estudantes encontrem caminhos que proporcionem o cuidado de si. Para isso, segundo Foucault (2004), é necessário se conhecer, ou seja, só é possível cuidar de si, se conhecendo.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-político –, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: [...] (FOUCAULT, 2004, p. 269)

Conhecer a vida cotidiana do(a) estudante, de forma que possibilite estreitar a relação aluno/professor/aluno/ambiente escolar, é importante para contribuir com um melhor desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro e fora da escola. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.” (RENGEL, 2009, p. 3). Por isso a importância da aproximação

dos contextos diversos desses(as) estudantes, para que favoreça a comunicação entre os copos.

[...] Todo conhecimento é uma prática social de conhecimento, ou seja, só existe na medida em que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando em um campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas por titulares de formas rivais de conhecimento. (SANTOS, 1996, p. 17)

Segundo (SANTOS, 1996, p. 17) “[...] só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição do presente. [...] essa desestabilização é a razão de ser de um projeto educativo político emancipatório.” Neste aspecto, uma educação emancipatória é uma aprendizagem que permite conhecer os conflitos com o intento de que, por meio dessa educação, seja possível desestruturar os conflitos, que por sua vez foram arraigados no passado. Educar para contestar.

“A técnica de Klauss Vianna pressupõe que antes de aprender a dançar é necessário que se tenha consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais suas limitações e possibilidades [...]” (MILLER, 2007, p. 52). A sistematização da técnica de Vianna possibilita desenvolver processos que promovem a transformação gradativa considerada de ausência corporal para presença corporal. Os estudos do autor apontam que para dançar é necessário que o corpo esteja inteiro – reconhecendo a unidade corpo e mente – da mesma forma que dizem que a história e a singularidade do corpo fomentam a criação artística (VIANNA, 2008). Nesta perspectiva, as experiências vividas nas aulas com os(as) estudantes sinalizam a importância de possibilitar que estes(as) (re)conheçam e descubram suas possibilidades e suas identidades, esta sendo compreendida como o pertencimento a uma coletividade, muitas vezes sufocadas pela própria vida que levam fora dos muros da escola.

Entender a identidade como pertencimento coletivo implica ter e ver a si mesmo como parte de um coletivo no qual é possível expressar seus sentimentos, valores, ideias, medos e anseios. Se sentir pertencente a um determinado lugar e ao mesmo tempo sentir que esse lugar lhe pertence possibilita interferir nas direções que este lugar pode seguir, bem como conquistar outros espaços. (AMARAL, 2006). Ao se apropriarem desse pertencimento estes, estudantes promovem também, sua própria autonomia e liberdade, podendo se situarem, se descobrirem e

posicionarem, fortalecendo a coletividade. “Quando alguém diz que a educação é a afirmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é, quando as toma por sua significação real – se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação.” (FREIRE, 2020, p. 12).

De acordo com Laban (1978), o movimento humano é composto pelos mesmos elementos, seja na arte, no trabalho ou na vida cotidiana, e seus estudos sobre estes componentes e sua utilização levam o homem a se movimentar. Com um trabalho direcionado principalmente para a Dança como meio de educação, aborda diversas formas de utilizar e criar o movimento, favorecendo um desenvolvimento completo da pessoa, assim como, também entende corpo e mente como aspectos de uma mesma realidade (RENGEL, 2006, p. 121-122). Neste sentido, é importante trabalhar a Dança considerando a história de cada estudante, bem como seu processo de construção, criação e expressão.

“O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 270). Importante perceber que o cuidado e as práticas de si pressupõem as relações com os outros, sendo possível transformar-se para conquistar um modo de ser emancipatório, para cuidar de si mesmo e permitir a constituição das relações. Assim, proporcionar o bem do outro, a partir da sua própria forma de se conduzir, ministrando as práticas de poder e com isso estabelecer o respeito nos relacionamentos.

Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento de si. (FOUCAULT, 2004, p. 271)

Holliday (2006) coloca “[...] a sistematização como um fator indispensável e privilegiado para a nossa própria formação [...]”. Neste caminho, é pertinente sistematizar as ações que corroborem para o desenvolvimento das aulas, enquanto estratégias facilitadoras no percurso do ensino-aprendizagem da dança.

[...] Nossas experiências se convertem, graças a ela, na fonte mais importante da aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossas práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda a realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação. (HOLLIDAY, 2006, p. 37)

Compartilhar as ações experimentadas poderá contribuir para amenizar as dificuldades encontradas durante o ensino da dança dentro da escola pública, bem como ampliar e fortalecer a práxis pedagógica, na busca para a superação dos conflitos e assim fortalecer as relações interpessoais.

4 PERSPECTIVAS PARA MARCO TEÓRICO

Para tratar da relevância de trabalhar a Dança respeitando as histórias de vidas dos(as) estudantes, Marques (1999) é referência. A professora propõe um trabalho no ambiente educacional apoiado no contexto dos(as) estudantes, como premissa e algo a ser desenvolvido, desconstruído, transformado e problematizado enquanto ação educativa na área de dança.

A expectativa é a de que essas ações lúdicas, prazerosas com aspectos estéticos – caleidos – no dançar e educar, favorecem exercícios de cidadania cultural para todas as pessoas, sem exclusão de contextos dos países em que vivemos. (MARQUES, 1999, p. 13)

Para desenvolver estratégias e intervenções que possibilitem minimizar os conflitos encontrados durante as aulas, encontro apoio em Laban (1978), que traz teoria e métodos que coadunam com a contemporaneidade e mostram diversas possibilidades de movimentos dentro do processo educacional. Mostra diversas formas de análise e reflexão de ações corporais, oriundas de contextos diversos e entende o corpo em sua totalidade. Ainda nessa perspectiva, Vianna (2008) contribui para desenvolver benefícios corporais e descobrir caminhos para que o movimento aconteça de forma natural e integrada. Assim, ampliar as possibilidades de expressão dos(as) estudantes a partir dos seus próprios princípios. “Assim como o bambu, o corpo humano tem propriedade de dobrar-se sem se quebrar – quando respeitamos sua natureza e colocamos em prática suas potencialidades.” (VIANNA, 2008, p. 131).

Tendo por referência Paulo Freire (2020), busco fortalecer a pesquisa no sentido da aproximação de uma educação libertadora, a qual transforma, potencializa e politiza as pessoas, inserindo-as na sociedade. “Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma idealização a mais da liberdade.” (FREIRE, 2020, p. 14).

A partir de Foucault (2004) abordo o cuidado de si como prática de liberdade com ações que implicam em um cuidado de si sobre si mesmo, na busca da percepção de que o cuidado de si está ligado ao cuidado da relação com o(a) outro(a) e assim a prática de liberdade poderá ser respeitosa sem a intenção de impor poder. Também problematizar os elementos coercitivos que compõem as práticas de poder em uma dimensão estrutural que muitas vezes corrobora para a ausência da prática de liberdade e o cuidado de si. O cuidado com os(as) estudantes e suas relações, que se estende a um contexto dentro e fora da escola, está diretamente ligado às minhas ações dentro das aulas.

Na intenção de fortalecer as questões de práticas de liberdade, hooks (2017) fala que uma educação, para ser prática de liberdade, não basta que apenas os alunos sejam os únicos a partilharem suas histórias, ou seja, é importante que professor(a) também esteja disposto(a) a partilhar suas experiências. Reforçando que uma pedagogia engajada não trata de preparar só os alunos. “Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo.” (hooks, 2017, p. 35).

Para referenciar questões de conflitos e acesso ao conhecimento, Santos (1996) indica uma educação emancipatória para uma aprendizagem de conhecimentos conflituantes. Indica que a sala de aula deve ser um espaço com possibilidades de conhecimentos, que trabalhe os conflitos da sociedade. “Os conflitos sociais são, para além do mais, conhecimentos de conhecimento.” (SANTOS, 1996, p. 17).

Ainda em Boaventura de Souza Santos (2017), encontro suporte para a busca de formas de conhecer e entender o mundo que foram tornadas imperceptíveis devido à racionalidade da ciência moderna e da colonialidade dos saberes; o que acabou trazendo consequências para a educação.

Rengel (2007) também embasa essa pesquisa ao trazer a cognição como processo de conhecimento.

[...] pois não há como separar os processos todos e, os que não se conhecem ainda, do processo da cognição. Por mais que possamos investigar e nomear percepção, razão, sentimento, sensação, tais processos não são mutuamente excluídos (RENGEL, 2007, p. 71)

O corpo está sempre em construção de conhecimento e em busca do seu conhecimento próprio. Acredito que, no universo escolar público, é primordial que ferramentas sejam oferecidas para o desenvolvimento de possibilidades que esses corpos já trazem consigo e, assim, propiciar um (re)conhecimento individual e promover as relações múltiplas. Desta forma, entender que a cognição também é construída nas relações, na forma de conhecer o mundo, de como conhecemos. Por ser um processo afetivo, físico, sensório-motor, intelectual, a cognição é corpo, corpomente, exatamente tudo junto. Neste caminho, não se pode descartar as histórias que os corpos levam para a sala de aula, suas experiências, que influenciam e são influenciadas, justamente por terem formas diferentes de estar o corpo.

5 METODOLOGIA

Desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam transformar os corpos por meio do cuidado de si e oportunizar a diminuição dos conflitos no processo de ensinoaprendizagem dentro da escola pública implica observação e problematização das ações divergentes, que são recorrentes na sala de aula. Desta maneira é possível direcionar caminhos que ajudem a trabalhar com a pluralidade de corpos, dentro deste ambiente.

As estratégias serão usadas como meios, habilidades – previamente estudadas – como tentativa de contornar, lidar e/ou amenizar as dificuldades encontradas durante as aulas devido aos conflitos entre os(as) estudantes. Com as intervenções, proponho atuar nas possíveis situações de conflitos, na tentativa de modificar os resultados negativos gerados por eles(as), como, por exemplo, que os(as) estudantes se machuquem ou que a própria aula não possa continuar por uma situação inesperada.

As ações propostas em sala de aula decorrem dentro de uma metodologia que incorpora estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos frente não só ao cotidiano, mas ao mundo em que vivem, bem como concepções referentes à socialização e ao compartilhamento de conhecimento. O caminho metodológico desenvolvido considera os estudantes e seus contextos de vida, bem como seus processos de construção, criação e expressão. Esta pesquisa decorrerá dentro de uma

abordagem qualitativa, que proporciona perceber a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que por meio dela também é possível cuidar de si.

Trabalhar a Dança na escola pública envolve uma constante busca por um reconhecimento de corpos. Neste sentido, promover as aulas de dança dentro de uma perspectiva de cuidado consigo e conseqüentemente com o outro(a) pode proporcionar o próprio autoconhecimento. Junto a esta concepção é possível também resgatar e fortalecer o respeito nas relações com os outros, por meio da prática de liberdade, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação com o contexto da escola e seu ambiente comunitário.

As aulas de dança, na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, acontecem desde fevereiro de 2019, sendo interrompidas em março de 2020 devido à pandemia da Covid-19. Naquele período, foram desenvolvidas nas aulas ações que envolviam exploração de diversos materiais, uso de figurinos, apreciação de vídeos e músicas, momentos de criação individual e em grupo, rodas de conversas, pintura, leitura de textos, entre outras ações pertinentes.

De acordo com as experiências vividas durante esses processos e com a abordagem das estratégias utilizadas, está sendo feito um levantamento bibliográfico, leituras, discussões, com a intenção de sistematizar as informações, de forma que possam contribuir no desenvolvimento das aulas de outros profissionais da Rede Municipal de Ensino.

6 CRONOGRAMA

Período	2020										
	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Meses											
Etapas da pesquisa e desenvolvimento do produto.											
Participação no Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças	X	X	X	X	X	X	X	x	X	X	X
Encontros com a orientadora	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Relatório de escritas Corponectivos em Danças					X						
Disciplinas SLS							X	X	X	X	
Apresentação no Congresso virtual UFBA					X						
Apresentação no VI congresso Virtual Científico Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA)						X					
Pesquisar autores para referencial teórico					X	X	X	X	X	X	X
Participação na produção do V Seminário Corponectivos em Danças - Mergulhos e Travessias					X	X	X	X			

7 REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lucia. Pertencimento. *In*: DICIONÁRIO dos Direitos Humanos. Brasília, DF: Escola Superior do Ministério Público da União, 2006. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 48. ed. Paulo: Paz e Terra, 2020.
- hooks, bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.
- RENGEL, Lenira. Fundamentos para análise do movimento expressivo. *In*: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo (Orgs.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006. p. 121-130.
- RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. *In*: SILVA, Luis Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs). **Novos mapas culturais**. Novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p.15-33.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Sociologia das Ausências e das emergências em sala de aula. **Cronos - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, UFRN, Natal, v. 18, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/14231/pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

Sumário Provisório Expandido do Memorial 17/05/2020

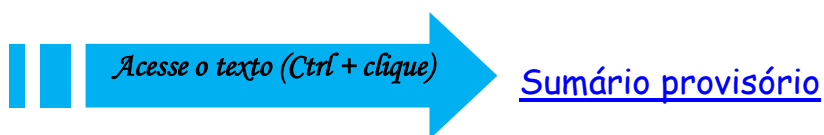


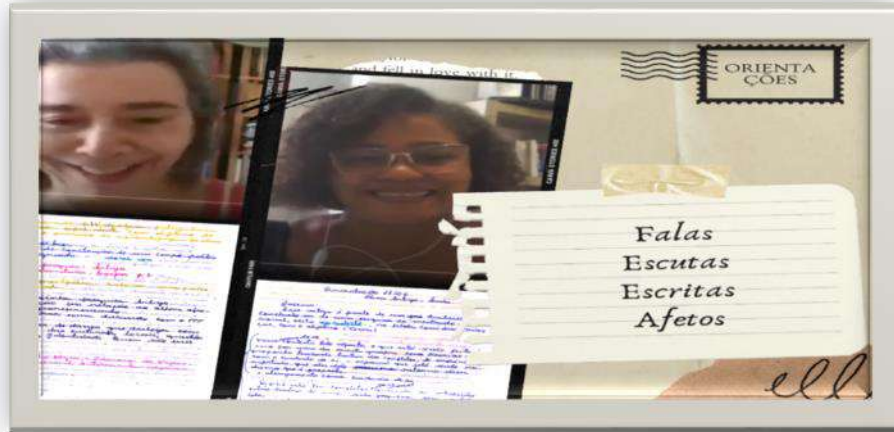
Figura 9 - Sumário provisório expandido do memorial



Fonte: Arquivo pessoal.

❖ **Prática Profissional Orientada I e II**
 Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Figura 10 - Encontros com a orientadora Lenira Rengel



Fonte: Arquivo pessoal.

Ementa: Desenvolvimento de práticas profissionais avançadas e transformadoras no campo da dança. Estas atividades práticas podem estar inseridas em qualquer um dos elos da cadeia produtiva da cultura: formação, criação, produção, difusão e memória. Deste modo, abrangem atuações artísticas, de caráter artístico pedagógico, gerenciais-administrativas, de desenvolvimento de projetos profissionais no campo da dança (artísticos, educacionais e sociais), de desenvolvimento tecnológico-científico e de pesquisa aplicada à prática profissional específica. A supervisão de cada Prática é realizada através de encontros presenciais entre mestrando e orientador, encontros estes que devem compreender ao menos 10% do total de cada Prática. Esses encontros presenciais podem se dar através de horário individuais ou específicos para cada orientação, supervisão presencial de atividades (ensaios, aulas, reuniões, etc.), ou de outros formatos que garantam o acompanhamento presencial no âmbito de cada Prática específica. A definição das Práticas Profissionais orientadas que compõem este componente e a definição de sua carga horária de atividades e de supervisão presencial, condições específicas, instituições e locais para a sua realização, é individualizada para cada aluno, e resulta tanto das oportunidades disponíveis ao aluno para o exercício da prática profissional, como das recomendações da Orientação nos planos de atividades de cada aluno.

Nota: Aprovada (AP)

Relevância: A disciplina Prática Profissional Orientada foi de grande relevância no que tange ao desenvolvimento e alicerce da pesquisa. Ser orientada pela professora Lenira Peral Rengel foi fundamental para ampliar o entendimento sobre como fazer a pesquisa e quais percursos seriam possíveis. Os encontros virtuais tiveram caráter acolhedor, nos quais a professora sempre demonstrou escuta atenta. Sempre com indicações de referência bibliográficas, muita escuta, diálogo, bem como acompanhamento das atividades de forma individual, no grupo de pesquisa e nos eventos acadêmicos. A disposição, a atenção e os cuidados foram importantes para o fortalecimento da pesquisa que ainda está em desenvolvimento.

Figura 11 - Encontros com a orientadora Lenira Rengel - cuidados e afetos



Fonte: Arquivo pessoal.

❖ *Trabalho de Conclusão de Curso I e II*

Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Ementa: Constitui-se de um Memorial que sintetize as experiências advindas do curso, e de como estas colaboram na consolidação do perfil profissional alcançado. Contemplam este memorial os produtos gerados em cada um dos módulos do curso, a exemplo dos trabalhos escritos resultantes das disciplinas cursadas, relatório de todas as práticas supervisionadas cumpridas; eventuais produtos resultantes das práticas; comprovação (registro fotográfico, audiovisual e material de divulgação) das apresentações públicas realizadas. O Trabalho de Conclusão Final será defendido publicamente frente a uma Comissão Julgadora constituída pelo docente orientador do mestrado, um docente PRODAN e um membro não pertencente ao corpo docente do curso.

Figura 12 - Trabalho de conclusão de curso



Fonte: Arquivo pessoal.



1.2.2 Disciplinas e atividades optativas

❖ *Dança e Cognição - As Técnicas Corporais - 2019.1*

Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Ementa: Aborda a relação entre corpo e técnica apresentando recentes teorias das ciências cognitivas acerca do funcionamento do sistema sensório-motor. Discute ciências da neurobiologia sobre o funcionamento do cérebro, a propriocepção e a cinestesia (o sentido do movimento). Apresenta experiências recentes sobre novas abordagens de movimento e de técnica e discute essas experiências correlacionando com as teorias apresentadas. Evidencia o problema da técnica para a dança na atualidade.

Nota: 10

Relevância: Essa disciplina foi meu primeiro contato com o curso de Mestrado. Cursei como aluna especial, já com a intenção de posteriormente fazer a seleção para o Mestrado Profissional. Disciplina de grande relevância, pois o aprendizado ali construído ainda reverbera na minha pesquisa. Disciplina que, posso dizer, foi um divisor de águas na minha trajetória profissional. A professora Lenira propôs ações que ampliaram meu olhar dentro do trabalho que venho realizando na educação básica, bem como fortaleceu os meus desejos para realizar outras ações dentro do processo de ensinoaprendizagem.

Atividades Advindas da Disciplina

**Leituras e resumos de texto, apresentações individuais e em grupo,
fichamento e seminários**

Figura 13 - Atividades da disciplina Dança e Cognição - As Técnicas Corporais

Atividades

Resumo do texto *Matéria e Consciência*
 muito, muito bom conceitualmente!
dualismo
 Uma vez que o dualismo é estabelecido ou afirmado pela maioria das religiões como a teoria da mente, se impossibilita a visão de que uma coisa é única. Como entender que o corpo físico não está conectado ao mente e não responde ao que acontece nela e sim que ela pode estar inectada ao corpo apenas temporariamente?
dualismo da substância
 O dualismo da substância afirma que cada mente é uma coisa única não física, ou seja, cada um possui sua substância não física, onde o corpo físico é "interior" na identidade e podem estar conectados apenas esporadicamente.
 A abordagem dualista da substância caracteriza a mente quase que teiramente negativa, porém essa deficiência pode ser amenizada pelo filósofo René Descartes faz muito para apresentar uma explicação positiva a natureza da mente.

TEXTO 3
 Muito bom. Você tem uma ótima capacidade de síntese.

1. CONCEITOS DA VIDA COTIDIANA

A metáfora está intrínseca na nossa vida cotidiana. O conceito que governa nosso pensamento constitui não só o intelecto, como também nossa atividade cotidiana e nossas ações. Esses pensamentos e ações são metafóricos por natureza. Nosso sistema conceitual cotidiano, o qual nos mostra que não só pensamos, mas também agimos, desempenha um papel central da realidade cotidiana e sugere ser em grande parte metafórico. Considerando que o sistema conceitual não é algo que geralmente temos consciência, é possível considerar a linguagem para descobrir algumas linhas de conduta cotidiana e evidenciar como esse sistema é também baseado no sistema conceitual que usamos para pensar e agir.

É possível afirmar até então que metáfora não é apenas questão de miras palavras.

FICHAMENTO

NEVES, Neide. Klaus Vianna. Estudos para uma dramaturgia corporal. São Paulo: Cortez, 2008.

"Não decore passos, aprenda um caminho" (p.21)

Klaus Vianna buscava nos seus estudos como o corpo se preparava antes mesmo de executar o movimento. Essa busca se iniciou ao pesquisar em seu próprio corpo a anterior ao movimento, enquanto posava para o pintor Alberto da Veiga Guignard.

Ao escrever seu primeiro ensaio, "Pela criação de um Balé Brasileiro", Vianna lança as bases de renovação que pretendia fazer na dança e cria o conceito de "movimento-ideia" e coloca nesse ensaio a sua intenção de aplicar esse conceito à dança

COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO - NEIDE, neves: Klaus Vianna

... como um trabalho de consciência corporal, a técnica de Klaus Vianna...
 ... práticas corporais desenvolveu um trabalho de movimento baseado na...
 ... possibilidades corporais a partir das experiências individuais. Ele iniciou este...
 ... do no próprio corpo a intuição anterior ao movimento, ou seja, como e...
 ... rava antes mesmo de executar o movimento, a resposta sensorial-...
 ... ronalidade.
 ... a conseguir o que ele chamava de movimento ideia, na qual o movimento...
 ... sentido e realizado não pela técnica e sim pela busca interna, considerando...
 ... uma unidade (corpo-mente) - não concebida a dança pela dança ou a for...
 ... - mas pelo movimento de uma ideia criada. Pensava que a dança no Br...
 ... expressão própria sem sentido e buscava este sentido através de suas tem...
 ... tentos que surgiam como expressão de uma ideia.
 ... a Vianna não sistematizou sua técnica, mas deixou as portas abertas para qu...
 ... andasse e sua pesquisa transformasse o trabalho de acordo com sua exp...

dualismo popular - será atraente a muitos, p...
 ... pelo menos mantém a possibilidade de e...
 ... a morte do corpo.

e tal teoria torna ainda mais complexo o er...
 ... algumas questões do dualismo, uma vez qu...
 ... sendo estimulada por nenhuma sensação ou...
 ... stamente enviada a essa matéria que por...
 ... nte destruída.

scartes que mostra a realidade dividida em e...
 ... qual em uma delas a matéria comum (cér...
 ... a atividade de pensar (mente é uma substã...
 ... para o (corpo) cérebro da mente, deixando...
 ... que caracteriza "você" de fato existente é...
 ... o ocupa espaço e não o seu corpo material.

Fonte: Arquivo pessoal.

Seminário em grupo

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 ESCOLA DE DANÇA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA

Disciplina: Dança e Cognição

Docente: Lenira Rengel

Discentes: Luciane Pugliese, Maria Fernanda Teles, Marília Daniel, Renilza Ramos e Rose Lima

COGNIÇÃO E AFETIVIDADE NA EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO EM DANÇA: CONHECIMENTOS POSSÍVEIS

Para Afetos: Ouvir poema - Viviane Mozé

A maioria das doenças que as pessoas têm são POEMAS presos, abscessos, tumores, nódulos, PEDRAS são palavras calcificadas, são poemas sem vazão, mesmo CRAVOS pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre poderia um DIA ter sido poema. Mas não, PESSOAS adoecem da razão de gostar da PALAVRA presa, palavra boa é palavra LÍQUIDA, ESCORRENDO em estado de lágrima é dor derretida, DOR endurecida, é tumor, LÁGRIMA é raiva derretida, RAIVA endurecida é tumor, lágrima é alegria derretida, ALEGRIA endurecida é tumor, lágrima é pessoa DERRETIDA, pessoa endurecida é tumor, TEMPO endurecido é derretido, é poema e você pode ARRANCAR os poemas endurecidos do seu CORPO com buchas vegetais, óleos medicinais, com a PONTA dos DEDOS, com as unhas, você pode arrancar poemas com alicate de cutícula, com pente, com POMADA basilicão, com MASSAGENS e hidratação, mas não use bisturi QUASE nunca, em caso de poemas difíceis, use a DANÇA, a DANÇA é uma forma de AMOLECER os poemas endurecidos do CORPO, uma forma de soltá-los das dobras dos DEDOS dos PÉS, das UNHAS, são os poemas CÓCCIX, os poemas PEITO, os poema OLHO, os poema SEXO, os poema SÍLIO, atualmente eu ANDO gostando de pensamento CHÃO, PENSAMENTO chão é poema que nasce do PÉ, é poema de PÉ no CHÃO, poema de PÉ no chão é de GENTE normal, gente SIMPLES, GENTE de espírito santo, eu venho do Espírito Santo, eu sou do Espírito Santo, eu trago a vitória do Espírito santo, santo o espírito capaz de operar Milagres sobre SI mesmo.

A cognição é construída através do corpomente e ambiente, tendo como norte a afetividade na organização do movimento corporal. Segundo Damásio (2018), a cognição na construção do movimento depende de vários sistemas localizados em diversas regiões do cérebro (re)afirmando a indissociabilidade entre corpo e mente. Antes de abordar a cognição corporificada, foram abordadas teorias sobre cognição. Inicialmente surgiram psicologia cognitiva, a inteligência artificial e as ciências cognitivas, como processo de investigação interna.

A compreensão da cognição corporificada abrange o corpomente como personagem principal, associado ao ambiente e ao contexto, percebendo como o movimento afeta as sensações percebidas. Na construção do seminário, foi

constante a imersão do corpo no ambiente, e cada uma foi capaz de transformar e ser transformada de acordo com o meio. A cognição corporificada associada à afetividade pode representar uma referência ativa da inteligência no nível deliberativo, ou seja, sinto logo represento.

[...] a escolha do modelo de cognição corporificada e da proposição sobre afetos a partir da teoria de Damásio torna-se pertinente para se pensar a respeito da construção de conhecimento durante o movimento do corpo na dança. (RIBEIRO, 2015, p. 24)

Partindo da compreensão de cognição como ação corporificada que se constrói a partir da percepção/ação que perpassa pela experiência do sujeito no mundo, que não é um espelhamento representativo pré-determinado, mas sim mediado na relação entre o sensório-motor. Poder refletir a Dança como um modo de construção de conhecimento corporificado que não perpassa pela dicotomia entre corpo e mente, mas se constrói na interação entre sujeito/mundo. Perceber é um modo de agir, é algo que se faz resultante das conexões sensório-motoras entre os sistemas complexos do corpo. A cognição é construída na relação das experiências do sujeito-percebedor, ambiente-contexto, não é algo adquirido. Esta noção de cognição corporificada aponta possíveis caminhos nos processos de ensino/aprendizagem no conhecimento construído por meio do movimento e revelam que as emoções e os sentimentos são estados corporais e que não estão apartados. Refletir a importância das experiências em Dança a partir dos afetos, ter a percepção de que a partir dos estados corporais, da relação entre corpo-ambiente, se construirá a potência cognitiva metafórica do sujeito.

Corpo-Relato

Rede de Afetos

A feitura desse texto coletivo relacionado ao artigo “Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança” de Mônica Ribeiro, começou exatamente numa roda de conversas, de conhecimentos possíveis entre todas nós. Começamos a dialogar sobre a delicadeza do toque, das memórias, nossas experiências, sensações, vislumbrando ali naquele instante dilatado; naquela roda de conversas e escutas, percebemos que quando tocamos o outro tocamos a nós mesmas.

Começamos a construir um tecido de afetos, metáforas corporificadas num fluxo inestancável cognitivo.

O Sensível

O processo foi acontecendo com muita fluidez, os pensamentos expostos foram se conectando um ao outro harmonicamente, e acredito que isso aconteceu justamente por todas estarem inteiradas do texto. Pensamentos de outros autores, objetos, poemas, vídeos, músicas, imagens, cheiros, cores, sabores, sorrisos, dúvidas, informações e confirmações, entre tantas outras coisas foram surgindo ao longo do processo, tanto em nosso momento reunidas em corpomente como em nossos momentos via rede social.

A partir do surgimento de tantas coisas que pensamos como ferramentas que afetariam ao grupo que assistiria o seminário, percebi que já estávamos sendo afetadas; nossos corpos reagiram e não se contiveram em ficar parados, sentados organizando o que iria acontecer na apresentação (parte falada). Com isto, surgiu a ideia de irmos a busca de um local que se adequasse a tudo que já tínhamos imaginado, chegamos, então, à “caixa d’água” e, durante o caminho, percebemos o quanto de informações teriam naquele local, informações que, sem dúvida, acrescentariam e forneceria outras sensações ao contexto já previamente idealizado.

Na “caixa d’água”, outras ideias foram surgindo, como, por exemplo, o piquenique, além de decidirmos que ali mesmo aconteceria a coreografia, para que não se perdesse tempo e uma coisa estivesse ligada a outra, pois tudo acontece sem “dicotomia”. Inicialmente pensamos em usar a caixa d’água como palco, porém existia a possibilidade de chover e, com isto, o fato de que, ao estar molhada, não favorecesse a apresentação, mas acabamos deixando que o dia nos dissesse como iríamos arrumar o cenário.

Não houve chuva, porém, coincidentemente, no dia da apresentação havia homens trabalhando no local e a “caixa d’água” estava interditada, ao trabalho desses homens chamamos de “construção”, que entrou como uma das nossas palavras chaves, mesmo que, a princípio, tenhamos escolhido COGNIÇÃO CORPORIFICADA, AFETIVIDADE E PERCEPÇÃO. Outras palavras surgiram ao longo do caminho, o que particularmente acredito ter sido enriquecedor na

realização do processo. Não usamos exatamente a “caixa d’água”, porém o contexto não foi atrapalhado, ao contrário, ficou ainda mais enriquecedor.

Um caminho foi escolhido e preparado com palavras e gestos para que todos chegassem ao destino programado pelo grupo, mas como fazer todos saírem da sala de aula sem uma chamada convencional? Foi com essa interrogativa que surgiu a ideia de fazer um convite que teria por título “Piquenique na caixa d’água”, para que, através do sensório-motor, todos fossem levados até a caixa d’água. Em mais uma coincidência, outros objetos foram levados, por iniciativa individual, a fim de enriquecer, proporcionar e provocar outras sensações e emoções durante a apresentação.

A coreografia veio de uma forma muito simples, nasceu pelas próprias sensações que já estávamos percebendo durante a organização em sala de aula, durante o percurso feito para chegar à caixa d’água, o “estar” no local da apresentação, que é um local bastante influenciador, em ouvir a outra falando, tantas coisas que nos motivaram e acionaram tantos sentidos que era impossível não entender que a composição da coreografia já estava ali. Foi possível perceber, em todo esse processo de construção, o quanto todas nós fomos afetadas por todas as propostas expostas. Cada uma, em sua particularidade, acrescentou ao grupo informações que motivaram e traziam outras ideias. Quase tudo proposto acabou sendo acrescentado em nosso trabalho, pouca coisa descartamos e até os imprevistos foram acolhidos a nosso favor.

O texto estudado diz: “O conhecimento se dá na experiência do corpo do sujeito no mundo. É um conhecimento construído pelo sujeito no fazer.”. Conhecimento que se constrói fazendo (RIBEIRO, 2015, p. 49). Foi o que buscamos perceber e apresentar de uma forma compartilhada, as experiências e os conhecimentos de todos compartilhados naquele momento, ampliando o nosso conhecimento.

A Criação

O processo criativo do grupo conseguiu fluir desde o início: tivemos várias ideias ao longo da discussão do texto. O que a afetividade nos remetia, e como ela influencia nosso corpo e nosso corpo a influenciava. Como nos afetamos diante de objetos, sensações, pessoas. E assim, nessa discussão, nasceu a ideia de trazer a

partilha da comida como parte da nossa apresentação, já que o ato de comer por si só é coletivo, revolucionário e cheio de afeto.

O momento da caminhada até o local escolhido, no caso, a “caixa d'água”, também se deu de forma deliberada. Na caminhada podemos sentir, perceber o ambiente e como fomos afetadas. E tudo isso é pelo corpo cognitivo. Lançando palavras no caminho para levar nosso corpomente até essa percepção.

Descobertas

Partindo dessa construção do movimento do corpo na Dança, de acordo com o ambiente e os afetos, percebi os processos sensoriais como uma base sólida para construção e criação do movimento, compreendo também intrínseca toda essa corporificação cognitiva, corpo-mente-ambiente como suscetível a estímulos diversos que o sintonizam com a nossa história corporal.

Ademais, as percepções afetadas durante toda a construção e apresentação do seminário estão me movendo para uma ação artísticopedagógica de descobertas e compreensão de conceitos no que diz respeito à cognição e à afetividade no movimento em dança, tornando as oportunidades de ensinoaprendizagem, repletas por estudos afetivos, correlacionando o corpo com história e cultura da sociedade.

Considerações Finais - o que vem depois?

Sensações invadem! O suor escorre na pele queimada. Pensando em pele, qual minha cor? - Muitas energias transcendem a passada. Tem lanche a um real, tem bala a um real, tem suco a um real. E tem transporte a quatro reais, ou quatro e vinte. Tem saudade das árvores do interior e da temperatura amena. Toda água nunca é suficiente.

Na rotina, os destinos de todos os dias: informações-flechas. Questionamentos sobre quais perspectivas de vida caem na ruptura, ficam por lá e depois tentam encontrar maneiras suficientes fortes para se restabelecerem. Às vezes acontece, às vezes não. E são nesses meios que talvez eu compreenda onde estão as fissuras. Os jeitos. A ginga. Compreender tem sido constante.

Existe um querer-fuga nessas passadas de movimento. Andar pela outra rua. Observar outras pessoas. Ouvir outras vozes. A brisa é diferente. O céu muda de cor.

O chão é mais perigoso. Eu gostava muito de ficar em meu quarto, mas perceber o mundo se tornou importante nessa busca por, além de. Além dos sonhos que me elevam, para então, em confronto, me colocarem no chão, que engole, pega o sonho, envolve, recria, refaz. Provoca inquietações em um quadrado disciplinador – a sala. Questiono-me, sem expandir: qual o valor de uma pesquisa que não consiga ter um plano de trabalho que vá para além de? Eu gosto de julgar. Eu critico as falas que envolvem uma tarde quente, porque se tudo está tão escancarado nesse mundo, qual a dificuldade em perceber?

E dessa maneira me debruço numa janela, meio fim de tarde, para então me perceber. Qual o lugar das ideias – junto com o lugar de fala – que cabe ser expostas em escritas tão esperadas? E qual a energia a ser investida em ações de dança que cumpram um papel de informação e transformação? É o interesse pelo outro-mundo, fluido. Como deixar fluir?

Produção coletiva: Luciane Pugliese, Maria Fernanda Teles, Marília Daniel, Renilza Ramos e Rose Lima.

Referência Bibliográfica

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. *In*: GREINER, Christine; KATZ, Helena (Orgs.). **Arte e Cognição**. Corpomídia, comunicação e política. São Paulo: Annablume, 2015. p. 23-75.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Figura 14 - Dança e cognição



Fonte: Arquivo pessoal.

❖ **Tópicos Especiais - Criação Audiovisual na Interação com a Dança**
 - 2020.2 - Semestre Suplementar
 Professora Dr^a Daniela Benfica Guimarães

Ementa: Introdução à imagem em movimento através da visualização de obras fílmicas de Dança, Cinema Vídeos ou de suas interações, analisando e discutindo as diferentes abordagens, concepções e técnicas. Experimentação e produção, de forma colaborativa, a partir das noções básicas da criação audiovisual em dança: temática, orientação, elementos fílmicos, planejamento, decupagem, relação corpo/câmera, gravação e edição.

Nota: 9,5

Relevância: Disciplina que propiciou diversos experimentos que contribuíram para a realização fílmica de cenas advindas de vários contextos. Esses contextos eram produzidos seguindo as orientações da professora Daniela. A criação fílmica era proposta de forma a conduzir a exploração de espaços, objetos e corpos. Essas experiências e esses experimentos resultaram em composições artísticas.

Atividades Advindas da Disciplina

Movimento de câmera - jogo corpolumen - plano sequência



Movimento da câmera

- 1 - PLANO SUPER DETALHE + TRUCK + 15s
- 2 - PLANO GERAL + TRAVELLING + 20s
- 3 - PDLANO DETALHE + TRAVELLING + 10s
- 4 - PLONGÉ + PANORÂMICA + 30s
- 5 - ZENITAL + FIXA + 20s
- 6 - PLANOP PRÓXIMO + PANORÂMICA VERTICAL + 15s
- 7 - CONTRA PLONGÉ + FIXA + 5s
- 8 - PLANO MÉDIO + CHICOTE + 5s

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Criação fílmica - Echarpes](#)



ROTEIRO
10/2020
ROSE LIMA

01. INT/ESPAÇO GERAL SALA/DIA

SALA ONDE APARECEM PARTES DE UM SOFÁ E UMA ESTANTE. NO CHÃO, ECHARPES DE CORES DIFERENTES ARRUMADOS EM FORMA DE CÍRCULO E UMA ALMOFADA LILÁS NO CENTRO, UM TAPETE BRANCO COM FLORES LILÁSES E DUAS ALMOFADAS NAS CORES AZUL E VERDE COLOCADAS EM CIMA DO TAPETE NAS EXTREMIDADES, COMPOEM O ESPAÇO. LUZ NATURAL. ENTRA UM CORPO TRAZENDO NOS OMBROS UMA ECHARPE FLORAL, AJOELHA-SE DE COSTAS EM CIMA DA ALMOFADA QUE ESTÁ NO CENTRO DO CÍRCULO, ABRE OS BRAÇOS NA LATERAL, ABRINDO TAMBÉM A ECHARPE E A SACODE, EM SEGUIDA PEGA TODAS AS ECHARPES QUE ESTÃO AO SEU REDOR, SE LEVANTA E SAI DA CENA,

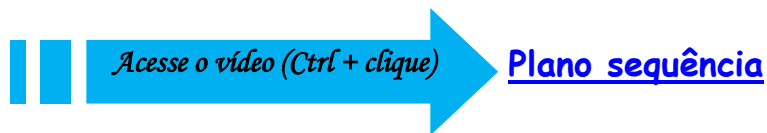
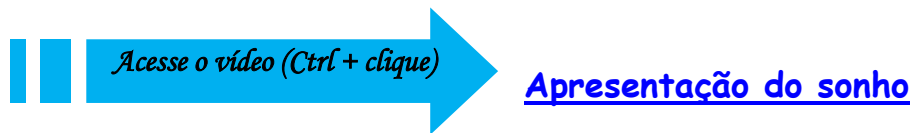
02. INT/ESPAÇO GERAL SALA/DIA

SALA ONDE AGORA APARECEM MAIS ELEMENTOS NA COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO, ALÉM DA PARTE DE UM SOFÁ E DA ESTANTE, APARECE UMA TV E ALGUNS OBJETOS DECORATIVOS, AO FUNDO UMA PAREDE COM PEDRAS QUADRICULADAS EM HORIZONTAL E VERTICAL. NO CHÃO, PARTE DO TAPETE BRANCO COM FLORES LILÁSES E AS ALMOFADAS LILÁS E AZUL. LUZ NATURAL. UM CORPO ENTRA EM CENA TRAZENDO TODAS AS ECHARPES CONSIGO E A ECHARPE FLORAL PRESA EM SUA SAIA, NA PARTE DA FRENTE DO CORPO. DEIXA CAIR AS EXARPES QUE CARREGA, POR FIM, PEGA A ECHARPE QUE ESTÁ PRESA NA SAIA E COMEÇA A SE MOVIMENTAR COM ELA. SAI DE CENA.

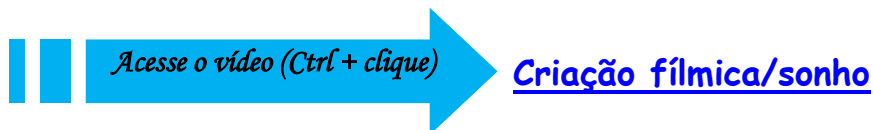
03. EXT/ESCADAS COM ECHARPES/DIA

AS ECHARTPES AGORA ESTÃO PENDURADAS NOS DEGRAUS DA ESCADA, ATÉ MESMO A FLORAL. UM CORPO ENTRA EM CENA, APENAS O TRONCO É VISTO. TRAZ CONSIGO UMA ECHARPE VERDE E SE MOVIMENTA COM ELA. SAI DE CENA. VOLTA A CENA PEGANDO TODAS AS ECHARPES QUE ESTÃO NA ESCADA E AS LEVA CONSIGO. SAI DE CENA.

Anotar os sonhos durante o percurso das aulas, escolher um deles e fazer uma apresentação em vídeo. Em seguida fazer um vídeo em plano sequência com objetos do sonho. Por fim, filmar uma pessoa com os objetos do sonho. Criação fílmica



Criação fílmica/sonho - vídeo



Relatório sobre o percurso na disciplina

Relações/Conteúdos/Trocas

Disciplina que me provocou inquietações; causadora de desafios com propostas diversas, diferentes, novas, mas sempre fazendo o movimento estar presente de forma intensa, mesmo nos momentos síncronos. Sonhos, texturas, cores, figuras, imagens, desenhos, lugares, nuances, informações, tudo como causa e resultado de movimentos dentro e fora da aula.

Em minha pesquisa individual, proponho a busca de caminho para o cuidado e o reconhecimento de si e as relações com os outros corpos por meio da Dança, um reconhecimento de um corpo com possibilidade e pertencimento, considerando seu processo de construção, criação e expressão, fortalecendo as relações dentro de um contexto sócio-político-cultural. Foi possível perceber um caminho parecido no processo das nossas

aulas, as relações entre todos nós por meio de um contexto de atividades e das aulas sempre tão ativas, que permitiram interações, ideias, sugestões e intervenções.

Os conteúdos, as trocas, as observações dos trabalhos da professora e dos colegas foram por muitas vezes impulsos para que eu realizasse meus trabalhos e buscasse melhorias, uma vez que, como disse no início, a disciplina me provocou inquietações, inclusive sobre dificuldades para fazer algumas atividades solicitadas. Mas, não apenas me deu impulsos para realizá-las, como também trouxe experiências que certamente me despertaram novas ideias para atuar, não só dentro da minha pesquisa, mas também nas minhas ações diárias dentro da sala, nas minhas aulas de dança dentro da escola pública. Considerando que utilizo aparelhos tecnológicos para registros diversos das aulas, das apresentações, de eventos com os alunos, a disciplina de Tópicos Audiovisuais trouxe para mim novas possibilidades de usar essa ferramenta para compor/formar esses registros, que são tão importantes no processo de educação pela Dança.

As composições das atividades trouxeram experiências muito boas que por vezes me levaram a pensar em como seria fazê-las com meus alunos, dentro do ambiente escolar e que certamente eles iriam querer não só "aparecer" em uma filmagem, mas também manipular a câmera. Ação que, sem dúvida, traria experiências incríveis, e nossas aulas trouxeram mais possibilidades desse fazer, as quais espero futuramente poder partilhar com meus alunos.

As informações percorridas nos encontros não só possibilitavam maior entendimento dos conteúdos, como também provocaram ideias que impulsionaram as ações, com isto, realizar as propostas trazidas nas aulas, me levou a buscar outras relações que me ajudassem nessas realizações. Essas relações eram diversas, não só com outras pessoas, mas também com objetos que fizeram parte das ações realizadas.

Percebi as ligações entre todas as partes do conteúdo, uma conexão que começou com a leitura do livro o "Oráculo da Noite", de Sidarta Ribeiro, o qual trouxe o sonho como força motriz dos nossos

comportamentos e motivação interna das nossas ações externas, e conduziu as reflexões dos sonhos para o trabalho pedido com base neles. Na sequência, a leitura do texto "Por que denominar como filme aquilo que surge da interação Dança e Audiovisual?", de Daniela Bemfica Guimarães - UFBA, bem como apreciação e interpretação de obras e imagens. Todo esse conteúdo resultou em ações que, ao serem compartilhadas, geraram discussões que sucederam em belos trabalhos no decorrer do semestre até chegar ao trabalho final, o qual considerei muito bom.

A fluidez entre e durante todo o conteúdo e processo das aulas, trouxe resultados significativos, os quais aproveitarei para as minhas ações junto aos meus alunos, proporcionando novas possibilidades, como mais uma maneira de aproximação das relações.

Figura 15 - Corponectivos em Danças



Fonte: Arquivo pessoal.

1.2.3 Participação em grupo de pesquisa

Grupo de Pesquisa: Corponectivos em Danças

Líder: Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Figura 16 - Grupo de pesquisa Corponectivos em Danças



Fonte: Grupo de pesquisa Corponectivos em Danças.

Corponectivos em Danças é um grupo de pesquisa que se estrutura na pluralidade das conexões. Um grupo que se fortalece nas relações, trocas, compartilhamentos, tão importantes na construção do conhecimento.

Estuda o corpo e a Dança nos aspectos políticos, da educação, do comportamento, dos processos criativos, reconhecendo a unidade corpomente. Um lugar de múltiplos aprendizados que incentiva as construções e ações de todos e todas.

Importante ressaltar que o grupo iniciou seus encontros antes mesmo do começo das aulas do Semestre Suplementar, como uma forma de nos conectarmos. Em março de 2020, a professora Lenira Peral Rengel reuniu o grupo para retomar as reuniões e isso ajudou a todos e todas. Esta ação promoveu um importante fortalecimento do grupo em um momento tão peculiar, o qual nos deixou com muitas incertezas. Assim, foi possível nos corponectar de forma a nos apoiarmos, fortalecer e manter nossa comunicação, aplicando nossos conhecimentos e aprendizados.

Figura 17 - Corponectados



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse pode ser um relatório simples, com lembranças de textos e livros lidos, algumas lives assistidas, reuniões online, tanto do grupo de pesquisa do qual eu faço parte quanto de trabalho, de família, noticiários, assuntos que foram pertinentes nesses últimos quatro meses, contudo, é um relatório que traz todo um processo dentro de um contexto atual diferenciado e desafiador que impacta diretamente na minha vida e na vida de uma nação, um contexto pandêmico que me desafia a uma nova forma de viver, que paralisa a realização de vários sonhos, inclusive o início dos estudos no mestrado profissional, o qual adentrei este ano e que abruptamente teve que ser adiado.

Entrar no grupo de pesquisa Corponectivos em Danças fez muita diferença de forma positiva para que eu conseguisse lidar melhor com esse novo contexto de vida, uma vez que o ano estava só começando e as expectativas eram muito grandes, principalmente em relação à minha entrada no mestrado, que se diga de passagem, foi um tanto complicada. Com apenas duas semanas de aula e pouco mais de um mês de trabalho, tudo para, tudo muda, tudo se transforma e o Corponectivos se torna, para mim, mais que um grupo de pesquisa, se torna também apoio, amparo, aconchego, uma nova forma de conhecimento e aprendizado. Talvez esteja aqui, também relatando um breve momento (pensamento) de gratidão ao grupo.

Junto a tudo visto, lido, assistido e ouvido, me abasteci também das falas dos meus pares nos encontros do Corponectivos, tão importantes.



"Toda porta aberta é um convite ao caminho."

"O capitalismo não existe sem o patriarcado."

"Formação como política de transformação."

"Para se compreender uma voz, é preciso ouvir outras vozes."

"O saber se constrói pela experiência."

"Produzir teoria através do próprio movimento, do corpo vivido."

"Linguagem é verbal e não verbal, é um dispositivo de poder, o corpo é fala."

"Cognição não é racional puramente, ela é cheiro, tato..."

"Emancipação começa no corpo."

"O corpo não pode ser a ideia de ter alguém dentro dessa massa."

"Não é democracia, é ação democrática; não é emancipação, é ação emancipatória."

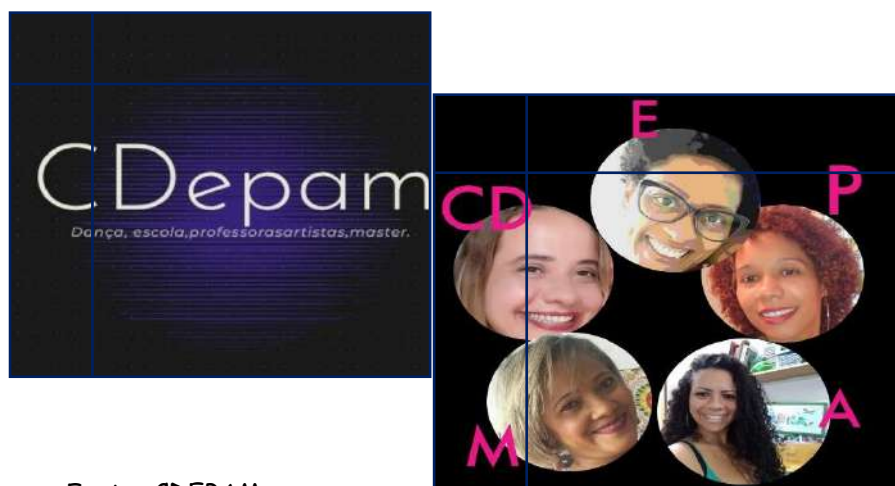
"A potência da dança se dá com os processos."



Grupo CDEPAM - Coletivo Dança, Escola, Professorasartistas, Master



Figura 18 - Integrantes do Grupo CEDEPAM



Fonte: CDEPAM.

Coletivo que dança memórias do presente cotidiano dentro das escolas, equívocos e aberrações proferidas em relação à educação pública no Brasil.

De forma leve, assertiva e bem humorada, movemos questões que possibilitam chamar a atenção da sociedade em geral. Reviramos possibilidades de uma educação com a Dança que seja equidade, liberdade, empatia, afeto, respeito às diferenças, direito à vida e à dignidade. Este é um coletivo de mulheres que vivem o chão da escola em cosmo sentidos; propondo alternativas outras, por meio das frestas de um sistema educacional que ainda insiste em funcionar sob a lógica da opressão, do descaso, da insensatez, do patriarcado, do colonialismo e da fábrica de corpos.

CDEPAM no 37º Painel Performático - Escola de Dança da UFBA



Figura 19 - Participação do CDEPAM no 37º Painel Performático



Fonte: Arquivo pessoal.

Com o cuidado si promovemos o nosso próprio conhecimento, tecemos caminhos que preceituam conhecer princípios que deverão ser seguidos. "Não é possível cuidar de si sem se conhecer" (FOUCAULT, 2009).

Cuidar de si e das outras pessoas pode ser considerado um pressuposto para uma transformação dos corpos e para o fortalecimento das relações interpessoais.

Afetos são modos de implicações das pessoas. A política como tomada de posição é uma ação que pode mudar o mundo.

A sociedade é um circuito de afetos (SAFATLE, 2019) que constitui reconhecimentos de identidades e pertencimento a um determinado local. Compreender afetopolíticos como maneira determinante de formas de vida, e comportamentos sociais que interferem no que somos, é fundamental para a vida em sociedade.

CDEPAM no Congresso UFBA 75 anos

06 a 11/12/2021

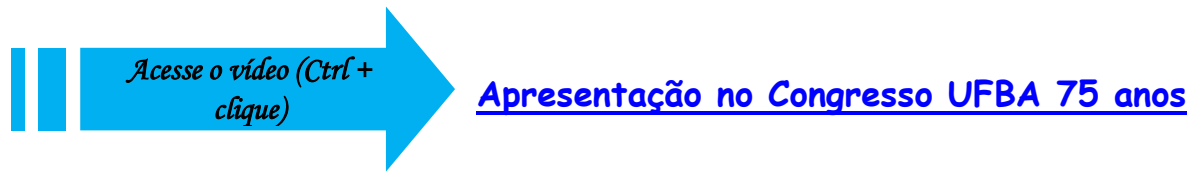


Figura 20 - Participação do CDEPAM no Congresso UFBA 75 anos

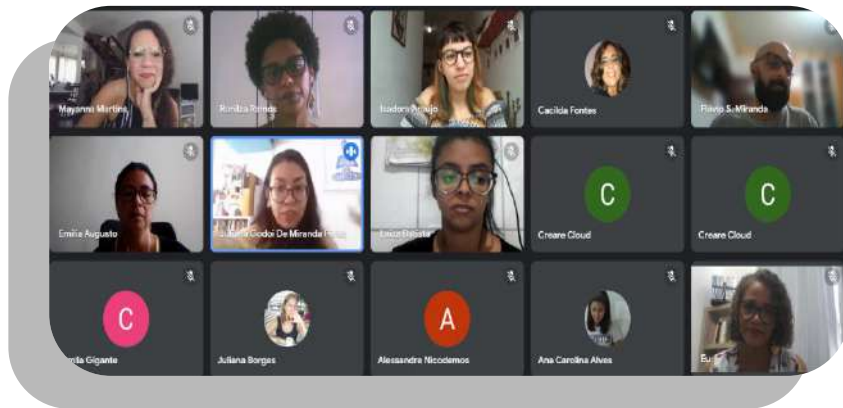


Fonte: Arquivo pessoal.

Mais uma vez a educação bancária se faz presente. Somos direcionadas a depositar em planilhas, conteúdos que não se conectam com a realidade dos(as) estudantes. Que impedem ações de danças que possibilitam a comunicação entre pessoas. Segundo Freire (2020), essa educação bancária impede que o educador se comunique, para apenas fazer comunicados, e que apenas depositemos conteúdos em nossos e nossas estudantes. E agora? É para depositarmos um falso conteúdo nas planilhas irreais, surreais? 45 cactres - SMA - planilhas de planejamento - planilha de desempenho - Prosa - Aprova - Caderno sem revisão - Atividades de Dança no papel - Remoto - Híbrido - Presencial - professora sem entender panilha, com medo de mover, apagar, deletar - temps contados - copia e cola. Exaustão, muita exaustão, angústia, tensão. PLANILHAS - um panóptico que suprime a liberdade, frustra, enquadra.

CDEPAM no ConPAS - Encontro de Pesquisas Narrativas nas/das Escolas - Dançarvivências: memórias no/do cotidiano da escola Pública

Figura 22 - Participação do CDEPAM no Encontro de Pesquisas Narrativas nas/das Escolas



Fonte: Arquivo pessoal.

Qual a intenção do coletivo ao dançar tais memórias? Uma delas, e talvez a mais latente no momento, é de polemizar o ambiente da rede de educação pública que pensa/faz a aprendizagem de conhecimento de forma equivocada. Então, buscamos lidar com essas problemáticas DANÇANDO, nós as transformamos em movimento e assim tentamos dar outra leitura a partir da Dança, com a Dança.

1.2.4 Participação em eventos acadêmicos

❖ *Participação em eventos científicos e acadêmicos com publicações e apresentações orais*

- Congresso Virtual UFBA - Universidade em Movimento, Salvador-Bahia, com Intervenção Artística **Afetividade de Dança: por um reconhecimento de identidades na escola pública**

18 a 29/05/2020

Autoras: Lissandra Santos, Renilza Ramos, Rose Lima.

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Apresentação de Dança - Congresso Virtual UFBA](#)

Figura 23 - Intervenção Artística no Congresso Virtual UFBA, 2020



Fonte: Arquivo pessoal.

- VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA). Edição Virtual, de 6 a 18 de setembro de 2020. **Dança em Relatos de Experiências**, p. 340, com a apresentação do trabalho **Dança na escola: Ingresso, percurso, permanência e insurgência**.

Autoras: Renilza Ramos e Rose Lima

Acesse o e-book (Ctrl + clique)

[E-book VI Congresso da ANDA](#)

- V Seminário Corpoconectivos em Danças: **Mergulhos e Travessias**, de 7 a 15 de outubro de 2020. Produção e participação.

Coordenadora: Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[V Seminário Corpoconectivos em Dança](#)

Figura 24 - Registros do V Seminário Corponectivos em Danças, 2020



- VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) - 2ª edição virtual, de 01 a 04 de junho de 2021, com apresentação do trabalho **Dança com crianças em ambiente escolar público de tessitura de caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais**

Autora: Rose Lima



[Apresentação oral no Congresso da ANDA 2021](#)

Figura 25 - Apresentação de trabalho no Congresso Anda, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

- Congresso Virtual UFBA - Universidade em Movimento, Salvador-Bahia, de 22 a 26 de maio de 2021, com apresentação de vídeo pôster: **Tecendo caminhos para o cuidado de si: dança na escola pública em busca do reconhecimento e suas relações.**

Autora: Rose Lima



Figura 26 - Apresentação de trabalho no Congresso Virtual UFBA, 2021

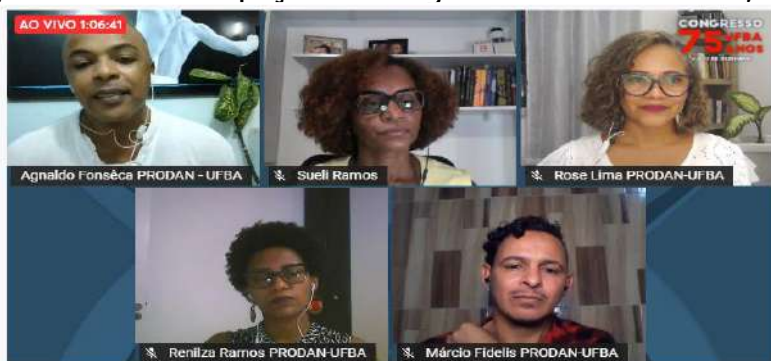


Fonte: Arquivo pessoal.

- Congresso UFBA 75 anos - Perspectivas de Danças em Ações Artísticopedagógicas - 08/12/2021



Figura 27 - Participação no Congresso UFBA 75 anos, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa mesa temática contempla as discussões das pesquisas das(os) mestradas(os) do programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA-PRODAN. Posicionam-se enquanto pessoas engajadas social e historicamente, implicadas em suas ações artísticaspedagógicas. São artistas comprometidas(os) em promover possibilidades dançantes que contemplem os contextos dos lugares das suas atuações. Correspondem a pesquisas implicadas e aplicadas, as quais se tecem aos eixos que estruturam o PRODAN.

- Congresso UFBA 75 anos - Liberdanças Corponectivos - 11/12/2021

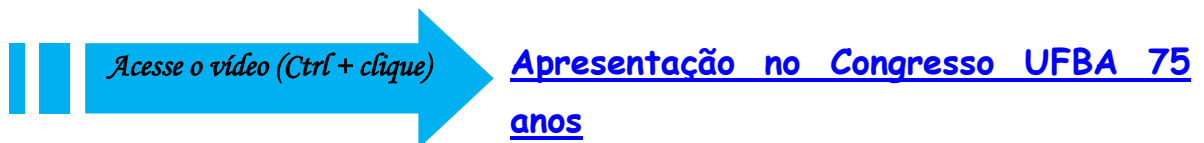


Figura 28 - Apresentação no Congresso UFBA 75 anos, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

A Dança na escola como forma de libertar. Dançar para ler o mundo. Mover as ideias é conhecimento. Espaço torcido, revirado, sem agruras. A ideia é desfileirar! A liberdança é uma proposta não dualista e menos tecnicista. Entende que corpo é uma pessoa com seus aspectos físicos, sociais, emocionais, históricos e culturais. A liberdade desses corpos. Dançar para se expressar no mundo. Não a qualquer tipo de opressão e mais movimentos emancipatórios.

- 2º Seminário PRODAN - Pesquisas Implicadas e Danças e Contextos de Educação Formal - 06/11/2022

Figura 29 - Participação no 2º Seminário PRODAN, 2022



Fonte: Arquivo pessoal.

Acesse o vídeo (Ctrl + clique)

[Participação no 2º Seminário PRODAN](#)

O grupo de trabalho da linha 2, Processos Pedagógicos, Mediação e Gestão Educacional em Dança, é formado por docentes, pesquisadores e mestrandes com entrada nos anos de 2020 e 2021, no programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN/ UFBA), e são atuantes na Educação Básica e Profissional do ensino formal público, nos estados da Bahia, Minas Gerais,

❖ *Participação em outros eventos*

- VI Seminário Corponectivos em Danças: **Entre nós: mergulhos profundos para continuarmos a travessia.** Produção e participação. 4 e 5/10/2021

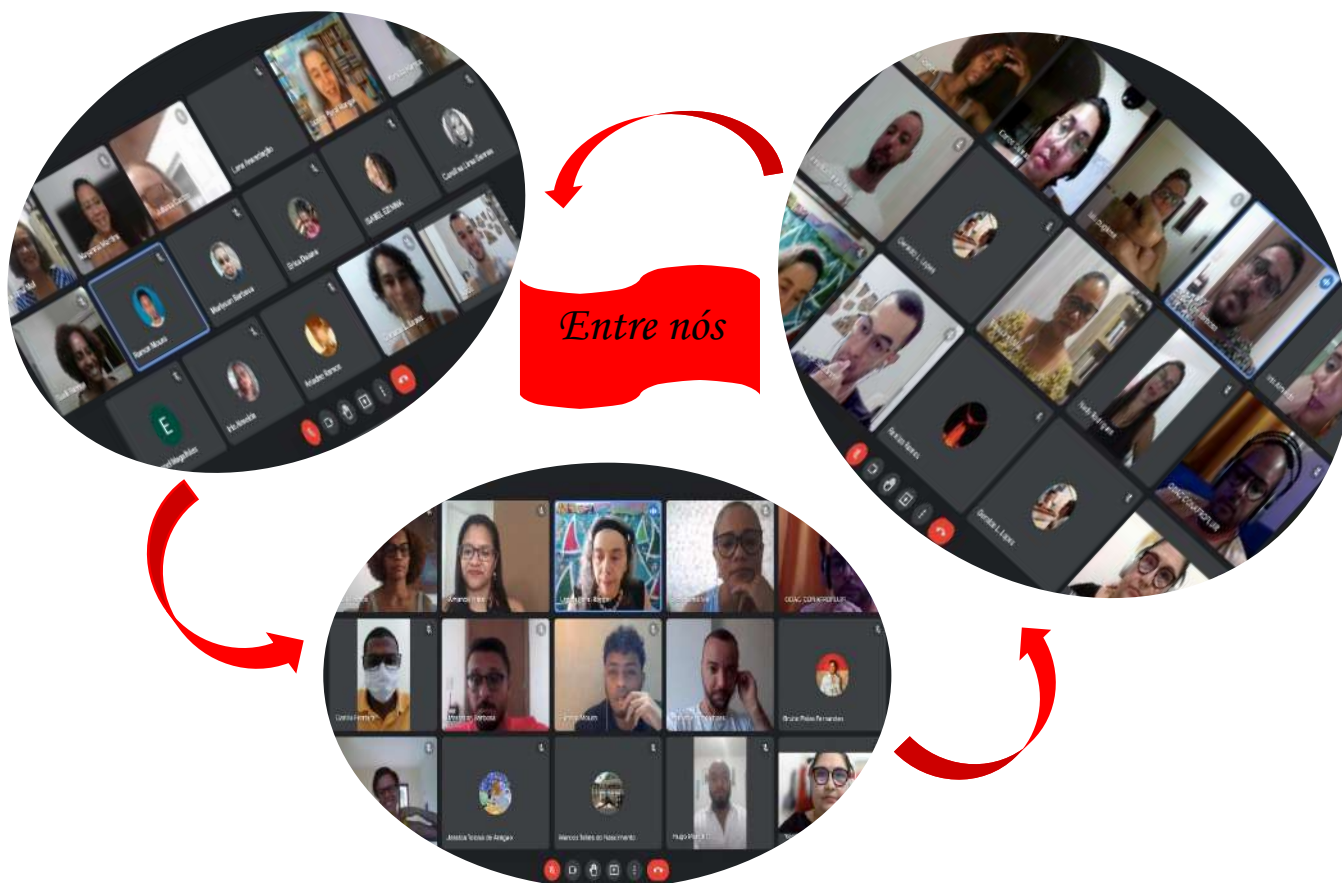
Coordenadora: Professora Dr^a Lenira Peral Rengel

Figura 30 - Cartaz do V Seminário Corponectivos em Danças, 2021



Fonte: Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças

Figura 31 - Registros do VI Seminário Corponectivos em Danças, 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

- **Educação contra a barbárie** - Todos em defesa da ciência e da vida contra o desmonte da educação pública. 18/05/2021

Figura 32 - Corponectivos em Danças na Educação contra a barbárie

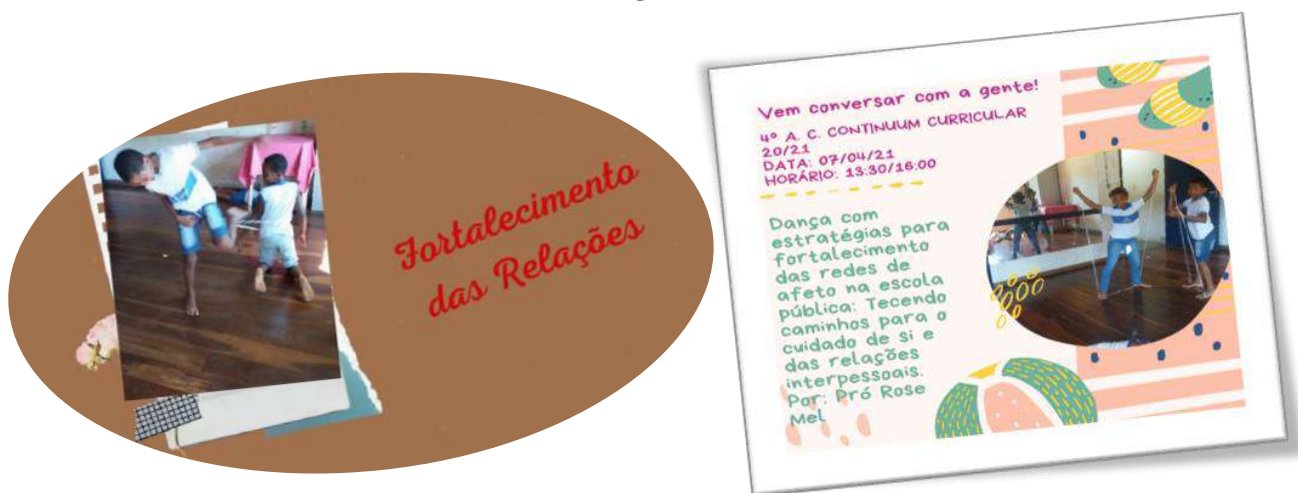


Fonte: Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças

- Roda de conversa na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, com o tema: **Dança com estratégias para o fortalecimento das redes de afeto na escola pública: tecendo caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais.** 07/04/2021

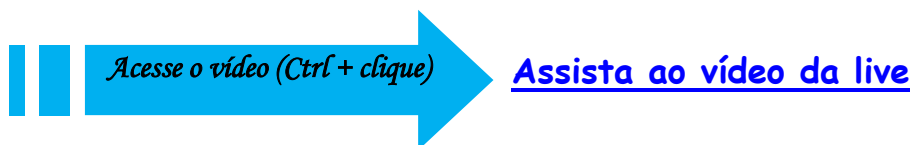
Palestrante: Rose Lima

Figura 33 - Relações



Fonte: Arquivo pessoal.

- Live Dança em Múltiplos Contextos educacionais: práticas sensíveis de movimento. 26/03/2021



- Fórum Manifesto Arte Reage - 09/02/2022



- Fórum Manifesto Arte Reage Ato II - 17/02/2022



Figura 34 - Registros das edições do Fórum Manifesto Arte Reage



Fonte: Arquivo pessoal.

Fórum Manifesto que uniu pessoas da Secretaria Municipal de Salvador, da Universidade Federal da Bahia e da comunidade escolar para reagir contra mais uma tentativa de desmonte na Educação Pública da cidade de Salvador. Teve como tema principal a retirada das Artes das séries iniciais do Ensino Fundamental - 1º e 2º anos - o que foi/é considerado uma brutalidade. ARTE REAGE, ARTES FICAM.

- **ConPAS - Encontro de Pesquisas Narrativas nas/das Escolas - 10, 11 e 12/2021 - Dança com crianças em ambiente escolar público de conflito: tessituras de caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais**
- **IV Congresso Docência e Diversidade na Educação Básica: Profissão docente em questão - 17 a 19/03/2021**
- **Seminário fórum 15 anos - Dança: Atratores de Pesquisa, edição virtual - 09 a 11/12/2020**
- **Seminário A Escrivência de Conceição Evaristo - 12/11/2020**
- **IV Fórum Negro de Arte e Cultura - 27 a 30/10/2020**









N. DE CERTIFICAÇÃO: 32964H2D8AC18P5



N. DE CERTIFICAÇÃO: 0X80H1E0B2NH17



N. DE CERTIFICAÇÃO: 02964H08V70R1V





2 CARTA/SISTEMATIZAÇÃO DE AULAS E AÇÕES

Rosecleide Lima Bispo

Dança com crianças em ambiente escolar público de conflito:
tessituras de caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais

Orientadora: Prof.^a Dra. Lenira Peral Rengel (PRODAN/UFBA)



Salvador
2021

2.1 PROPOSTA DE AÇÃO DE DANÇAS NA ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

"Pode-se ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isto é, que se force o aluno a usar sua própria inteligência."

Jacques Rancière

A proposta busca uma organização didática de maneira a contribuir para minimização dos conflitos não só dentro da sala de aula, mas em todo o ambiente escolar e, conseqüentemente, colaborar para que esta ação reverbere fora deste ambiente. Na intenção de amenizar os confrontos, as divergências, ou seja, ações que interrompem o fazer das aulas ou que não as permitam acontecer, busco trabalhar o cuidado de si e as relações interpessoais.

É importante salientar que esse processo de cuidar de si para que seja possível uma boa convivência com as outras pessoas também perpassa pelo processo emancipatório de cada estudante. Neste viés, Rancière (2011) explana que o conhecimento que uma pessoa traz consigo deve ser útil a si mesma, caso contrário à sua relação com as pessoas será desrespeitosa e abusiva. Sendo assim, é relevante que professoras(es) não ignorem os conhecimentos trazidos para as aulas e que sejam emancipados para que seja possível promover a emancipação de estudantes. Seguindo este caminho, é possível desconstruir a ideia que a(o) "ignorante" tem, quando não acredita que é inteligente para aprender por si mesma(o).

Rancière (2011, p. 34) questiona: "Como poderá o mestre sábio aceitar que é capaz de ensinar tão bem aquilo que ignora quanto o que sabe?" Dessa forma, uma das formas possíveis de contribuir para diminuir os conflitos é não ir contra as propostas que estudantes trazem para as aulas. A escuta é importante para nós professoras(es).

Ainda que estas propostas sejam desconhecidas para nós, ou seja, mesmo que sejamos ignorantes ao que é sugerido, acolher as falas é um passo importante para ajudar estudantes no caminho da conquista pela autonomia. Não bloquear o aluno(a) é uma maneira de não lidar com

conflito, ou, como também diz Rancière (2011, p. 34), "O Ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora.". Essa ação está inserida na minha metodologia como uma das formas de trabalhar o cuidado de si e melhorar as relações. Entendendo essa metodologia como uma proposta emancipatória do cuidado de si e proponho que ela se expanda para além dos muros da escola, ou seja, nas relações com outras pessoas e outros ambientes.

Minha intenção é contribuir com demais docentes por meio de ações didáticas que possam colaborar no desenvolvimento das aulas de Dança nas escolas públicas. Essas ações decorrerão dentro de uma sistematização, a qual terá métodos que poderão ser utilizados no fazer dessas aulas.

As ações didático-metodológicas são/serão estratégias e intervenções que possam transformar corpos por meio do autocuidado e oportunizar a diminuição dos conflitos no processo de ensinoaprendizagem dentro da escola pública, isso implica observação e problematização das ações divergentes, que são recorrentes na sala de aula. Desta maneira é possível direcionar caminhos que ajudem a trabalhar com a pluralidade de corpos, dentro deste ambiente.

As propostas usadas em sala de aula decorreram/decorrem dentro de uma metodologia que incorpora estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos. Tais estruturas e estímulos auxiliam nas questões de socialização e emancipação, o que engloba o compartilhamento de conhecimentos. O uso de diversos materiais didáticos também corrobora para o desenvolvimento das aulas, tornando-as ainda mais atrativas, o que chama muito a atenção de estudantes e, assim, se mostram mais participativos(as) em todo o processo.

O caminho metodológico desenvolvido considera estudantes e seus contextos de vida, bem como seus processos de construção, criação e expressão. Esta pesquisa decorrerá dentro de uma abordagem qualitativa, que proporciona perceber a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que com ela também é possível cuidar de si.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária [...]. (FREIRE, 2020, p. 31)

OBJETIVO GERAL

Desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam proporcionar a redução dos conflitos dentro do processo de ensinoaprendizagem da Dança, considerando o cuidado de si e das outras pessoas como pressuposto para uma transformação dos corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propiciar o fortalecimento das relações interpessoais, dentro do ambiente escolar público;
- Conduzir ações que permitam que os(as) estudantes encontrem caminhos para o cuidado de si, respeitando as relações com os outros, com a escola e seu ambiente comunitário.
- Catalogar os métodos selecionados para compartilhamento das experiências;
- Elencar as estratégias e intervenções utilizadas e consideradas adequadas nas experiências realizadas.

❖ *O chão da escola*

"Relacionamentos/sentimentos/sensibilidade "humanos".

Isabel Marques

Figura 35 - Nossas aulas de Dança



Fonte: Arquivo pessoal.

O desenvolvimento das aulas ocorre no momento em que estou na escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, no bairro do São Gonçalo do Retiro, na cidade de Salvador, Bahia. As crianças são diversas e vivem dentro de um contexto de vulnerabilidade social em que são promovidas experiências de exclusão, invisibilizando corpos tão potentes e que necessitam ser percebidos e valorizados.

Nas aulas presenciais, a falta de espaço físico adequado e de materiais que possam auxiliar para um melhor desenvolvimento sempre dificultaram as ações propostas. Desta forma, nunca foi fácil produzir a construção de conhecimento, pois é necessário estar sempre na busca pela superação dessas e de outras dificuldades encontradas. Acerca desta realidade, decorre uma pandemia que potencializa tais dificuldades. "Quando a crise se torna permanente, transforma-se na causa que explica tudo" (SANTOS 2020, p. 5).

❖ *Trabalho remoto*

A chegada de uma pandemia tem reafirmado os obstáculos vividos em diversos âmbitos, acentuando as diferenças existentes na educação básica pública. Com isso, mudanças emergenciais foram necessárias e, por sua vez, preceituam educadoras(es) que precisam se reinventar e se adaptar às novas tecnologias em busca da transformação, para que seja possível alcançar as pessoas estudantes de alguma maneira. Todavia, é muito difícil esse alcance, devido à falta de acesso às novas tecnologias, por parte da maioria de estudantes, o que torna o ensino da Dança ainda mais desafiador.

A tentativa de adaptar o trabalho, que eu já vinha realizando, a uma situação de pandemia foi e está sendo um constante desafio e uma constante superação, principalmente em se tratar do ensino público. "O Saber se faz através de uma superação constante. [...]. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia." (FREIRE, 2020, p. 35). O desafio de fazer uma Dança passar por tantos caminhos até ser dançada exigiu ainda mais criatividade para que fosse possível tentar promover o cuidado de si, bem como uma educação emancipatória com a Dança. Esse cuidado era apenas e unicamente por meio de papéis impressos, os quais percorriam diversos trajetos até chegarem aos estudantes.

A grande maioria não tem espaço suficiente em suas residências para se mover, isso influencia na mudança rotineira de criar possibilidades na construção de conhecimento por meio das atividades propostas. Buscar constantemente mecanismos que diminuam essa disparidade é desafiador, exaustivo e perpassa por um fazer diário intenso com tentativas de adaptar a prática ao contexto atual. Porém, infelizmente, praticamente sem retorno. Ainda assim, não é possível desistir, é necessário estar sempre tentando atuar com a Dança, mesmo que seja no papel, na esperança de que estudantes possam se tornar pessoas cada vez mais capazes de produzir conhecimentos.

❖ *Trabalho Híbrido*

Mais um desafio. O ensino semipresencial traz o distanciamento dentro de um espaço em que mesmo antes da pandemia já era extremamente difícil de se trabalhar. Entendo que as relações em Dança acontecem quando estudantes se dispõem a olhar, tocar, falar, dançar em solo e/ou em grupo. Essas são algumas ações que possibilitam as conexões, que permitem corponectar, porém o distanciamento se fazia necessário.

"Corponectar denomina a atividade de entrar em contexto com algo, com um corpo que já é corponectivo." (RENGEL, 2007, p. 38). Esses entrelaçamentos entre corpos se tornam mais difíceis de acontecer, sendo assim, novas estratégias são ainda mais necessárias para que as aulas de Dança possam ser realizadas.

Em discussões nos encontros com o Grupo de Pesquisas Corponectivos em Danças surge a ideia de Liberdanças, dançar na escola como forma de libertar. Dançar sem opressão e com movimentos emancipatórios. Mover os corponectivos. O espaço da escola precisa oportunizar a liberdade desses corpos, pois corpos que dançam trazem diversas experiências que precisam ser vistas e valorizadas. Assim, proponho explorar os espaços da escola Eugênia Anna dos Santos para que os corpos possam se sentir livres, deixar as salas de aulas com espaço limitado e com agruras para dançar com liberdade.

A participação e a contribuição de estudantes nas aulas têm sido muito relevantes para seu desenvolvimento pessoal e social, pois sugerem músicas, movimentos, vídeos, que demonstram a sua autonomia. Liberdanças é mais uma ação que pode promover o cuidado de si e corponectar.

Nos links a seguir compartilho com você momentos de ações Liberdanças que demonstram o desenvolvimento e autonomia das crianças.

Acesse o vídeo (Ctrl + clique) [Autonomia](#)

Acesse o vídeo (Ctrl + clique) [Desenvolvimento](#)

Figura 36 - Liberdanças



Fonte: Arquivo pessoal.

3 CARTAS DE UMA PROFESSORA DE DANÇA DA ESCOLA PÚBLICA - LIBERDANÇAS PARA O CUIDADO DE SI E DAS OUTRAS PESSOAS



Cartas/aulas para a escola pública

Querida pessoa,

Sou Rose Lima, também conhecida como pró Mel, professora de Dança do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Salvador, também pesquisadora voltada para o ensino/aprendizagem que aborda temas tais como: relações interpessoais, cuidado de si, afeto e Dança como prática de liberdade.

Meu ideário pedagógico das aulas que realizo se referencia em bell hooks (2017) e Freire (2020), para tratar de uma educação libertadora; Foucault (2004), para abordar o cuidado de si e a prática da liberdade; Laban (1978) para conversar sobre ações corporais e trabalhar criação e análise dos movimentos; Rengel (2007), para discutir a corporeidade, entender/perceber o corpo como não dualista; Santos (2017, 1996), como referência para a questão do acesso aos conhecimentos; Trindade (2005), para explicar sobre valores civilizatórios afro-brasileiro; Isabel Marques (1999) e Klaus Vianna (2008), que auxiliam na efetivação dessas argumentações em modos de Danças. Esse conjunto de autorias me auxilia na efetivação de argumentações em modos de danças.

Esta carta é direcionada a muitas pessoas, como discentes, docentes, diretoras(es), por isso escolhi o pronome na segunda pessoa do singular, você, para me referir às pessoas leitoras desta carta. Trago um material que fala do processo do meu trabalho dentro da Rede Municipal de Ensino de Salvador, com os anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, do 1º ao

5º ano. Ele se iniciou em 2008, porém, aqui, enfatizo as ações que aconteceram durante o período do mestrado (2020-2022.1).

Foi na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, espaço em que trabalho desde 2019, que pude realizar ações de Dança, juntamente com as crianças estudantes, que propiciaram diversos resultados. Esta escola está situada dentro do terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá, que fica na Rua de São Gonçalo, no bairro São Gonçalo do Retiro, na cidade do Salvador, no estado da Bahia. A escola pode atender até 310 crianças, com faixa etária de 4 a 13 anos; essas crianças, em sua grande maioria, são afrodescendentes, moradoras do terreiro ou adjacências. O terreiro é um suntuoso espaço e com uma linda reserva paisagística cultural, que hoje é tombada pelo Patrimônio Nacional.

Agora, que está ciente deste espaço, vou lhe dizer que trago nesta carta um compartilhamento carregado de tessituras afetivas, as quais tiveram caminhos que não percorri sozinha. Tais tessituras tiveram fundamentais participações e contribuições das crianças estudantes que estiveram comigo durante o processo de ensinoaprendizagem da Dança. Assim, aqui partilho ações que não foram feitas apenas para você estudante, mas, também, com você.

Nesse caminho nos movimentamos em diversos espaços, tempos, pesos e fluências, ou seja, os fatores do Movimento (LABAN, 1978, RENGEL, 2005) que nos auxiliaram na busca do nosso próprio conhecimento. Conhecer a nós mesmos para podermos ter autonomia de quem somos, do que fazemos e do que queremos, e assim, percebermos que somos plenos, corpos atuantes nos espaços em que estamos e ocupamos. Dançamos uma Dança que apenas as palavras não dão conta de descrever o quanto foi importante e incrível, porque é difícil descrever dessa forma as histórias que a Dança nos faz viver. "Frequentemente é impossível esquematizar o conteúdo de uma dança em palavras, embora sempre se possa escrever em movimento." (LABAN, 1978, p. 23). E posso dizer que escrevemos muitos movimentos.

Estudante, o seu aporte demonstrou o quanto a nossa união fez diferença nos nossos processos realizados. Os resultados alcançados durante o período em que estivemos em compartilhamento afirmaram que o trabalho foi possível devido à junção das subjetividades. A subjetividade (DAMÁSIO, 2018 p. 184-185) se desenvolve também a partir dos sentimentos que temos, os quais nos ajudam a aprimorar a percepção do que é importante ou não para nós. Podemos entender a subjetividade como nossa experiência diante do que nos afeta, assim, temos a habilidade de sermos proprietários das nossas experiências. Ela impulsiona a nossa inteligência, nossa capacidade de criar. Então, nessa junção das subjetividades teve você, nossa escola, eu, nossa sala de dança, todos os espaços que desbravamos e todos os conhecimentos que partilhamos.

E assim, unindo as singularidades, coaduno com Rengel (2012) ao afirmar que o entendimento de mediação como um processo mais abrangente não pode ser considerado como uma subjetividade unilateral. Ou seja, ter você não apenas como estudante participante, mas, também, como pessoa que contribuiu em todo o movimento das nossas aulas, ampliou o nosso crescimento.

Como se a "minha" subjetividade ou a "do professor", ou a "do aluno" dessem conta sozinha de um mundo tão variado de elementos como a dança em todas as suas inserções e vínculos contextuais. (RENGEL, 2012 p. 4)

Ainda nesse trajeto de mediação como um processo mais amplo, quero lhe dizer que Freire (2020) mostra o quanto a educação bancária é equivocada. Tal educação, segundo o autor, afirma que a única possibilidade de proporcionar conhecimento às pessoas estudantes é enchê-las de informações, as quais só poderão ser armazenadas. "Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante." (FREIRE, 2020, p. 80). Essa visão inadequada da educação não permite a transformação das pessoas, nem o acesso ao conhecimento de forma crítica e com liberdade. Nós

buscamos propiciar conhecimento no exercitar constante do discernimento. Questionamos nossas ações, descobrimos diversas formas de dançar, e dançamos com liberdade, praticamos a liberdade por meio da dança.

E para que essa prática de liberdade fosse possível, busquei caminhos que proporcionassem fazer você perceber que é capaz de ter liberdade respeitando as singularidades. Foucault (2004, p. 267) diz que "A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade." Se nos articularmos com esse pensamento, podemos entender que ter liberdade não significa fazer tudo o que se quer, de qualquer forma. Significa ter consciência do que pode fazer sem desrespeitar ou ferir a liberdade da outra pessoa.

Quando Foucault (2004, p. 267) diz que "A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade.", ele permite-nos entender que o modo de ser, que é construído por meio do cuidado de si, da relação consigo mesmo, é uma prática moral. Ou seja, a ética em torno do cuidado de si consiste em controlar-se frente aos desejos de dominação e/ou coerção para/com as outras pessoas. Essa maneira de agir retrata a prática de liberdade como uma forma de ser uma pessoa moral à sua própria conduta. Nesse sentido, significa ser uma pessoa que é capaz de discernir quais valores podem orientar ações que procedam com justiça perante a uma determinada sociedade. É importante que nosso comportamento e nossos hábitos não imponham formas de ser ou as nossas vontades nas outras pessoas. Sendo assim, é relevante compreender que é necessário estabelecer modos de práticas de liberdade, os quais poderão permitir o respeito nas relações. E nós buscamos trilhar esse caminho tecendo formas de praticar a nossa liberdade com respeito.

Figura 37 - As relações - respeito, escuta e cuidado



Fonte: Arquivo pessoal.

Agora gostaria de direcionar minha carta um pouco mais a você, docente. Cara pessoa colega docente apresento-lhe também um compartilhamento de ações realizadas nas aulas de Dança que leciono, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do processo de ensinoaprendizagem em Dança. Acredito que encontramos dificuldades similares para fazer a Dança acontecer no ambiente escolar público, no qual nos deparamos com diversos conflitos. Estamos sempre tecendo caminhos para que a Dança aconteça e lhe digo que o cuidado das pessoas estudantes e das relações interpessoais é muito importante na busca dos nossos objetivos. Desta forma, esses caminhos permitem contribuir para que as relações também aconteçam, considerando a importância de se conhecer, se cuidar, para conhecer e cuidar da outra pessoa. “[...] se as pessoas não se conhecem nem possuem individualidade, não há como participar do coletivo [...]” (VIANNA, 2008, p. 32).

Conto agora para você, com alegria, o quanto a contribuição do Grupo de Pesquisas Corponectivos em Danças, o qual eu faço parte, foi importante para o meu trabalho com a prática de liberdade. Esse grupo é coordenado pela professora Dra. Lenira Peral Rengel. Em discussões nos nossos encontros, tratando de temas para o nosso seminário, intitulado: **Entre nós: mergulhos profundos para continuarmos a travessia**, surgiu o tema Liberdanças. Esse tema nos possibilitou explorar diversas formas de exercer a liberdade dentro dos espaços da sala de aula, da escola e do

terreiro. E, assim, foi possível realizar ações de Danças que corroboraram para que corpos se movimentassem com mais liberdade. Liberdanças! Dançar com liberdade.

Você pode estar se questionando como foi esse trabalho. Liberdanças é dançar utilizando as práticas de liberdade. É permitir que a Dança aconteça de diversas formas e em diversos espaços sem agruras e respeitando as particularidades de cada pessoa. É dançar com as outras pessoas e com o mundo, praticando a liberdade de forma que não se negligencie as relações interpessoais. E assim não sejam promovidas relações de poder. Ao tecer essas Danças, dentro desta perspectiva, evitamos silenciar e excluir corpos, pois são atos que propiciam os conflitos nas aulas.

Quero lhe falar de dançarcom. É isso mesmo! Tudo junto! Trago essa junção também inspirada em Rengel (2021) que cria neologismos e reúne palavras para que juntas possam demonstrar o seu significado mais amplo, como, por exemplo, corpopessoa. A união dessas palavras demonstra que corpo não é vazio, tem histórias, memórias, culturas, sentimentos e que vivemos corponectados em corponectividade. Termos também utilizados pela autora supracitada, que aborda uma atitude educacional e de vida que não reconhece corpo como dualista. “[...] não há como sentir o mundo, as pessoas, os fenômenos em dicotomias, muito embora não ser dualista seja um exercício diário.” (RENGEL, 2021, p. 261). Ou seja, somos corponectivos (corpomente) e estamos corponectados, estamos sempre em relação e nos relacionando com as pessoas e com o mundo.

Então, minha breve explicação sobre neologismo foi para você entender melhor sobre o dançarcom. Na escola, as crianças e eu dançamoscom as outras pessoas, a natureza, os figurinos, as bolas, os arcos, os lenços, as fitas, os filós e tantos outros objetos. Ah! E não posso esquecer de mencionar que sim, dançamoscom as músicas também, inclusive deixo aqui como sugestão a música LIBERTANGO de Astor Piazzola (1974). Liberdanças, Libertango. Coocidência? O que você acha? Continua aqui comigo que mais abaixo você vai encontrar o link para ouvir ou baixar. Mas,

continuando, digo para você que o mais legal de tudo é que eu dançei com as crianças e elas dançaram comigo. E que Dança foi essa? Uma Dança a qual aprendemos compartilhando nossas histórias, nos conectando.

Antes de falar de outro assunto, gostaria de voltar a falar da tal educação bancária. Freire (2020, p. 87) diz que tal educação também “[...] sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros.” Lembra-se de que falei sobre dualismo? Ele nos afasta do mundo. Pois é, nós estamos com o mundo. Tudo junto.

Movimentamo-nos para nos comunicar. Os movimentos que as crianças trazem são carregados de histórias, não são corpos vazios, são corpos-pessoas, como já falei aqui. É importante entender que a comunicação por meio dos movimentos que acontecem na Dança oportuniza as relações. Os processos cognitivos, que é a maneira como se conhece, se percebe e se entende o mundo, estão presentes o tempo todo na construção do conhecimento. E assim, sem dualismos, o corpo todo se comunica.

Rengel (2007) aborda que nos processos cognitivos do corpo, é importante perceber, enquanto cognição conectiva, que a educação é um processo constante, está sempre acontecendo. Afirma também que em tais processos o mais apropriado é enfatizar o “consigo isso agora”, “entendo isto agora”, o que é mais adequado do que apenas enfatizar que “vai conseguir”. Isso significa que devemos respeitar o tempo que cada estudante tem para entender, perceber ou conseguir fazer ações que são propostas por nós. Reforçando esta afirmação, cito Laszlo (2018, p. 73): “O importante é se desprender da frustração do “não consigo” e criar o desafio do “ainda não consigo.”.

“Movimento [...] também se adapta ao ambiente por seu caráter comunicativo, pois a cada gesto ou reação, o corpo dialoga com o meio.” (PINTO, 2019, p. 103). O corpo conversa por meio do movimento. Busquei favorecer, oportunizar e manter essa conversa presente o tempo todo entre mim e as crianças e nos mais diversos espaços do ambiente escolar.

Digo a você que a observação de corpos, a escuta atenta a esse diálogo por meio do movimento e com o movimento tem uma enorme importância para nós. Podemos conhecer um pouco de cada história, entender melhor as expressões, podemos articular ações que possibilitem acolhimento, cuidado e aproximações de corpos.

As ações que promovem todos esses movimentos são liberdanças. A roda, O caminho, O armário, juntamente com todas as ações, as quais posso dizer que são as atividades que deixo aqui para você, como cartas dentro desta carta. Como falei para você, liberdanças são ações, ações de movimentos, de pensamentos, de práticas, de teorias, de ideias. Ações que são as nossas danças que acontecem em diversos espaços da escola, de muitas maneiras, aproveitando o que cada pessoa traz consigo e, assim, promovendo as liberdanças. Sim, liberdanças, sempre no plural, porque são muitas as nossas danças e nos permitem viver a liberdade que somos. Aprendemos as danças das outras pessoas, compartilhamos as nossas danças, nos assistimos, nos apoiamos, nos aplaudimos, nos sentimos, e junto a tudo isso, sorrimos, sorrimos muito. Buscamos caminhos que nos levaram e nos levam a praticar a liberdade.

Carta/Tessituras metodológicas

"A dança se faz não apenas dançando, mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro."

Klauss Vianna

Figura 38 - Relações com liberdanças



Fonte: Arquivo pessoal.

Vou apresentar alguns métodos nos quais me referencio para o desenvolvimento das minhas aulas. A "Arte do Movimento", de Rudolf Laban, mais especificamente os fatores do movimento, Espaço, Peso, Tempo e Fluência, foi uma das formas que me ajudou a desenvolver diversas atividades.

Fatores do movimento são componentes que foram identificados por Laban como FLUÊNCIA, ESPAÇO, PESO e TEMPO, ao observar as atitudes corporais na experiência do movimento. Como estes fatores pertencem à própria natureza do fato de existir, o agente com eles se relaciona de uma forma integral. (RENGEL, 2005, p. 63)

Podemos entender esses fatores como ações que podem ser trabalhadas durante o desenvolvimento das aulas com o intuito de propiciar uma consciência melhor de si e das outras corpospessoas. Com os fatores do movimento também trabalhamos o **esforço**. Esse termo é definido por Laban como impulsos interiores que originam os movimentos. Mas, atualmente, já se sabe que esse "impulso interior" também é movimento, apenas não vemos a olho nu. E, atenção, o esforço não é apenas físico. "Esforço é tanto intelectual, emocional, quanto físico." (RENGEL, 2005 p. 60).

O indivíduo que aprendeu a relacionar-se com o Espaço, dominando-o fisicamente, tem atenção. Aquele que detém o domínio de sua relação com o fator esforço-Peso tem Interação; e quando a pessoa se ajustou no Tempo, tem Decisão.

[...] Interação e decisão são estágios de preparação interior de uma ação corporal externa. Esta se atualiza quando o esforço, através da fluência do movimento, encontra sua expressão concreta no corpo. (LABAN, 1978, p. 131)

Outro caminho metodológico que busquei para contribuir com as minhas aulas foi o da Técnica Klauss Vianna. Uma técnica que podemos utilizar de acordo com os contextos, ou seja, respeitando o que cada pessoa já traz consigo. As estratégias desta técnica não são regras prontas, são estudos e concepções que podem ser trabalhados com qualquer pessoa em qualquer ambiente. Sendo assim, pode ser usado na sala

de aula de acordo com cada contexto escolar. Algumas concepções dessa técnica apontam a indissociabilidade do corpomente que está constantemente em troca com o ambiente. O que considero mais um referencial que dialoga com a forma que argumento ser pertinente trabalhar a Dança. Laszlo (2018) considera a integração entre dança/arte e vida; o respeito às singularidades; entende que o corpo está sempre em diálogo, em desenvolvimento e crescimento; percebe a aula como um encontro com a outra pessoa e não para a outra pessoa.

Ao utilizar esses princípios da Técnica de Klauss Vianna, podemos ir de encontro às formas tradicionalistas do ensino da Dança e que são, por vezes, equivocadas. Com eles propomos que as crianças se percebam, se entendam, se conheçam de maneira que consigam conquistar seu crescimento e sua autonomia. Compreendo também essa técnica como um meio de promover as possibilidades de toda e qualquer pessoa, não só na Dança, mas na vida. Ela propicia o desenvolvimento de tudo que cada corpo traz. Isso significa também valorizar as histórias individuais dos corpos que pensam, porque não existe corpo vazio. Segundo Pinker (2004), não somos uma tábula rasa, não nascemos como um papel em branco que vai sendo preenchido por meio das informações que a sociedade escreve em nós. Todas as pessoas já trazem suas experiências, as quais são adquiridas antes mesmo de nascerem.

Não é fácil fazer uma Dança que possibilite o cuidado de si e doutra pessoa, sem que ela seja regada de princípios que permitam a valorização de corpos. Não podemos, nem devemos ignorar todas as coisas que cada corpo carrega consigo. Sugestiono que escute cada corpo com qual você se relaciona na sua aula. Se fizer isso com olhar de cuidado, poderá enxergar muitas coisas que irão lhe permitir buscar caminhos para auxiliar no processo de construção do conhecimento desse corpo. E lhe digo que terá retornos significativos para o seu próprio crescimento.

Carta/ação - A roda

*"A invisibilidade é a morte em vida. Somos o que desejamos ser."
Azoilda Trindade*

Uma autora que muito contribuiu para a construção desta ação nas nossas aulas de dança foi Azoilda Loretto Trindade. Uma educadora que se dedicou com muito afeto em contribuir para a construção de uma educação antirracista. E que defendeu a perspectiva de que o ambiente escolar seja acolhedor e proporcione uma aprendizagem pautada na diversidade e na valorização das singularidades.

A roda é um momento significativo na realização do meu trabalho. Um método que contribui bastante durante o processo das aulas. Quando chegamos à sala de dança, faz parte da aula que as crianças se socializem, se comuniquem, dialoguem. Muitas vezes correm, deitam e batem papo, caminham, algumas se aproximam de mim e me fazem algumas perguntas como, por exemplo: "O que vamos fazer hoje?" Após esse momento, eu peço que façam uma roda e coloquem o "bumbum no chão". Essa frase faz muita diferença em relação a simplesmente dizer: "sentem". Elas se divertem quando digo isso e eu, por minha vez, me divirto com as formas pelas quais elas colocam o "bumbum no chão", sempre observando cada movimento que fazem ao realizarem essa ação. Vale dizer que algumas crianças demonstram até uma certa vergonha, porque falar do bumbum ou tocar nele provoca uma reação de estranhamento; também percebo que para algumas delas parece ser uma parte do corpo da qual ainda é difícil ser falada, tocada ou movimentada.

Trindade (2005) afirma que a roda tem um papel muito importante, pois indica comunidade, circularidade, movimento, renovação enquanto valor civilizatório afro-brasileiro. Coaduno com este pensamento e acrescento que, junto a isso, as crianças poderão também se sentir pertencentes a uma coletividade.

O momento da roda é aquele momento que proporciona um entendimento melhor de onde estamos. Digo que se trata de um encontro

no qual estamos próximos, buscando consciência do corpo que somos e do ambiente. Segundo Vianna (2008), a fala é uma forma pela qual o corpo também expressa o que sente. Então, na roda, conversamos sobre diversos assuntos, ouço com atenção cada voz. E lembre-se, este é um meio importante de conhecermos melhor e nos achegarmos às crianças. Também proporcionamos oportunidade para que elas se conheçam mais, se descubram e se respeitem mutuamente.

Carta/ação - O caminho percorrido para fazer a Dança chegar às crianças durante um certo período da pandemia da Covid-19. Isso aconteceu de abril de 2020 a agosto de 2021

Era a Dança no papel ou por meio do papel. Uma Dança que precisava passar por um longo caminho até ser dançada. E sabe por que eu falo que era um longo caminho? Porque era necessário que eu criasse as atividades e as enviassem por e-mail. Acredite, só eram permitidas no máximo duas páginas. Verdade, até nesse formato nossa arte sofre com limitações impostas. Em seguida elas eram impressas e a pessoa responsável pela criança teria que pegá-las. E, assim, atividades de dança chegavam até elas. Em alguns momentos essa Dança era por meio dos grupos de WhatsApp. Postava as atividades e pedia para que respondessem no caderno, tirassem fotos e enviassem para mim. Pouquíssimas crianças estudantes davam retorno das atividades de dança, infelizmente.

Tudo sempre muito difícil, nem todas as crianças tinham acesso à internet, o que exigia ainda mais cuidado ao elaborar as atividades. Sempre que pedia algo que as levassem a pesquisar nas redes sociais, eu tinha que escrever: "se possível"; "tente"; "Se não conseguir pesquisar, fale o que conseguiu entender", e, assim, fornecer outras alternativas de retorno.

Mas, você acha que essa Dança era dançada realmente? E de que forma era dançada? Eu sempre me fazia essa pergunta, na esperança de que as atividades encontrassem as crianças com saúde e que elas pudessem de alguma forma se movimentar. Mesmo sabendo que, para muitas delas, se

movimentar com liberdade dentro das suas casas era muito difícil, devido ao pouco espaço físico e outras limitações, que até imaginamos, mas não podemos confirmar.

Se eu entendo ser importante considerar que a mediação durante os processos das aulas não deve ser unilateral, como esperar que uma criança que esteja no 1º ou 2º ano, por exemplo, faça essa mediação da atividade sozinha; considerando que muitas delas não tinham ninguém para ajudá-las? Outra questão era que eu conseguia detectar pela letra, nas respostas de algumas atividades, que não era a criança quem respondia. E não podia fazer nada quanto a isso. Foi muito difícil fazer a Dança acontecer dessa forma.

As atividades eram devolvidas para correção. Outro desafio. Como já falei, algumas não eram respondidas pelas crianças, outras retornavam totalmente em branco. Nas que voltavam respondidas por elas, eu podia corrigir as perguntas ditas objetivas e que eram previamente explicadas, porém era complicado corrigir as ditas subjetivas, ou seja, respostas que dependiam unicamente da experiência pessoal de cada criança. Não entendo ser possível corrigir uma questão de caráter pessoal e ainda ter que dar uma nota por isso. Sim, muitas vezes tinha que atribuir uma nota, por exigência da Secretaria Municipal de Educação. Tal nota teria que ser aplicada como forma de avaliação e teria que ser adicionada a um programa chamado SMA, Sistema de Monitoramento do Aluno. Deixo explícito que mesmo nas aulas presenciais ainda existe a obrigação de preencher esse programa. Entende quando lhe digo o quanto foi difícil fazer a Dança acontecer nesse formato? Na verdade, ainda é.

Na tentativa de continuar trabalhando com o cuidado de si por meio das atividades impressas ou enviadas para os grupos de WhatsApp, propus exercícios que pudessem contribuir para que as crianças percebessem o quanto era importante esse cuidado também nesse momento, para lidar melhor com um período pandêmico de incertezas, medos e que realmente inspirava ainda mais atenção ao cuidado consigo.

Vão aqui, nesta carta/aula, também algumas atividades que usamos como referência no momento do ensino remoto. A maioria desses arquivos pode ser aberta diretamente no Drive, outros precisam ser baixados antecipadamente no seu dispositivo para que possa acessá-los e usá-los plenamente. Segue também o link da música Libertango (basta usar o comando *ctrl + clique* nos links abaixo). Vale a pena!

1º, 2º e 3º ANOS

[Atividade de Dança - 1º, 2º e 3º anos](#)

2º ANO



Libertango(MP3_320K).mp3

[Atividade de Dança - 2º ano](#)

3º ANO

[Atividade de Dança - 3º ano](#)

4º E 5º ANOS

[Atividade de Dança - 4º e 5º anos](#)

[História de Ismael Ivo - 4º e 5º anos](#)

[Atividade - Bando de Teatro Olodum - 4º e 5º anos](#)

[Quiz - Ismael Ivo - 4º e 5º anos](#)

[Jogo da memória - 4º e 5º anos](#)

MÚSICA

[Libertango - Astor Piazzolla](#)

Carta/ação 2 - O caminho para as aulas

"Não decore passos, aprenda um caminho."

Klauss Vianna

Existe um caminho que fazemos todas as vezes que vamos para a sala de dança. A nossa sala não fica dentro da escola, ela fica em outro espaço do terreiro. É um local chamado Centro de Cultura Ode Kayode. Lá também tem uma sala de música, espaço onde aconteciam aulas de percussão, mas, infelizmente essas aulas foram suspensas. Temos combinados durante o caminho, claro. Lembra-se da prática de liberdade? Pois é, não podemos fazer tudo o que queremos de qualquer forma. Precisamos ter cuidado conosco e com a outra pessoa.

No caminho presencial que fazemos quando vamos para a sala de dança, muitas coisas acontecem. Começa quando eu vou buscar as crianças em suas salas de aula. Uma grande euforia se instala, todas se mostram muito empolgadas e felizes com o momento. Mas, atenção, ali também começam a acontecer alguns conflitos. Os motivos podem ser por quem quer ter o primeiro lugar na fila, o que gera o tal empurra-empurra, e isso pode fazer com que alguém se machuque. Na verdade, não gosto da ideia de fila - essa disciplina imposta e que limita a liberdade. Gosto mesmo da ideia de caminhar até a sala de dança praticando a liberdade. Então, sabe o que eu faço? Olho para todas fingindo uma certa indignação e pergunto: Onde

está aquela felicidade em saber que vamos para aula de dança? Preferem ficar aqui?

O engraçado, é que ao olhar para os rostos, vejo diversas expressões. E me dizem: "Não fui eu pró, Mel", "Não fui eu, pró de Dança" E assim, começamos o caminho. E o legal é que a fila se desconstroi e construímos o caminho. No percurso algumas crianças vão correndo, umas o mais perto que podem de mim, outras conversando com quem mais têm aproximação e outras explorando os espaços do terreiro. Quer saber como eu vou? Tentando estar o mais atenta possível a todas elas, para que não caiam, briguem, ou se machuquem, e, quando necessário, tenho que chamar mais alto para não se distanciarem tanto de mim. Outra coisa bem legal e que possibilita a autonomia nesse momento é permitir responsabilidades para elas. Quando temos materiais para levar, cada uma leva uma coisa. Mas não ache que é tão simples, ali também acontecem os conflitos, porque todas querem levar alguma coisa.

Contudo, em meio à atenção, converso com elas, ouço diversas histórias e respondo a muitas coisas que me perguntam. É um momento em que eu também busco conquistar a aproximação das relações. E quando chegamos à porta do centro, estamos juntos e juntas. Percebeu que nesse caminho cada pessoa fez o seu próprio caminho?

A ansiedade para entrar na sala de dança é muito grande, por ser um lugar livre de cadeiras, mesas, armários. Essa ansiedade muitas vezes faz com que as crianças esqueçam que não podem entrar com sapatos. Então, antes mesmo de subirem as escadas, nós conversamos sobre o que faremos antes de entrar na sala. A regra é tirar os sapatos, deixá-los arrumados um ao lado do outro para facilitar no momento em que voltamos. E com o passar do tempo, eu nem precisei mais conversar sobre isso. O hábito se corponectou.

Mas, você acha que depois disso tudo nossa aula começa? Não. Nossa aula já havia começado há muito tempo, desde o momento em que eu encontro as crianças lá atrás, na porta da sala de aula. Esse caminho é muito importante, ele nos aproxima, nos faz ter mais confiança nas pessoas

e principalmente em si. Proporciona a autonomia em ir e vir e, por perceberem a confiança mútua, tentam não quebrar regras que pudessem desrespeitar. Claro que nem sempre é assim, porém também percebo que as crianças passam a entender melhor quando alguma regra é desrespeitada. Mas, você sabe como é, crianças são crianças e os conflitos estarão aí nos desafiando, e nós devemos estar sempre tentando minimizá-los.

Eu sempre fiz e faço questão pela busca da relação respeitosa com as crianças. É muito importante no processo a valorização do olhar, da escuta, o elogio, o carinho, formas de cuidados que permitam a aproximação dos corpos, para que as relações aconteçam de forma saudável.

Elogios, um afago, brincadeiras de faz-de-conta, nas quais elas se sintam a mais bela estrela do mundo, a mais bela flor, alguém que cuide, alguém que é cuidado. Um espelho para que elas se admirem, para que brinquem com o espelho, e se habituem a se olhar e a serem olhadas com carinho e respeito. (TRINDADE, 2005, p. 33)

Carta/ação - O armário

Tenho um armário na sala de dança, que as próprias crianças intitularam de "armário mágico". A princípio o que eu mantinha nesse armário eram figurinos e objetos que guardava para possíveis apresentações. Mas, quando estava na sala, sempre o abria para pegar a caderneta para a chamada, ou coisas pessoais que guardava lá.

Um dia, quando fui buscar a turma do 2º ano A para a aula, uma aluna me falou: "Pró, se prepare que hoje iremos 'futucar' o seu armário, porque ele é mágico". Essa fala se deu porque elas viam que sempre eu pegava algo lá dentro. Então, naquele momento, surgiu o nome do armário, mas não só isso, modifiquei todo o meu esquema de aula e deixei que as crianças mexessem no que queriam. E foram as maiores mediadoras da aula. Um bom momento para trabalhar a autonomia.

A boa e velha curiosidade das crianças começou a me questionar o que mais eu tinha ali dentro. Então, comecei a mostrar. Até uma delas me dizer: "Nossa, esse seu armário tem de tudo.". Pois bem, ainda não tem tudo o que eu gostaria, mas tem muitas coisas que acabaram fazendo com que elas olhassem com mais atenção para ele. Lá dentro tem bolas, sombrinhas, elásticos, chapéus, arcos, fitas, filós e papéis coloridos, figurinos, lápis de cor, chapéus de palha, pulseiras, flores de cabelo, tiaras. E muitas outras coisinhas que são usadas durante as aulas.

Carta/ação - Compartilhamento

Agora partilho com você, colega pessoa docente, atividades que realizo e podem ajudar no desenvolvimento das suas aulas de dança, ou até mesmo lhe ajudar a ter ideias para outras atividades. Caso deseje utilizá-las, não esqueça, cabe a você organizar estas atividades de forma que dialoguem com seu contexto escolar. A você, querida pessoa estudante, espero que tente realizá-las lembrando de tudo que fizemos. E, para você que ainda não fez, busque experimentar da forma que puder e quiser para que possa movimentar o corpo e adquirir boas experiências.

✓ Carta/aula 1 - Tocando pandeiro

Trabalhei muito com essa atividade logo quando iniciamos as aulas em formato híbrido. Não íamos para a sala de dança, ficávamos na sala de aula que tinha cadeiras e mesas, espaço em que as crianças têm aulas com a professora intitulada "regente". Lá, eu pedia que elas, as crianças, permanecessem sentadas por um tempo. Eu usava um pandeiro e com ele reproduzia sons em diversos ritmos e pedia resposta com palmas e batidas de pés, a princípio. Dizia para elas que iria perguntar e elas iriam me responder. Se eu reproduzisse um som com apenas uma batida no pandeiro, elas teriam que responder com duas palmas ou bater os pés duas vezes no

chão, por exemplo. Também pedia que levantassem das cadeiras e continuavam a atividade em pé, reproduzindo o que fizeram sentadas.

O ritmo, as perguntas e as respostas ficam a gosto do "freguês". Ou seja, é com você professora ou professor. E não se esqueça de aproveitar bastante as sugestões das crianças.

Figura 39 - Relações com liberdanças



Plano de aula	
Professora: Rose Lima	
Disciplina: Dança	
Turma: 1° a 5° ano	
Quantidade de aulas: 6	Carga horária por aula: 01h40min

Tocando pandeiro - Pergunta e resposta	
Apresentação	Como ideário pedagógico nessa atividade, utilizo Laban (1978), "Domínio do Movimento", para trabalhar Fatores do Movimento, e Rengel (2008), "Os temas de Movimento de Rudolf Laban", para trabalhar modos de aplicação.
Ementa	Exercitar a escuta com o corpo, assimilação rítmica com estímulo sonoro, experimentar jogos com sons. Unindo movimento e som, investigando diversos ritmos.
Objetivos	- Perceber e experimentar o ritmo individual e em grupo; possibilitar a Dança com som do pandeiro;

	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a escuta; - Explorar sons produzidos com objetos do ambiente; - Propiciar que as crianças sejam mediadoras das ações, promovendo assim crescimento individual e a relação interpessoal; - Proporcionar o desenvolvimento da autonomia.
Conteúdo programático	<ul style="list-style-type: none"> - Fator do movimento Tempo (velocidades: rápido, moderado e lento); - Elemento do esforço - súbito e sustentado; - Improvisação e criação dirigida.
Cronograma	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a atividade e o material que será utilizado (pandeiro); - Proporcionar sons com o pandeiro para que as crianças reproduzam outros sons por meio de palmas ou batidas em outros objetos; - Trabalhar ritmos diversos com o pandeiro para que as crianças também promovam outros ritmos.
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - Conversa sobre som e ritmo; - Tempo do movimento; - Tempo do som; - Atividade em grupo e individual; - Improvisação e criação individual e em grupo; - Jogos corporais; - Improvisação (som, ritmo e movimento).
Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> - Pandeiro; - Cadeiras e mesas.
Avaliação	<p>A avaliação deve ser concebida como um processo contínuo, no qual o desenvolvimento da criança é focalizado em seus múltiplos aspectos. O desenvolvimento é pessoal, cujo tempo deve ser respeitado.</p> <p>Roda de conversa sobre as experiências realizadas.</p>

✓ Carta/aula 2 - Liberdança 1

Intitulei essa ação de Librdança 1 porque existem variadas formas de trabalhar a liberdade por meio da Dança. Este é um dos caminhos que utilizo também nas minhas aulas.

As crianças geralmente são encantadas por cores, seja nos desenhos, nas pinturas, nos livros, enfim, tudo que é colorido chama muito a atenção. Então, sugiro a você que sempre que utilizar objetos durante o processo das aulas, opte que sejam coloridos, quando possível.

Nessa aula usei papéis crepons coloridos, porém também utilizo outros diversos materiais, tais como: sombrinhas, bambolês, bolas, figurinos ou até mesmo sem nenhum material. Corte os papéis em tiras e a princípio distribua uma tira para cada criança, com o decorrer do processo da aula, faça com que ela utilize duas tirinhas. O que não precisa ser necessariamente na mesma aula, isso depende do caminho que você irá utilizar. Sugestione que as crianças utilizem as tirinhas de papéis em direções diversas, em níveis diferentes do corpo, em espaços diversos e até mesmo que fiquem "paradas" e observem o que acontece com o papel. Você pode também proporcionar momentos de criação individual e em grupo, para que uma aprenda os movimentos das outras.

No final também pode perguntar à criança se ela acha que o papel é leve ou pesado e o que sentiu; o que observou que acontece quando usou uma tira e quando usou as duas. Pode perguntar se houve interferência do ambiente enquanto movimentava o papel, como, por exemplo, o vento. Essa é uma atividade que trabalhei por 4 aulas, tanto em espaços abertos na escola quanto dentro da sala de dança. Ela permite muitas possibilidades e muito encantamento. Ah, e ainda continuo a fazê-la, até porque as crianças gostam muito e sempre pedem para fazermos novamente e, assim, continuamos desbravando diversas possibilidades.

Figura 40 - Liberdanças dentro e fora da sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal.



Plano de aula

Professora: Rose Lima

Disciplina: Dança

Turma: 1º ao 3º ano

Quantidade de aulas: 4

Carga horária por aula: 01h40min

Liberdança 1

Apresentação	Como ideário pedagógico nessa atividade, utilizo Laban (1978), "Domínio do Movimento", para trabalhar Fatores do Movimento; Rengel (2008), "Os temas de Movimento de Rudolf Laban", para trabalhar com os modos de aplicação; e Vianna (2008), para tratar a unidade corporal relacionando e trocando com o ambiente.
Ementa	Estudo de ações de Dança individual e em grupo para proporcionar o desenvolvimento corporal e a integração com as outras pessoas e com o ambiente.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar possibilidades de movimentos a partir do material trabalhado: papéis crepons. - Experimentar diversas possibilidades de criação individual e em grupo, em espaços diferentes, respeitando o repertório corporal; - Integrar Dança e ambiente; - Propiciar que as crianças sejam mediadoras das ações, promovendo assim crescimento individual; - Promover a aproximação das relações;

	- Proporcionar o desenvolvimento da autonomia.
Conteúdo programático	- Fator do movimento Tempo: rápido, moderado e lento; - Noções de fluência: percepção do fluxo do movimento. - Fator do movimento Espaço.
Cronograma	- Apresentar a atividade e o material que será utilizado (papéis crepons); - Distribuir o material que será utilizado na aula; - Orientação das ações que serão realizadas.
Metodologia	- Conversa sobre os Fatores do Movimento - Tempo, Espaço e Fluência; - Jogos corporais; - Atividade em grupo e individual; - Improvisação e criação individual e em grupo.
Recursos didáticos	- Papéis crepons coloridos; - Som; - Ambiente fora da sala de aula; - Sala de aula.
Avaliação	- A avaliação deve ser concebida como um processo contínuo, no qual o desenvolvimento da criança é focalizado em seus múltiplos aspectos. O desenvolvimento é pessoal, cujo tempo deve ser respeitado. - Roda de conversa sobre as experiências realizadas.

✓ Carta/aula 3 - Abrindo o armário

Figura 41 - Liberdanças para as escolhas



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa aula crianças podem escolher o que irão utilizar, a partir daí criarem seus movimentos. As criações acontecem em solo, em dupla, ou em grupo. É um momento de improvisação, porém eu sempre me mantenho atenta, e mediando, inclusive quando as ações são em grupo. Lembra-se da prática da liberdade? Pois é, esse também é o momento de trabalhar por meio da liberdade, desta forma, as crianças compartilham suas criações e aprendem outras. É impressionante ver como elas acabam se entendendo e a Dança acontece; aparecem alguns conflitos, mas estes também são trabalhados.

Figura 42 - Descobertas e autonomia



Fonte: Arquivo pessoal.

Plano de aula	
Professora: Rose Lima	
Disciplina: Dança	
Turma: 1º a 3º ano	
Quantidade de aulas: 4	Carga horária por aula: 01h40min

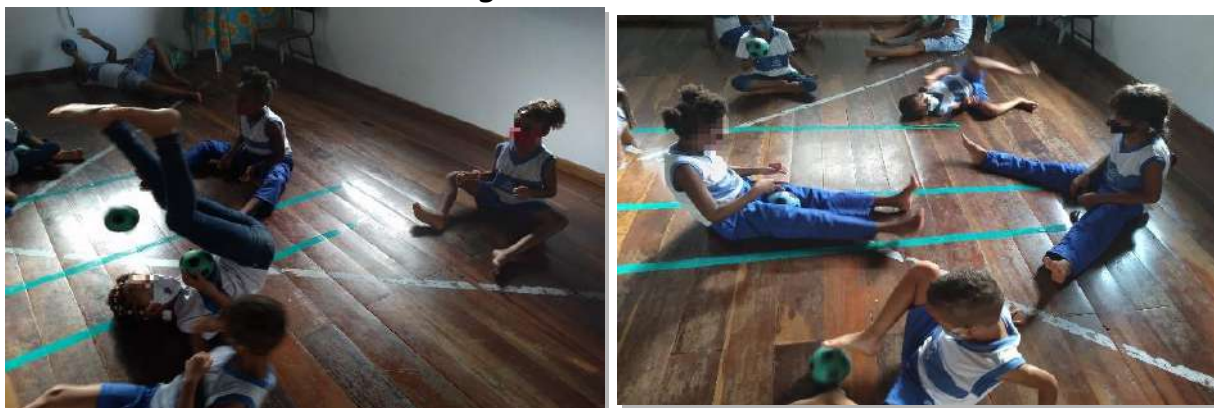
Abrindo o armário	
Apresentação	Como ideário pedagógico nessa atividade, utilizo Laban (1978) "Domínio do Movimento", para trabalhar Fatores do Movimento; Rengel (2008), "Os temas de Movimento de Rudolf Laban", para trabalhar com os modos de aplicação; e Vianna (2008) para tratar a unidade corporal relacionando e trocando com o ambiente.
Ementa	Estudo de ações de Dança individual e em grupo para proporcionar o desenvolvimento corporal e a integração com as outras pessoas e com o ambiente.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar possibilidades de movimentos a partir do material trabalhado - saias e chapéus; - Experimentar diversas possibilidades de criação individual em dupla e em grupo dentro da sala, respeitando o repertório corporal; - Propiciar o fortalecimento das relações; - Ampliar o potencial criativo; - Proporcionar que as crianças sejam mediadoras das ações; - Promover o compartilhamento das criações; - Apresentar as sequências de movimento para as outras crianças; - Proporcionar o desenvolvimento da autonomia.
Conteúdo programático	<p>Fator do movimento Tempo - dinâmica do movimento: rápido; moderado e lento.</p> <p>Reconhecimento do ritmo: interno externo;</p> <p>Fator do movimento Espaço: níveis e direções;</p>
Cronograma	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a atividade e o material que será utilizado (saias e chapéus); - Distribuir o material que será utilizado na aula;

	- Orientação das ações que serão realizadas.
Metodologia	- Atividade em grupo e individual; - Improvisação e criação individual e em grupo; - Trabalho da mediação.
Recursos didáticos	- Saias; - Chapéus; - Som; - Sala de aula.
Avaliação	- A avaliação deve ser concebida como um processo contínuo, no qual o desenvolvimento da criança é focalizado em seus múltiplos aspectos. O desenvolvimento é pessoal, cujo tempo deve ser respeitado. - Roda de conversa sobre as experiências realizadas.

✓ **Carta/aula 4 - Olha a bola - percebendo você e eu**

Nessa aula é possível trabalhar as relações, o compartilhamento e perceber melhor a si mesmo e a outra pessoa. É apenas uma bola para cada dupla; mas não se assuste com o alvoroço de cada uma querer uma bola para si, principalmente se as bolas forem de cores diversas. Utilizamos a bola para auxiliar na realização das ações propostas. Em dupla, sentadas no chão, de frente uma para a outra e com as pernas afastadas, eu peço à criança que jogue a bola para a outra de forma que a bola role pelo chão e a outra criança deve pegá-la com as coxas, os joelhos ou os pés. Você vai observar quantas formas de pegar a bola irão acontecer. Continuando, eu peço que a bola seja passada para a outra criança, não deve ser jogada nesse momento. Ao passar a bola, a criança leva o tronco para frente e, assim, proponho um alongamento corporal. A partir daí outras formas de continuar a atividade podem ser feitas, usando os níveis, outras partes do corpo, bem como trocar os pares para que as relações se fortaleçam. Explore as possibilidades e aproveite as propostas que as crianças irão fazer para você.

Figura 43 - Percebendo você e eu



Fonte: Arquivo pessoal.

Plano de aula

Professora: Rose Lima

Disciplina: Dança

Turma: 1º a 5º ano

Quantidade de aulas: 8

Carga horária por aula: 01h40min

Olha a bola - percebendo você e eu

Apresentação	Como ideário pedagógico nessa atividade, utilizo modos de aplicação do tema de movimento relacionado a parceiros, Rengel (2008), "Os temas de movimento de Rudolf Laban".
Ementa	Trabalhar/estimular as partes do corpo e assim promover (re)conhecimento das partes do corpo, a partir da experimentação com o objeto trabalhado. Estimular forma de relação com as outras pessoas.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar possibilidades de pegar a bola com as partes do corpo; - Desenvolver percepção, atenção de si e do outro; - Explorar os movimentos com a bola no nível baixo e alto; - Trabalhar o alongamento corporal; - Praticar o compartilhamento; - Propiciar que as crianças sejam mediadoras das ações, promovendo assim crescimento pessoal; - Promover a relação interpessoal.

Conteúdo programático	-Fatores do movimento - Peso, tempo espaço e fluência; - Elementos do esforço - direto, flexível, livre, sustentado; - Níveis - baixo e alto
Cronograma	- Apresentar a atividade e o material que será utilizado (bola); - Proporcionar formas diversas de pegar a bola, usando partes do corpo; - Propiciar caminhos pelos quais as crianças possam interagir umas com as outras e criem juntas, movimentos corporais com a bola.
Metodologia	- Conversa sobre como utilizar o material apresentado; - Utilização dos fatores do movimento; - Atividade em dupla; - Criação individual e em dupla; - Jogos corporais; - Experimentação da utilização dos níveis baixo e alto.
Recursos didáticos	- Bolas; - Músicas diversas.
Avaliação	A avaliação deve ser concebida como um processo contínuo, no qual o desenvolvimento da criança é focalizado em seus múltiplos aspectos. O desenvolvimento é pessoal, cujo tempo deve ser respeitado. Roda de conversa sobre as experiências realizadas.

Carta/Tessituras de cuidado para/com você docente

"Onde quer que você esteja, o que quer que você esteja fazendo, aprenda a amar. Porque no final do dia o amor é a única força transformadora a alterar a dominação".
bell hooks

Por ser um período ainda de pandemia (de fevereiro a agosto 2022), nas aulas presenciais, busco utilizar materiais que sejam descartáveis, como, por exemplo, papel crepom; e com os que não eram, eu sempre tinha o cuidado de higienizá-los antes e após o uso. E, é óbvio, que as crianças participam desse processo também.

Sei que as realidades dos profissionais da dança são diversas, assim como as dificuldades. A grande maioria não tem armário e materiais

necessários que possam dar suporte nas aulas, muito menos uma sala de dança. As lutas diárias para que seja possível levar uma educação de qualidade não param. Solidarizo-me a você, colega docente, que está nesse caminho árduo e doce ao mesmo tempo.

Porém ações de cuidado podem ser feitas em qualquer espaço e tudo que contei para você aqui foi para tentar contribuir nas suas ações de dança junto às crianças. Lembre-se de que você também tem autonomia para explorar, modificar e/ou melhorar esse caminho de acordo com seu contexto. Utilize as Liberdanças. Pratique a liberdade. "Felizmente, há salas de aula onde determinados professores têm por objetivo educar como prática de liberdade." (hooks, 2020, p. 32).

Em todas as minhas ações com as crianças, o cuidado de si e da outra pessoa, bem como o respeito às relações estiveram presentes, e pretendo manter assim enquanto estiver nesse lugar. Convido você a perceber a importância e a força que temos enquanto profissionais que podem fazer diferença na vida das pessoas estudantes. Mas, na maioria do tempo, o caminho não é fácil, exige muito de nós. Quando o cansaço chegar, porque ele vai chegar, lembre-se do retorno, do sorriso das crianças, ou até mesmo do sorriso de uma criança. Lembre-se do quanto é gratificante elas te perguntarem: "Hoje tem aula de dança, pró de Dança?". Isso ajuda você se reerguer e a continuar no caminho.

Enfatizo que conhecer o contexto das crianças e ouvi-las é extremamente importante na busca do seu objetivo. Elas não são tábulas rasas, não podemos atuar com elas de qualquer forma, sem cuidado e sem respeitar as particularidades já existentes. São corpos pensantes/atuentes, com informações diversas e devemos ajudar nos seus crescimentos. É necessário que saibamos acolhê-las e potencializar suas possibilidades.

Outro aspecto que considero importante é que nos esforcemos para nos emancipar a cada dia, caso contrário, teremos dificuldades em ajudar as crianças a se emanciparem. Temos um desafio diário "[...] fazê-los homens emancipados e emancipadores." (RANCIÉRE, 2011, p. 142). A

atenção, a escuta, o diálogo, para/com as crianças, irão auxiliar você nas escolhas dos caminhos que pode seguir, mas tente fazer desses caminhos oportunidades para promover o crescimento cognitivo de cada criança. Dessa forma poderá ajudá-la a não se sentir inferior e a descobrir o quanto é potente.

O problema não é fazer sábios, mas elevar aqueles que se julgam inferiores em inteligência, fazê-los sair do charco em que se encontram abandonados: não o da ignorância, mas do desprezo de si e do desprezo em si da criatura razoável. (RANCIÈRE, 2011, p. 142)

Carta/carinho

Aqui deixo para você as falas maravilhosas das crianças!

Ouçã, vale a pena! (basta usar o comando *ctrl* + *clique* nos links abaixo).

[Assim são nossas aulas de Dança](#)

[Futucando o armário "mágico"](#)

[Momentos de autonomia](#)

[Vamos abrir o armário "mágico"?](#)

[Amor pelas aulas de Dança](#)

[Sentimentos pela Pró Mel](#)

[Bagunça? Não, a alegria de Dançar](#)

[Elogios às aulas de Dança](#)



DANÇAMOS COM
LIBERDANÇAS

"A arte de amar é a capacidade de reconhecer que todo relacionamento é um exercício de reconhecimentos de limites - dos nossos, das outras pessoas, do mundo."
Nogueira

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

hooks, bel. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LASZLO, Cora Miller. **Outros caminhos de dança**: técnica Klauss Vianna para adolescentes e para adolecer. São Paulo: Summos, 2018.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje**: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

PINTO, Amanda. **Comunicar, Mover e Aprender: o movimento como eixo da linguagem e da aprendizagem**. 2019. 125 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PINKER, Steven. **Tábula rasa**: a negação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 3. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RENGEL, Lenira. **Os sistemas de movimento de Rudolf Laban: modos de aplicação e referências (I - II - III - IV - V - VI - VII - VIII)**. São Paulo: Annablume, 2008.

RENGEL, Lenira. *Categorias de análise para a dança em mediações educacionais*. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 2. 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2012. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2012/papers/apresentacao--categorias-de-analise-para-a-danca-em-mediacoes-educacionais>. Acesso em: 22 jan. 2022.

RENGEL, Lenira. *Laban no hiperespaço do tempo - Uma dança em múltiplos contextos educacionais*. In: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/rudolf-laban-no-hiperespaco-do-tempo-----uma-danca-em-multiplos-contextos-educacionais->. Acesso em: 22 jan. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma pedagogia do conflito*. In: SILVA, Luis Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). **Novos mapas culturais**. Novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 15-33.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Sociologia das Ausências e das emergências em sala de aula*. **Cronos - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, UFRN, Natal, v. 18, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/14231/pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

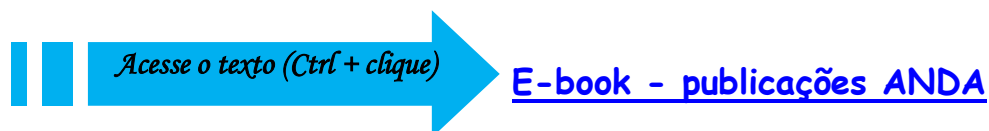
SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Valores Civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil*. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Valores afro-brasileiros na educação**. Boletim 22. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 30-35.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

4 CARTA/PUBLICAÇÕES

4.1 DANÇA EM RELATOS DE EXPERIÊNCIA - CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS



DANÇA NA ESCOLA: INGRESSO, PERCURSO, PERMANÊNCIA E INSURGÊNCIAS

Renilza machado Ramos (UFBA)
Rosecleide Lima Bispo (UFBA)

RESUMO: Este trabalho conecta pesquisas em desenvolvimento de duas artistas-educadoras em escolas públicas de Salvador-Ba, mestrandas do Programa de Pós-Graduação Profissional da Escola de Dança da UFBA-PRODAN. As práticas educacionais investigam estratégias que contribuam para a resolução de conflitos, podendo a educação através da arte abranger e problematizar a realidade sócio-político-cultural estudantil em toda a sua diversidade e complexidade (MARQUES, 1999). A prática de amar começa com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar (HOOKS, 2008). Nesse pensamento, as pesquisas visam contribuir para o fortalecimento de identidades conectando o afeto e a construção da autoimagem. Ainda propõem intervenções e estratégias afetivas na busca de uma relação harmoniosa entre estudantes, bem como um melhor desenvolvimento das aulas de dança. Resultado possível esperado tendo como uma de suas bases relaciona-se com o princípio da pesquisa de Klaus Vianna, que é encorajar e direcionar estudantes a aprender os caminhos do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Escola. Afeto. Autoimagem.

ABSTRACT: This work links researches still in development of two public school's educating artists of Salvador-Ba, masters students of professional post-graduate Program of UFBA-PRODAN Dance School. Educational practices investigate strategies that contribute to conflict resolution, and education through art can encompass and problematize the socio-political-cultural reality of students in all their diversity and complexity (MARQUES, 1999). The practice of loving begins with our ability to know and affirm ourselves (HOOKS, 2008). In that thought, researches aim to contribute to the strengthening of identities by creating connections between affection and the construction of self-image. They also propose interventions and affective strategies in the search for a harmonious relationship among students. The possible result expected having the principle of Klaus Vianna's research as one of its bases, which is to encourage and direct the student to learn the movement ways.

KEYWORDS: Dance. School. Affection. Self-image.

A Dança tem o poder de trabalhar de forma inter e multidisciplinar com temas de grande relevância na sociedade, os quais vão além das finalidades conteudistas propostas dentro da sala de aula, no ambiente da Educação Básica da rede pública. Ela pode ser pensada e entendida como a possibilidade de relações múltiplas, que envolve toda a comunidade da escola. Nesta potência, efetiva a correlação razão/emoção, pensamento/ação e rejeita a dicotomia corpo x mente, a partir dos pensamentos de pesquisadoras como Greiner (2005) e do legado de Rudolf Laban (1978), Rengel (2015). A Dança pode contribuir de forma transformadora e eficaz na educação social do corpo discente, como forma de experiência e expressão de sentimentos, desejos, pensamentos e ideias. Ao considerar que os corpos que dançam, são os mesmos que vivem a vida cotidiana (VIANNA, 2008), estes são afetados pelo contexto social e conseqüentemente temos a relação entre sua imagem, individualidade e sociabilidade.

As crianças e os (as) adolescentes necessitam de ações efetivas que contribuam para construção das suas identidades dentro da escola e fora dela, sem desconsiderar sua individualidade e (re) conhecendo a importância da sua história corporal, entendendo o corpo na sua totalidade física, emocional, intelectual. Assim, buscamos ampliar as possibilidades e estratégias de/para desenvolvimento cognitivo no processo de construção, aguçando o fazer artístico-pedagógico por meio de contribuições que apresentem impactos e inovações sociopolíticas e culturais. Na educação podemos estabelecer redes de afeto tendo como protagonista a arte da dança, considerando que por meio dela o (a) estudante pode vir a compreender, perceber e explorar seus movimentos, descobrindo as várias ações que acontecem ao se mover. Nessa construção de conhecimentos, está inserida a educação somática, um amplo campo de estudos do movimento, que entende o corpo humano como indissociável da consciência.

Geralmente a introdução dos (as) estudantes nas aulas de dança se diferencia de acordo com as séries. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os (as) estudantes se mostram mais receptivos (as), mais abertos ao que consideram uma novidade, mas também encontramos em alguns deles reações como: o medo, a timidez e a negação. Nas séries de transição entre os anos finais do Ensino Fundamental percebe-se que alguns (mas) estudantes entendem que já possuem certa autonomia e negam a sua participação nas aulas, rejeitando-as de diversas formas: verbalizando, tentando fugir ou se esconder. Deparamo-nos ainda com o

fato de alguns (mas) estudantes terem esse ingresso nas aulas ao longo do ano letivo, o que dificulta a construção contínua desse conhecimento.

Durante o percurso, é nítida a aproximação do (a) estudante com a dança, aos poucos vai se tornando mais íntimo dessa arte de formas diferentes, seja estudando sobre sua história, que acaba gerando discussões positivas, por meio de recursos audiovisuais, ou até mesmo da observação dos movimentos dos (as) colegas e do (a) professor (a), que muitas vezes acabam provocando o fazer de quem observa. Esses movimentos que acontecem durante esse percurso e que envolvem cada vez mais os (as) estudantes na aula de dança podem também, infelizmente, serem interrompidos por motivos diversos que fogem do nosso domínio.

A permanência dos (as) estudantes nas aulas de dança se dá ao longo do ano letivo de forma calorosa e intensa. É perceptível como eles (as) desejam participar das aulas, mas ao mesmo tempo não mantêm a relação interpessoal saudável com os (as) colegas. Rotineiramente enfrentamos situações conflituosas, o que ocasiona a impermanência em sala ou até mesmo na unidade escolar. Como explica Foucault (2013), a disciplina tem o papel rigoroso de introduzir assimetrias e excluir reciprocidade. Dessa forma, por meio da disciplina são estabelecidas relações de poder que determinam o lugar do sujeito na sociedade, excluindo a possibilidade da construção dos mesmos por meio do conhecimento e suas relações múltiplas. O sistema educacional não assimila as particularidades de cada um e culmina aplicando uma punição que atrapalha o progresso e a permanência desse (a) estudante em sala de aula.

As insurgências que nos deparamos durante o processo das aulas, também resultam em uma autonomia do (a) estudante, que a princípio pode vir como uma negação ao que é proposto, como uma forma de transformar determinada atividade que é apresentada naquele momento e até mesmo de inovar de forma surpreendente, modificando completamente qualquer plano de aula, e o que poderia ser visto como uma forma de rebeldia contra a atividade, pode ser transformado em uma autonomia criativa, direcionando as aulas a outros caminhos.

Nossos projetos se ramificam em distintos interesses, porém a partir de um mesmo núcleo abarcador apresentado. O projeto de pesquisa **Dança e autoimagem: reflexões afetivas na escola pública** surgiu a partir da necessidade de compreender os processos conflituosos nas aulas de dança na escola. Nas aulas

a intenção é compreender esse corpo discente, percebendo o que o aflige. Questionar como ele (a) vive em uma sociedade que criou padrões estéticos convencionados como únicos, para a partir desse momento, procurarmos juntos (as) estratégias de aceitação de si, pensando em como esse ser se reconhece em comunidade.

A autoimagem é o que nós somos ou pensamos ser, podendo ela ser negativa ou positiva. Segundo Maxwell Maltz (1960) a autoimagem é o núcleo da personalidade e do comportamento humano, mude-a e ambos serão transformados. Como você se vê reverbera também no olhar do outro. Então, se você externa uma autoimagem negativa, ou seja, aquela que não representa o que você é, de modo geral, as pessoas a sua volta vão acreditar no que você demonstrou ser e como percebe o mundo.

Na escola, a autoimagem negativa é propulsora de conflitos diários que toda a comunidade escolar presencia. Partindo do pressuposto que a práxis pedagógica é construída entre sujeitos e contexto, Klauss Vianna (2008) contribui com a proposição de que cada corpo é um, e que sua história cultural se adapta ao meio. Para compreender o que fundamenta determinados comportamentos na prática do ensino da dança, desenvolveremos um processo investigativo, fortalecendo a autoimagem positiva dos (as) estudantes, apresentando estratégias que contribuam para solução de confrontos.

A sala de aula é um ambiente para troca de experiências e exercitar a autonomia. Segundo Ribeiro (2015) para pertencer é necessário interagir de modo participativo por meio da escuta atenta e interessada no outro, no mundo. Nesse sentido proponho métodos de aprendizagem utilizando processos de criação coletiva como ponto de partida, com o objetivo de fortalecer o trabalho em grupo reverberando em ações que culminem em uma prática afetiva e legítima.

Por sua vez, o projeto **Tecendo caminhos para o cuidado de si: dança na escola em busca do reconhecimento e suas relações** surgiu a partir da observação do comportamento dos (as) estudantes durante o processo do ensino da dança, os quais geralmente são conflituosos e acabam sempre interrompendo o fazer das aulas. Esta observação despertou o desejo na busca de estratégias e intervenções criativas que proporcionem um melhor desenvolvimento das ações propostas ou para que viabilizem caminhos até a sua realização, por meio da busca de ações afetivas que possam proporcionar uma educação mais efetiva. Movimento

de Rudolf Laban (1978) *apud* Rengel (2015) auxilia na observação e análise dos processos dos movimentos, visto que estas crianças e pré-adolescentes vivem dentro de um contexto sócio-político-cultural que influencia diretamente nas suas ações corporais e essas são refletidas em sala de aula.

A tentativa de propor o ensino da dança dentro de uma contextualização afetiva pode permitir que os processos educacionais tenham melhores resultados, aflorando também o lado afetivo de cada estudante, relacionando à cognição as emoções, que podem demonstrar a especificidade de cada um, ampliando assim o processo de construção do conhecimento. Os estudos de Klauss Vianna apontam que para dançar é necessário que o corpo esteja inteiro (VIANNA, 2008) da mesma forma que dizem que a história e a singularidade do corpo fomentam a criação artística.

Neste viés, as experiências vividas nas aulas com os (as) estudantes, sinalizam a importância de possibilitar que estes (as) (re) conheçam e descubram suas possibilidades e suas identidades, sendo identidade compreendida como o pertencimento a uma coletividade, muitas vezes sufocadas. Essas crianças, em sua maioria negras, têm acesso limitado a novas informações devido a difícil vida cotidiana. Por isso também a importância de trabalhar o respeito nas relações com os outros, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação ao contexto da escola e seu ambiente comunitário.

REFERÊNCIAS

- GRENIER, Christine. **O corpo: Pistas para estudos indisciplinados**. – São Paulo: Annablume, 2005.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. Tradução Maísa Mendonça. 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Lisboa: Edições 70 EDIÇÕES. 2013.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Ed. Organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros De Vecchi]. – São Paulo: Summus, 1978.
- MALTZ, Maxuell. **Psicocibernética: uma nova maneira de dar mais vida à sua vida**. 1960. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8nscv> Acesso em 26 de maio de 2020.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos** – São Paulo: Cortez, 1999.
- RENGEL, Lenira Peral... [et all]. **Elementos do Movimento na Dança**. Lenira Peral Rengel, Eduardo Oliveira, Camila Correia Santos Gonçalves, Aline Lucena e Jadiel Ferreira dos Santos. Salvador: UFBA, 2017.102 p.:il. Disponível em

http://www.danca.ufba.br/arquivos_pdf/Livros/e-book_EMD.pdf Acesso em 26 de maio de 2020.

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. In: GREINER, Christine e KATZ, Helena (orgs) **Arte e Cognição: Corpo, mídia, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015.

VIANNA, Klaus. **A Dança**. 5ª ed. – São Paulo: Summos, 2008.

4.2 ARTIGO - VI CONGRESSO DA ANDA



Dança com crianças em ambiente escolar público de conflito: por uma tessitura de caminhos para o cuidado de si e das relações interpessoais

Resumo: Esta pesquisa trata do reconhecimento do ambiente escolar como um ambiente de conflito. O objetivo geral é tecer caminhos em modos de ações de Danças, para fomentar o cuidado de si e das outras pessoas, para assim, diminuir e/ou saber lidar com os conflitos. Um mundo em conflito, em competição, em desinformação, de descuido com as crianças da escola pública cria, na maioria das vezes, modos conflituosos de agir e de dançar. É relevante considerar o cuidar de si, do outro, da outra, como ação provocadora no processo de ensino/aprendizagem em Dança. Como procedimentos metodológicos são adotadas estratégias e intervenções teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e criativas que sejam sensíveis aos corpos. As principais referências são bell hooks (2017)² para tratar de uma educação libertadora, Foucault (2004) para abordar o cuidado de si e a prática da liberdade, Santos (2017,1996) com referência para a questão do acesso aos conhecimentos, Isabel Marques (1999) e Klaus Vianna (2005) que auxiliam na efetivação dessas argumentações em modos de Danças. Espero desenvolver metodologias nas aulas que já venho realizando, que possam promover novas propostas que viabilizem a prática da liberdade em prol da diminuição de conflitos como uma sistematização a ser elaborada.

Palavras-chave: Dança. Escola. Cuidado de si. Relações interpessoais. Contextos.

Abstract: This serach It deals with the recognition of the school environment as a conflict environment. The general objective is to weave paths into dance action modes, to foster care for oneself and other people, in order to reduce and/or know

² Registra-se que neste artigo utiliza-se a grafia do nome da escritora bell hooks, em letras minúsculas, em respeito à forma de apresentação adotada por ela. A autora afirma que suas ideias e o conhecimento, a substância de seus livros é mais importante do que quem ela é, utilizando essa justificativa para escrever seu nome somente com letras minúsculas.

how to deal with conflicts. A world in conflict, competition, misinformation, carelessness with public school children, creates, in most cases, conflicting ways of acting and dancing. It is relevant to consider taking care of oneself, and others, as a provocative action in teaching/learning process in Dance. As methodological procedures, I use theoretical-practical strategies and interventions, stimulating critical reflections/actions and creatives that are sensitive to bodies. The main references are bell hooks (2017) to address a liberating education, Foucault (2004) to address self-care and the practice of freedom, Santos (2017,1996) brings reference to the issue of access to knowledge, Isabel Marques (1999) and Klaus Vianna (2005) help to make these arguments effective in dance modes. I hope to develop methodologies in the classes I've been doing, which can promote new proposals that make the practice of freedom viable in favor of reducing conflicts with a systematization to be elaborated.

Keywords: Dance. School. Take care of yourself. Interpersonal relationships. Contexts.

Introdução

Como trabalhar o cuidado de si por meio da dança dentro de um ambiente escolar público de conflito? Nesta pesquisa proponho caminhos que possibilitem trabalhar com crianças diversas que vivem dentro de um contexto de vulnerabilidade social, em que são promovidas experiências de exclusão, invisibilizando corpos tão potentes e que necessitam ser percebidos e valorizados.

Tal contexto influencia diretamente nas relações entre estudantes dentro da escola, o qual dificulta as ações propostas em sala de aula. Assim, oportunizar ações por meio das aulas de dança que proporcionem o cuidado de si e junto a isso fortalecer as relações interpessoais, podem favorecer um melhor convívio entre estudantes.

As aulas de dança geralmente são interrompidas por questões de conflito. Frente tal cenário intento ampliar conhecimentos que corroborem para aprofundar o olhar sobre como proceder melhor em questões tão pertinentes no meu fazer profissional.

Nesse íterim, proponho desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam proporcionar a redução dos conflitos, e/ou saber lidar com eles, dentro do processo de ensino-aprendizagem da Dança, considerando o cuidado de si e das outras pessoas, como pressuposto para uma transformação dos corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar. Nesta perspectiva, (FOUCAULT, 2004) afirma que quem cuida de si na iminência de saber quais são os

seus deveres, descobrirá que mantém com as outras pessoas a relação necessária, isto é, uma relação à qual não negligencia as outras pessoas, nem se abusa do poder que se pode exercer sobre elas.

Uma forte razão para que as relações em Dança aconteçam, é a importância de que estudantes possam se dispor a olhar, tocar, falar, dançar em solo e/ou em grupo. É relevante também para essas relações, que antes de tudo se conheça o corpo, sua anatomia básica. (MILLER, 2007) diz que a Técnica de Vianna entende que, antes de aprender a dançar, é necessário perceber como o corpo é, como funciona, quais limitações e possibilidades. Obviamente a forma presencial física dentro do espaço da sala de aula é mais eficaz para que seja possível uma comunicação mais plena. Nas aulas presenciais, é mais possível perceber o quanto as estratégias propostas podem contribuir para a redução dos conflitos, pois, é possível articular modos de ações que viabilizem o auto-conhecimento, o autocuidado e aproximação dos corpos.

A expectativa é de que essas ações no dançar e educar, oportunizem o fortalecimento da cidadania cultural para todas as pessoas, sem que haja nenhuma forma de exclusão e que todos os contextos sejam respeitados dentro e fora do ambiente escolar. Para tanto, as estratégias e intervenções nas aulas de Dança, podem transformar, no sentido de emancipar crianças tão diversas e adversas a partir da prática de liberdade sem exercer poder sobre as outras pessoas.

Cuidado de si, relações, contextos, conflitos

Segundo Foucault (2004) práticas de liberdade são necessárias para que as pessoas e uma sociedade possam estabelecer para elas próprias formas consideráveis e adequadas da sua existência ou da sociedade política, sem sugerir liberdade como prática de poder. A liberdade não deve ser necessariamente entendida como forma de liberação, pois, segundo Foucault (2004, p.265) “[...] a prática de liberação não basta para definir as práticas de liberdade”. Para que as pessoas junto à sociedade, estabeleçam maneiras consideráveis e adequadas da sua existência ou da sociedade política são necessárias as práticas de liberdade, caso contrário, a liberação abrirá caminhos para as relações de poder. O autor diz ainda que, um exercício de si sobre si mesmo é aquele por meio do qual se busca, se compõe, se modifica e se alcança uma determinada forma de ser. Assim, é

possível perceber o cuidado de si e pressupor que esta ação irá fomentar as práticas de liberdade, que poderão romper com repressões que impedem uma relação respeitosa, positiva e integral consigo mesmo e conseqüentemente com as relações interpessoais.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...], mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2004 p. 269)

Ao cuidar de si, os (as) estudantes estarão promovendo o seu próprio cuidado, junto a isso, estarão também tecendo caminhos os quais deverão conhecer princípios, especificações ou determinações que deverão ser seguidas para que assim as relações interpessoais sejam respeitadas em todo o ambiente escolar. Na intenção de fortalecer as questões de práticas de liberdade, hooks (2017) fala que uma educação para ser prática de liberdade, não basta que apenas os (as) estudantes sejam os únicos a partilharem suas histórias, ou seja, é importante que professor (a) também esteja disposto a partilhar suas experiências. Reforçando que uma pedagogia engajada não trata de preparar só os (as) estudantes. “Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo” (hooks, 2017. p. 35).

Paulo Freire (2020) fortalece este trabalho no sentido da aproximação de uma educação libertadora, a qual transforma, potencializa e politiza as pessoas, inserindo-as na sociedade. “Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma idealização a mais da liberdade.” (FREIRE, 2020, p. 14). “Antes de tudo, é preciso colocar os alunos na sala de aula. [...] É necessário começar por aí, porque senão a tendência é que as pessoas permaneçam distantes, sem tomar consciência do corpo e do ambiente” (VIANNA, 2005, p. 132). O espaço da sala de aula é um lugar onde se trabalham as estratégias que contribuem para um melhor desenvolvimento corporal, bem como a busca por uma melhor relação interpessoal, ou seja, aproximar as relações. Dentro deste espaço, consentir a fala é uma das formas pelas quais o ser humano se localiza no mundo, assim o corpo interpreta o que está sentindo (VIANNA, 2005).

Para hooks (2017) o simples fato de ouvir /escutar com atenção cada voz, consolida a capacidade de um aprendizado em conjunto. Ouvir as vozes e relacioná-las com nossa experiência pessoal possibilita que fiquemos mais conscientes uns dos outros. Essa ação dentro da sala de aula, pode permitir a aproximação das relações, dos contextos diversos e dos acolhimentos entre todos e todas no ambiente escolar público.

A partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado. Esses momentos narrativos são, em geral, o espaço onde se rompe o pressuposto de que todos nós partilhamos as mesmas origens de classe e os mesmos pontos de vista. (hooks, 2017, p. 247)

Santos (1996, p.16) diz que “o passado foi sempre concebido como reacionário e o futuro como progressista”. Por conta deste progresso, as vidas de muitas pessoas foram degradadas e ainda hoje, essa mesma teoria histórica gera conflitos e sofrimento humanos, pois, as condições de vidas e as possibilidades de liberdade foram destruídas. Nesta perspectiva, é possível identificar que a maioria dos conflitos gerados dentro da sala de aula são provocados, também, por uma falsa sensação de poder que os (as) estudantes tentam impor uns aos outros, promovendo uma competição entre si, para que possam tirar alguma vantagem sobre alguma situação causada.

Essa realidade pode ser constituída por meio de exemplos dentro da sociedade, nas mídias, nas redes sociais e até mesmo dentro do próprio ambiente familiar. Dessa forma, penso ser necessário uma reorientação dessas ações conflituosas e proporcionar estratégias que possam tentar reverter essas situações que interrompem as aulas de Dança. Assim, ressignificar as relações interpessoais dentro do ambiente escolar público, mais especificamente na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, podem reverter as situações de conflitos. Para isso, é importante considerar os diversos contextos de vida dos (as) estudantes como elementos importantes dentro do processo ensino-aprendizagem.

Diante do quantitativo de estudantes negros e negras dentro da escola, se faz necessário também incluir as questões afrocentradas, com o interesse de promover o autorreconhecimento por meio de diretrizes históricas e culturais. Uma vez que, promover conhecimento com base em valores e ideais africanos e na ancestralidade, possibilita se identificar como pertencente a um contexto histórico

sem depreciar ou ignorar os demais contextos. Neste viés, Santos Júnior (2010 p. 03) refere-se aos termos afrocentrado ou pessoa afrocentrada como aqueles que “dizem respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem nenhum desmerecimento às outras”. Da mesma forma, é também relevante tratar de assuntos referentes à filosofia afroperspectivista, segundo Nogueira (2015) trata-se de uma abordagem filosófica plural, que identifica a presença de diversas perspectivas. Um dos modos de definição desse termo diz que “a filosofia afroperspectivista define o pensamento como movimento de ideias corporificadas [...]” (NOGUEIRA, 2015).

O corpo está sempre em construção e em produção de conhecimento, nesse processo é possível produzir ações afroperspectivistas por meio do movimento. Essas ações podem permitir perceber que o corpo tem possibilidades de acesso a diversas centricidades, ou seja, a várias perspectivas e assim, escolher seu próprio caminho e se reconhecer pertencente das suas escolhas. Trabalhar a educação por meio da Dança com base também na afroperspectiva, isto é, uma educação policêntrica, possibilita o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade, capaz de atuar politicamente, socialmente e culturalmente. E assim escolher seu caminho e protagonizar sua história, em relação a diversas perspectivas.

Ao abordar a infância e as ações do cotidiano escolar Nogueira e Barreto (2018) discute o tema infancialização, que em modos afroperspectivistas diz que “[...] infancializar é tomar a infância como experiência, ou ainda, um tipo de potência criativa para estabelecer a relação com o mundo” (NOGUEIRA e BARRETO, 2018, p. 17). Assim, é possível percorrer diversos caminhos e por meio deles descobrir, perceber, identificar e se relacionar com situações do mundo que não são comuns a todas as pessoas.

Estes (as) estudantes, em sua maioria negros (as), como já foi dito, têm acesso limitado a novas informações, e uma das razões é devido as dificuldades que atravessam a vida social e cotidiana. Essa limitação – que faz parte do contexto de vida desses estudantes – infelizmente também influencia no desenvolvimento cognitivo. Santos (2017) aponta que, formas de conhecer e entender o mundo foram tornadas imperceptíveis devido à racionalidade da ciência moderna e colonialidade dos saberes, fatos que trazem consequências para a educação.

A falta de alcance a novos conhecimentos, acontece junto a uma estrutura social racista e colonial, que exclui e não permite esse acesso. O professor

Boaventura de Sousa Santos (2017) apresenta o pressuposto de que a injustiça social está inserida na injustiça cognitiva. “[...] já que o conhecimento científico não está distribuído equitativamente, as intervenções no real que ele privilegia tende a ser aquelas fornecidas por grupos sociais que detém acesso a ele.” (SANTOS, 2017, p.158). Esta afirmação acena para a compreensão do quanto é necessária a equidade de oportunidades na construção do conhecimento de cada pessoa, da comunidade e da sociedade. Compreender a cognição como um processo de conhecer o mundo, potencializa as aulas de Dança. “Cognição é ignorada enquanto processo que se constitui na própria ação [...]” (RENGEL, 2007, p. 68). Diante desta reflexão, é possível entender que cognição é o corpo em ação, um corpo com habilidades sensório-motoras, tão necessárias no/para desenvolvimento humano.

[...] pois não há como separar os processos todos e, os que não se conhecem ainda, do processo da cognição. Por mais que possamos investigar e nomear percepção, razão, sentimento, sensação, tais processos não são mutuamente excluídos (RENGEL, 2007, p.71)

O corpo está sempre em construção de conhecimento e em busca do seu conhecimento próprio. Acredito que no universo escolar público, é primordial que ferramentas sejam oferecidas para o desenvolvimento de possibilidades que esses corpos já trazem consigo. Assim, é possível propiciar um (re) conhecimento individual e promover as relações múltiplas. Desta forma, entender que a cognição também é construída nas relações, na forma de conhecer o mundo e de como conhecemos. Por ser um processo afetivo, físico, sensório-motor, intelectual, a cognição é corpo, corpamente – corponectivo, na terminologia de Rengel (2007). Neste caminho, não se pode descartar as histórias que os corpos levam para a sala de aula, suas experiências, que influenciam e são influenciadas, justamente por terem formas diferentes de estar o corpo.

A observação e análise dos processos dos movimentos dentro das aulas é de suma importância, visto que estas crianças e pré-adolescentes vivem dentro de uma realidade sócio-político-cultural que influencia nas suas atitudes e movimentos que reverberam, obviamente, na sala de aula. É perceptível que os (as) estudantes trazem consigo seus próprios contextos, os quais precisam ser considerados durante as aulas de Dança. É importante também, propor um trabalho no ambiente educacional apoiado no contexto dos (as) estudantes, como premissa e algo a ser desenvolvido, desconstruído, transformado e problematizado enquanto ação

educativa na área de Dança. Segundo Marques (1999) uma situação educacional fundamentada nos contextos dos (as) estudantes é o ponto de partida para um movimento educacional transformador na área de Dança. Assim, o (a) professor (a) pode ampliar sua capacidade de proporcionar diversos caminhos para que os (as) estudantes construam/reconstruam um mundo mais significativo.

Ao trabalhar com contexto, vejo uma imensa rede sendo tecida com diferentes texturas, cores, tamanhos, estruturas, complexidades. Esta rede de dança e educação, baseada nos relacionamentos entre os conteúdos da dança, os alunos e a sociedade, absolutamente não ignora os relacionamentos/sentimentos/sensibilidade “humanos” (MARQUES, 1999, p. 94).

Neste viés, é importante perceber que o processo de ensino-aprendizagem acontece também na relação entre estudantes que trazem suas histórias e estão entrepostos em contextos de vida próprios. Assim, esse processo vai ocorrer na relação entre eles (as) em uma constante troca e coletivização de experiências e saberes. Ao buscar fortalecer as relações dentro de diversos contextos é necessário permitir que os (as) estudantes encontrem caminhos que proporcionem o cuidado de si. Para isso, segundo (FOUCAULT, 2004), é necessário se conhecer, ou seja, só é possível cuidar de si, se conhecendo. “O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 270).

Importante perceber que o cuidado e as práticas de si, pressupõem as relações com os outros, sendo possível transformar-se para conquistar um modo de ser emancipatório, para cuidar de si mesmo e permitir a constituição das relações. Assim, proporcionar o bem do outro, a partir da sua própria forma de se conduzir, ministrando as práticas de poder e com isso estabelecer o respeito nos relacionamentos. Cuidar de si mesmo (a) significa também, relacionar-se com as outras pessoas. Relevante também problematizar os elementos coercitivos que compõem as práticas de poder em uma dimensão estrutural que muitas vezes corrobora para a ausência da prática de liberdade e o cuidado de si. O cuidado com os (as) estudantes e suas relações, que se estende a um contexto dentro e fora da escola, está diretamente ligado às minhas ações dentro das aulas.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-político -, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: [...] (FOUCAULT, 2004, p. 269)

Conhecer a vida cotidiana do (a) estudante, de forma que possibilite estreitar a relação aluno/professor/aluno/ambiente escolar, é importante para contribuir com um melhor desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro e fora da escola. “A teoria se faz em prática e a prática formata a teoria, pois elas estão, juntas, agindo nos textos do corpo.” (RENGEL, 2009, p.03). Por isso, a importância da aproximação dos contextos diversos desses (as) estudantes, para que favoreça a comunicação entre os copos.

[...] Todo conhecimento é uma prática social de conhecimento, ou seja, só existe na medida em que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando em um campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas por titulares de formas rivais de conhecimento. (SANTOS, 1996, p. 17)

Ainda segundo Santos (1996, p. 17) “só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição do presente. [...] essa desestabilização é a razão de ser de um projeto educativo político emancipatório.” Neste aspecto, uma educação emancipatória, é aquela que visualiza e lida com os conflitos, para que estes desestrem as ideologias de poder e promovam por meio dessa educação, relações democráticas em uma sociedade emancipatória e justa. Os conflitos não podem ser banalizados ou ignorados, eles devem ser considerados para que sejam cada vez mais amenizados com o intento de que por meio dessa educação – educar para contestar - seja possível desfazê-los. Estes conflitos, que por sua vez foram arraigados em um passado que se faz presente, devem provocar a necessidade da recuperação da dignidade humana, tão necessárias para os (as) estudantes.

Santos (1996) indica uma educação emancipatória para uma aprendizagem de conhecimentos conflitantes. Mostra que a sala de aula deve ser um espaço com possibilidades de conhecimentos, que trabalhe os conflitos da sociedade. “Os conflitos sociais são, para além do mais, conhecimentos de conhecimento.” (SANTOS, 1996, p.17). No entanto, a própria estrutura física da sala de aula não ajuda para que aconteça uma educação de qualidade: salas pequenas, sem ventiladores, muitas vezes sem janelas e com cadeiras, raramente existe uma sala exclusivamente para as aulas de dança. Situações que também promovem os conflitos e não permitem que a sala de aula seja um local que possa promover os

conhecimentos de forma adequada e digna, prejudicando assim, o processo de ensino-aprendizagem.

“A técnica de Klauss Vianna pressupõe que antes de aprender a Dançar, é necessário que se tenha consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais suas limitações e possibilidades, [...]” (MILLER, 2007, p.51). A sistematização da técnica de Vianna, possibilita desenvolver processos que promovem a transformação gradativa, considerada de ausência corporal para presença corporal. Os estudos do autor apontam que, para dançar é necessário que o corpo esteja inteiro – reconhecendo a unidade corpo e mente – da mesma forma que dizem que a história e a singularidade do corpo fomentam a criação artística. (VIANNA, 2005). Nesta perspectiva, as experiências vividas nas aulas com os (as) estudantes, sinalizam a importância de possibilitar que estes (as) (re) conheçam e descubram suas possibilidades e suas identidades, estas, sendo compreendidas como o pertencimento a uma coletividade, muitas vezes sufocadas pela própria vida que levam fora dos muros da escola.

Entender a identidade como pertencimento coletivo, implica ter e ver a si mesmo como parte de um coletivo no qual é possível expressar seus sentimentos, valores, ideias, medos e anseios. Sentir-se pertencente a um determinado lugar e ao mesmo tempo sentir que esse lugar lhe pertence, possibilita interferir nas direções que este lugar pode seguir, bem como conquistar outros espaços. (AMARAL, 2006).

O sentimento de pertencimento também pode ter relação com a noção de participação. Na proporção em que, um grupo se sente dono da ação em desenvolvimento, o que for sendo construído e transformado de forma participativa e colaborativa, poderá desenvolver a co-responsabilidade, e assim, os resultados alcançados pertencerão a todos (as) desse grupo. Ao se apropriarem desse pertencimento estes (as) estudantes promovem também, sua própria autonomia e liberdade, podendo se situarem, se descobrirem e posicionarem, fortalecendo a coletividade. Conforme sinaliza Freire (2020):

Quando alguém diz que a educação é a afirmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é, quando as toma por sua significação real - se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação (p. 12)

De acordo com Laban (1978) o movimento humano é composto pelos mesmos elementos, seja na arte, no trabalho ou na vida cotidiana e seus estudos sobre estes componentes e sua utilização levam o homem a se movimentar. A Arte do Movimento de Rudolf Laban se origina do entendimento de que corpo e mente são indissociáveis, ou seja, fazem parte de uma mesma realidade (RENGEL, 2006). Com um trabalho direcionado principalmente para a Dança como meio de educação, aborda formas de utilizar e criar o movimento, favorecendo um desenvolvimento amplo de cada pessoa, Sendo assim, a utilização do método de Laban no ensino da Dança na escola pública é muito importante, pois indica diversas possibilidades para trabalhar as ações do movimento dentro do processo educacional e com isso trabalhar a consciência corporal destes estudantes, bem como caminhos para conhecer, explorar, sentir e expressar-se. Junto a isso, é importante considerar a história de cada estudante, bem como seu processo individual.

Estratégias e intervenções

Desenvolver estratégias e intervenções educacionais que possam transformar os corpos por meio do cuidado de si e oportunizar a diminuição dos conflitos no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola pública, implica observação e problematização das ações divergentes, que são recorrentes na sala de aula. Desta maneira é possível, direcionar caminhos que ajudem a trabalhar com a pluralidade de corpos, dentro deste ambiente.

As estratégias serão usadas como meios, habilidades – previamente estudadas – como tentativa de contornar, lidar e/ou amenizar as dificuldades encontradas durante as aulas devido aos conflitos entre os (as) estudantes. Com as intervenções, proponho atuar nas possíveis situações de conflitos, na tentativa de modificar os resultados negativos gerados por eles, como por exemplo, que os (as) estudantes se machuquem ou que a própria aula não possa continuar por uma situação inesperada. Essas intervenções acontecem antes mesmo de levar as crianças para a sala de aula - o olhar, tocar na mão, abraçar, escutar - são ações importantes e necessárias que podem diminuir a violência entre os (as) estudantes antes e durante as aulas.

As ações propostas em sala de aula decorrem dentro de uma metodologia que incorpora estruturas teórico-práticas, estímulo de reflexões/ações críticas e

criativas que sejam sensíveis aos corpos frente não só ao cotidiano, mas ao mundo em que vivem, bem como concepções referentes à socialização e compartilhamento de conhecimento. Dentre as ações estratégicas, estão jogos de relações espaciais, danças diversas, pinturas, desenhos, leitura de textos, apreciação de vídeos, rodas de conversas, escolha de músicas, o toque, a conversa.

Esse caminho metodológico considera a opinião dos (as) estudantes e seus contextos de vida, bem como seus processos de construção, criação e expressão. Esta pesquisa decorre dentro de uma abordagem qualitativa, que proporciona perceber a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que por meio dela também é possível cuidar de si. Trabalhar a Dança na escola pública envolve uma constante busca por um reconhecimento de corpos. Neste sentido, promover as aulas de Dança dentro de uma perspectiva de cuidado consigo e conseqüentemente com o outro (a), pode proporcionar o próprio autoconhecimento. Junto a esta concepção, é possível também resgatar e fortalecer o respeito nas relações com os outros, por meio da prática de liberdade, propondo um diálogo por meio do movimento, em interação ao contexto da escola e seu ambiente comunitário.

As aulas de Dança, na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, aconteciam de forma presencial desde fevereiro de 2019, sendo interrompidas em março de 2020 devido à pandemia da Covid 19. Naquele período, foram desenvolvidas nas aulas ações que envolviam exploração de diversos materiais como: o uso de figurinos, escolha e apreciação de vídeos e músicas, momentos de criação individual e em grupo, rodas de conversas, desenho, pintura, leitura de textos, danças diversas, jogos de relações espaciais, exercícios com base nos Fatores do Movimento de Rudolf Laban e na técnica de Klauss Vianna.

As ações realizadas sempre contam com a participação dos (as) estudantes, para que cada um (a) se sinta pertencente aquele lugar e colaboradores (as) nas atividades. Também havia o cuidado de que as aulas fossem sempre de forma lúdica e criativa, para que fosse possível alcançar o interesse e a participação das crianças. Um outro fator importante nas aulas, é que não seja vista como algo obrigatório, quando um (a) estudante diz que não quer fazer, busco uma alternativa para este ou esta, incumbindo-lhe de alguma função que ajudará a mim e aos colegas. Dessa forma ele (a) se sente participante e pertencente àquele grupo e na maioria das vezes, acaba decidindo fazer a aula, mesmo que este processo leve

dias ou meses. Essa é uma estratégia para envolver o (a) estudante no processo da aula de Dança.

De acordo com as experiências vividas durante esses processos e com a abordagem das estratégias utilizadas, foi feito um levantamento bibliográfico, leituras, discussões, com a intenção de sistematizar as informações, de forma que possam contribuir no desenvolvimento das aulas de outros (a) profissionais da Rede Municipal de Ensino. Holliday (2006) coloca “[...] a sistematização como um fator indispensável e privilegiado para a nossa própria formação [...]”. Neste caminho, é pertinente sistematizar as ações que corroborem para o desenvolvimento das aulas, enquanto estratégias facilitadoras no percurso do ensino-aprendizagem da Dança. Compartilhar as ações experimentadas poderá contribuir para amenizar as dificuldades encontradas durante o ensino da Dança dentro da escola pública, bem como ampliar e fortalecer a práxis pedagógica, na busca para a superação dos conflitos e assim fortalecer as relações interpessoais.

[...] Nossas experiências se convertem, graças a ela, na fonte mais importante da aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossas práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda a realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação. (HOLLIDAY, 2006, p. 37)

Este trabalho proporciona perceber não só a Dança como forma de conhecimento, assim como entender que por meio dela também é possível cuidar de si, do outro, da outra e fortalecer o respeito nas relações interpessoais.

Uma dança de longo caminho até ser dançada

Nas aulas presenciais a falta de espaço físico adequado e de materiais que possam auxiliar para um melhor desenvolvimento, sempre dificultaram as ações propostas. Assim, nunca foi fácil produzir a construção de conhecimento, pois, é necessário estar sempre na busca pela superação dessas e outras dificuldades encontradas em outrora. Acerca dessa realidade, decorre uma pandemia que potencializa tais dificuldades. “Quando a crise se torna permanente, transforma-se na causa que explica tudo” (SANTOS, 2020, p.05).

A chegada da pandemia Covid-19 tem reafirmado obstáculos vividos em diversos âmbitos, acentuando as diferenças existentes na educação básica pública. Com isso, mudanças emergenciais foram necessárias e por sua vez preceituaram um educador que precisa se reinventar e se adaptar às novas tecnologias em busca da transformação, para que seja possível alcançar os (as) estudantes de alguma maneira. Porém, é muito difícil esse alcance, devido à falta de acesso às novas tecnologias, por parte da maioria destes estudantes, o que torna o ensino da Dança ainda mais desafiador.

A escuta e observação dos comportamentos de estudantes de maneira mais aproximada, uma vez que existia a presença física, era relevante no processo da Dança dentro da sala de aula. A incursão de um vírus que interrompeu as aulas presenciais, dificultou ainda mais os processos que permitem a construção de conhecimento.

No momento em que a pandemia se instalou, houve um longo período de suspensão, primeiro porque não se sabia ainda muito bem quais ações seriam feitas para que fosse possível a realização das aulas. Em seguida, iniciou-se uma organização para colocar em prática as ações pensadas e assim retomar as atividades de Dança. E que Dança seria essa? Qual o caminho que essa Dança iria seguir? Como trabalhar o cuidado de si, as relações e os conflitos a partir dessa nova realidade?

Sendo a Dança uma arte que necessita de artefatos como espaço mínimo que permita a mobilidade das pessoas, a dificuldade para preparar as atividades se tornaram ainda maior. A grande maioria dos (as) estudantes não tem espaço suficiente em suas residências para mover-se, isso influencia na mudança rotineira de criar possibilidades na construção de conhecimento por meio das atividades propostas. Buscar constantemente mecanismos que diminuam essa disparidade é desafiador, exaustivo e perpassa por um fazer diário intenso com tentativas de adaptar a prática ao contexto atual.

Para Rengel (2007, p.38) “corponectar, denomina a atividade de entrar em conexão com algo, com um corpo que já é corponectivo”. Nesse sentido, o grande desafio foi/está sendo, como corponectar estes (as) estudantes a nova realidade. Infelizmente, as aulas em formato síncrono não foram possíveis. Meu trabalho atual, nesse momento tão difícil, está sendo por meio de atividades, que são enviadas para o e-mail da escola, impressas e entregues aos pais ou responsáveis para que

cheguem até as crianças. Uma semana após receberem, essas atividades são devolvidas – aguardam um tempo na escola para cumprir uma quarentena – e só assim, depois desse longo caminho, tenho retorno dessas atividades para que sejam observadas. É dessa forma que tento conectar estes (as) estudantes a nova realidade de ensino na educação básica e propor essa Dança que percorre um longo caminho até que seja dançada.

Nas atividades, proponho exercícios de Dança utilizando ideias que já trabalhava com eles (as) no ensino presencial, os quais tento tratar de conflitos, de competição, de cuidado de si, de movimento. Mas, obviamente, o retorno não é o esperado, não tem como garantir que de fato, estes (as) estudantes tenham condições adequadas que permitam o desenvolvimento das ações propostas e obtenham alguns resultados. O retorno das atividades é também por meio da escrita dos (das) estudantes, que interpretam como é possível – pois, muitas vezes não tem ajuda de um (a) adulto (a) para orientá-los (as) - e respondem como podem e do jeito que conseguem. Mesmo nessa dança distante busco levar os mesmos ensinamentos de quando era no presencial, obviamente as ações são outras formas de aproximação, ainda que seja por meio da escrita, pois, segundo (RENGEL, 2009, p.2) “Dança é linguagem que se codifica em muitas línguas, todas inter, multi e transdisciplinares. Transdisciplinares no sentido que se transpõe, se transpassam, se hibridizam”.

Referências

- AMARAL, Ana Lucia. **Dicionário dos direitos humanos**. Pertencimento. ESMPU. 2006. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>>. Acesso em: 18/03/21
- FOUCAULT, Michel. 1926-1984. **Ética, sexualidade, política** / Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa – Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 48^o ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade** / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento** / Rudolf Laban; ed. organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto; revisão técnica: Anna Maria Barros de Vecchi]. – São Paulo: Summus, 1978.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. – São Paulo: Cortez, 1999.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**: sistematização da Técnica Klauss Vianna / Jussara Miller. – São Paulo: Summus, 2007.

NOGUEIRA, Renato. BARRETO, Marcos. **Infância, ubuntu e teko porã**: elementos gerais para a educação e ética afroperspectivistas. *Childhood e philosophy*, rio de janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez.2018, pp. 625-644 inss 1984-5987

NOGUEIRA, Renato. **Afroperspectividade**: por uma filosofia que descoloniza [Entrevista concedida a] Tomaz Amorim. 12/07/2015. Portal Geledés. Artigos e Reflexões. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> Acesso em 12/06/2021.

RENGEL, Lenira Peral. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) – Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **Corpo e Dança como lugares de corponectividade metafórica**. R. cient. /FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan. /jun. 2009.

RENGEL, L. Fundamentos para análise do movimento expressivo. In: MOMMENSOHN, M. e PETRELLA, P. (orgs). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**, São Paulo: Summus, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In SILVA, Luis Heron, AZEVEDO, José Clóvis de, SANTOS, Edmilson Santos dos (orgs). **Novos mapas culturais. Novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

_____. **A Sociologia das Ausências**. Cronos. Revista da Pós-Grad. Em ciências sociais, UFRN, Natal, v.18, n. 2, jul./dez.2017, ISSN 1982-5560.

_____. **A cruel pedagogia do vírus**. ISBN 978-972-40-8496-1 CDU 347 edições Almedina/AS abril 2020.

SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. In: **Revista África e Africanidades** – Ano 3 – n. 11, 2010 – ISSN 1983-2354.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus Editorial, 3ª ed., 2008.

4.3 PRODUÇÃO DE RECURSOS POR MEIO DIGITAL PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/3

Acesse o texto (Ctrl + clique)

[E-book - Recursos digitais](#)



4.4 REVISTA EDUCAÇÃO BÁSICA EM FOCO

Acesse o texto (Ctrl + clique)

[Publicação na Revista Educação
Básica em Foco](#)



5 CARTA/CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho foi nucleado por conceitos e proposições que fomentaram as ações realizadas durante o período do mestrado. Foram eles: cuidado de si, relações múltiplas, afetividade, contextos, multidisciplinaridade, autoconhecimento, autonomia, pertencimento a coletividade, liberdanças. Tais concepções foram tessituras que compuseram um caminho de estratégias que pudessem amenizar ações conflituosas entre estudantes. Assim, foi possível adquirir resultados que poderão auxiliar outras pessoas docentes a lidar melhor com conflitos encontrados nas aulas de Dança dentro do ambiente escolar público.

Um principal objetivo foi desenvolver estratégias e intervenções educacionais que pudessem proporcionar a redução dos conflitos dentro do processo de ensinoaprendizagem da Dança. Nesse ínterim, foram propostos caminhos que consideraram os contextos das crianças estudantes, para que assim fosse possível alcançar os resultados. Para tanto, foi necessário observar e analisar os procedimentos com o movimento durante as aulas, os quais muitas vezes são influenciados pelos contextos de vidas. Sendo assim, a importância dessa observação se deu diante do entendimento de que as crianças vivem dentro de uma realidade sócio-político-cultural que intervém nas suas atitudes e movimentos que refletem na sala de aula.

Conhecer melhor a vida cotidiana das crianças, de forma que possibilitasse estreitar a relação estudante/professora/estudante /ambiente escolar, foi importante para contribuir com o desenvolvimento cognitivo nas suas ações dentro escola. Importante ressaltar que promover o cuidado de si e das outras pessoas como pressuposto para uma transformação dos corpos e para fortalecer as relações interpessoais no âmbito escolar contribuiu para que conflitos fossem reduzidos. As respostas obtidas durante esse processo se mostraram relevantes para

essa pesquisa. Foi possível perceber as crianças com mais autonomia, mais seguras e confiantes de si, bem como respeitando umas as outras.

Estar inserida como estudante do PRODAN - Programa de Pós-graduação Profissional em Dança - possibilitou um melhor desenvolvimento das minhas ações frente às aulas de Dança dentro da Escola Pública. Docentes com suas valiosas contribuições propiciaram aprendizagens e conhecimentos que não só ampliaram tais ações, mas também valorizaram meu trabalho como profissional. Entendo ter sido de suma importância ser acompanhada e orientada nesse processo de construção de saberes-fazer. Assim, eu pude estar segura do caminho que havia escolhido para poder ajudar as crianças da escola pública nos seus processos de conhecimento, cuidado e relacionamentos.

Como diz a professora Débora Diniz, é importante que sejamos lidas para que a realização pela escrita se aflore em nós, por isso a relevância em participar de um grupo de pesquisa. Sendo assim, afirmo aqui também a valia de ser integrante do Grupo de Pesquisa Corponectivos em Danças. As trocas de experiências, ouvir e ser ouvida, aprender com demais colegas ajudou muito no meu processo de construção deste material.

Acredito que enquanto estudante do PRODAN e profissional da Rede Municipal de Ensino de Salvador pude levar situações que poderão auxiliar demais pessoas dentro da academia, se tratando do ensino da Dança na escola pública. A realidade do ensino público desta cidade é carregada de desafios constantes, os quais dificultam muito o processo de ensino-aprendizagem. Expor algumas situações que vivi e vivo no chão da escola poderá contribuir para que outras pessoas estudantes e profissionais da Dança possam lidar melhor com algumas inquietações pertinentes no ambiente escolar público.

Almejo que esta pesquisa favoreça as pessoas docentes, no sentido de apontar caminhos que possam promover ações que incitem o reconhecimento de estudantes enquanto pessoas incluídas e importantes dentro da escola, da sociedade, do mundo. O caminho continua, com desafios, angústias e lutas diárias. Mas, também, com realizações, alegrias

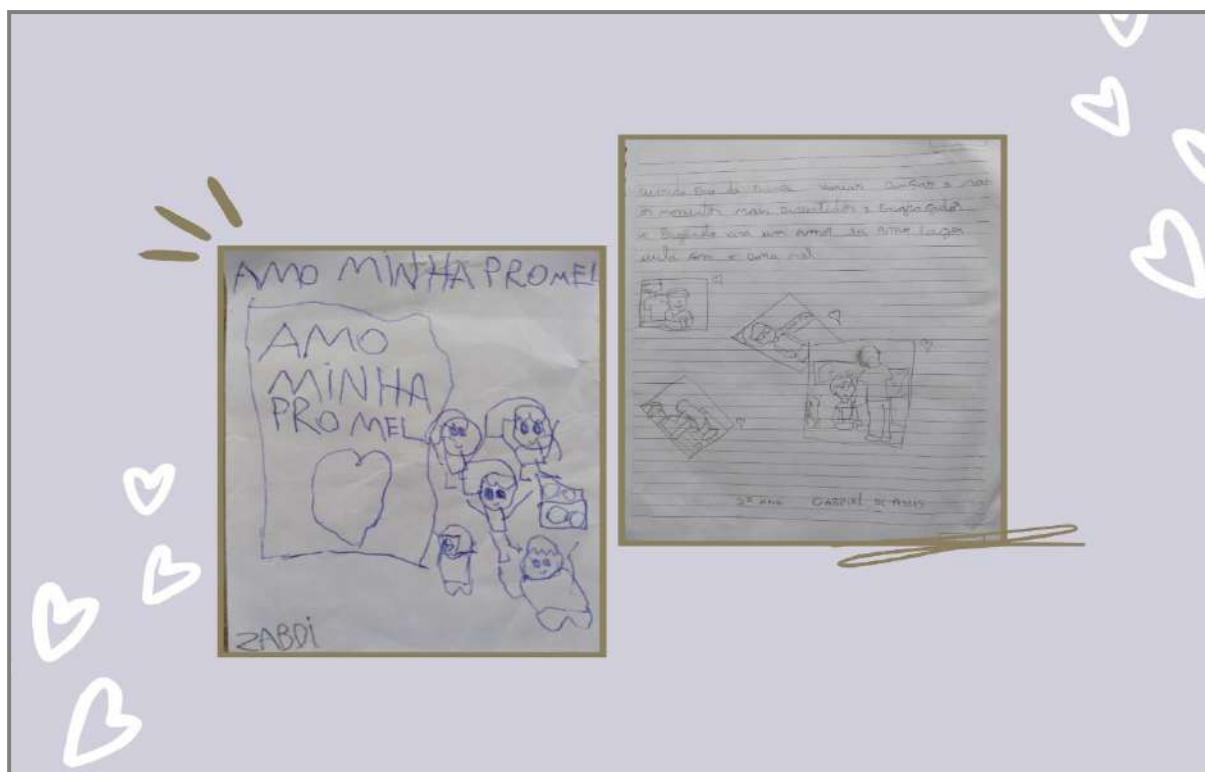
e principalmente com o desejo de que dias melhores para a educação possam vir. Para que assim possamos oferecer às pessoas estudantes da escola pública uma educação igualitária e de qualidade.

Concluo com o que me motiva a continuar a escrever cartas...

A seguir o depoimento de um pai e, em seguida, desenhos de duas crianças. Sugiro você dê um zoom para conseguir ler o que está escrito. Faz parte das alegrias!

Acesse o texto (Ctrl + clique)

[Depoimento de um pai sobre as aulas de Dança](#)



REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Lucia. Pertencimento. In: DICIONÁRIO dos direitos humanos. Brasília, DF: Escola Superior do Ministério Público da União, 2006. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo. **Em Aberto**, Brasília, ano 12, n. 58, abr./jun. 1993.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V** - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GRENIER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GUIMARÃES, Daniela Bemfica. Por que denominar como filme aquilo que surge da interação dança e audiovisual? In: AMARAL, Sergio Ferreira do; VOLPE, Maria Fernanda Elias; GARBIN, Mônica Cristina (Orgs.). **Dança e tecnologia**: quais danças estão por vir? Salvador: ANDA, 2020. p. 164-178. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-5-DAN%C3%87A-E-TECNOLOGIA.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

hooks, bel. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. São Paulo: MMA, 2006.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LASZLO, Cora Miller. **Outros caminhos de dança: técnica klaus Vianna para adolescentes e para adolecer**. São Paulo: Summos, 2018.

LIBERTANGO. [compositor e intérprete]: Astor Piazzolla. Milão: Tropical Music, 1974. 1 disco (17,02 min).

MALTZ, Maxuell. **Psicocibernética: uma nova maneira de dar mais vida à sua vida**. Rio de Janeiro: Record, 1960.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klaus Vianna** São Paulo: Summus, 2007.

NOGUEIRA, Renato. Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza Entrevista concedida a Tomaz Amorim. **Portal Geledés**, [S. l.], 12 de julho 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NOGUEIRA, Renato; BARRETO, Marcos. Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para a educação e ética afroperspectivistas. **Childhood e Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set.-dez. 2018.

PINTO, Amanda. **Comunicar, Mover e Aprender: o movimento como eixo da linguagem e da aprendizagem**. 2019. 125 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PINKER, Steven. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle. 3. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

RENGEL, Lenira. Fundamentos para análise do movimento expressivo. In: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo (Orgs.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006. p. 121-130.

RENGEL, Lenira. **Corponectividade comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RENGEL, Lenira. Os sistemas de movimento de Rudolf Laban (I - II - III - IV - V - VI - VII - VIII): modos de aplicação e referências. São Paulo: Annablume, 2008.

RENGEL, Lenira Peral. Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica. **Revista Científica FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1595/935>. Acesso em: 10 nov. 2021.

RENGEL, Lenira. Categorias de análise para a dança em mediações educacionais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 2. 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]** Campinas: Galoá, 2012. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2012/papers/apresentacao--categorias-de-analise-para-a-danca-em-mediacoes-educacionais>. Acesso em: 22 jan. 2022.

RENGEL, Lenira. Laban no hiperespaço do tempo - Uma dança em múltiplos contextos educacionais. In: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6. 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/papers/rudolf-laban-no-hiperespaco-do-tempo-----uma-danca-em-multiplos-contextos-educacionais->. Acesso em: 22 jan. 2022.

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. In: GREINER, Christine; KATZ, Helena (Orgs.). **Arte e Cognição**. Corpomídia, comunicação e política. São Paulo: Annablume, 2015. p. 23-75.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROBATTO, Lia. **Dança em processo**: a linguagem do indizível. Salvador: Ed. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luis Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). **Novos mapas culturais**. Novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p.15-33.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Sociologia das Ausências e das emergências em sala de aula. **Cronos - Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, UFRN, Natal, v. 18, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/14231/pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. **Revista África e Africanidades**, [S. l.], ano 3, n. 11, p. 1-16, 2010. Disponível em: https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Valores afro-brasileiros na educação**. Boletim 22. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 30-35.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

APÊNDICE A - CARTA/OUTROS DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS
Modelos de atividades aplicadas no ensino remoto

Secretaria da
Educação



NOSSA REDE
PROJETO PEDAGÓGICO DE SALVADOR

BLOCO DE ATIVIDADES DO CONTINNUM 2020/2021
29.03 a 01.04.2020
CICLO DE APRENDIZAGEM I

ESCOLA: _____

NOME: _____

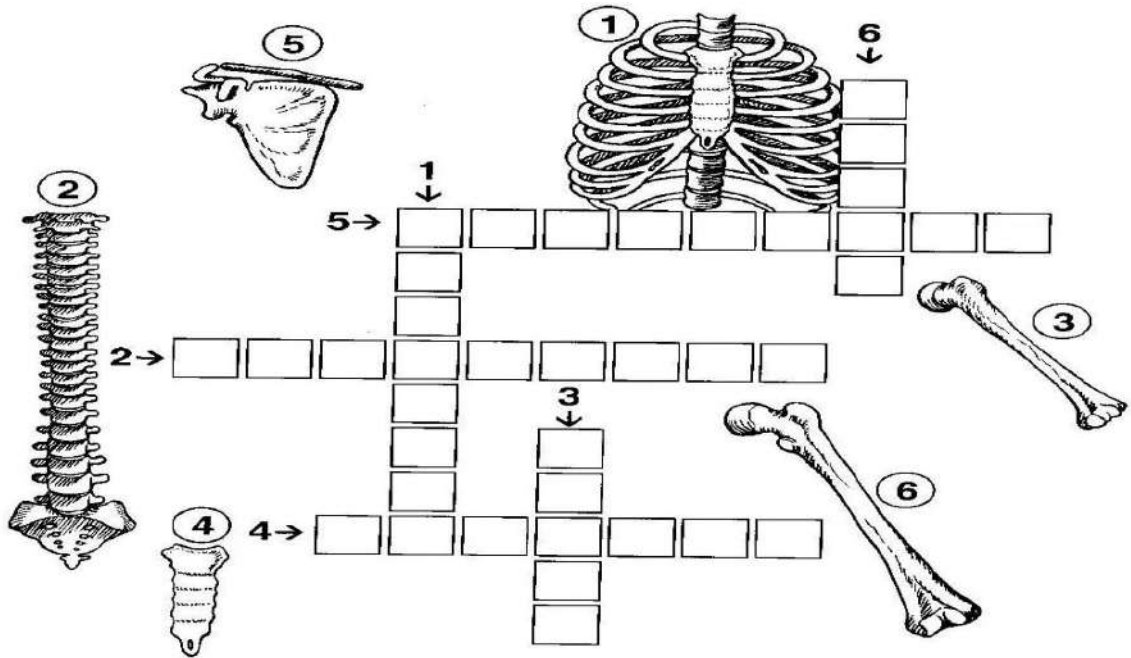


Atividade Artes/Dança
Hoje vamos fazer uma atividade super legal!
Providencie cola e tesoura

Nas atividades anteriores aprendemos um pouco sobre o sistema ósseo ou esquelético, vimos que ele é constituído pelos ossos, articulações e cartilagem, que formam o esqueleto.

Agora, vamos ver se você esteve atento, preenchendo os espaços em branco, fazendo o jogo das palavras cruzadas abaixo.

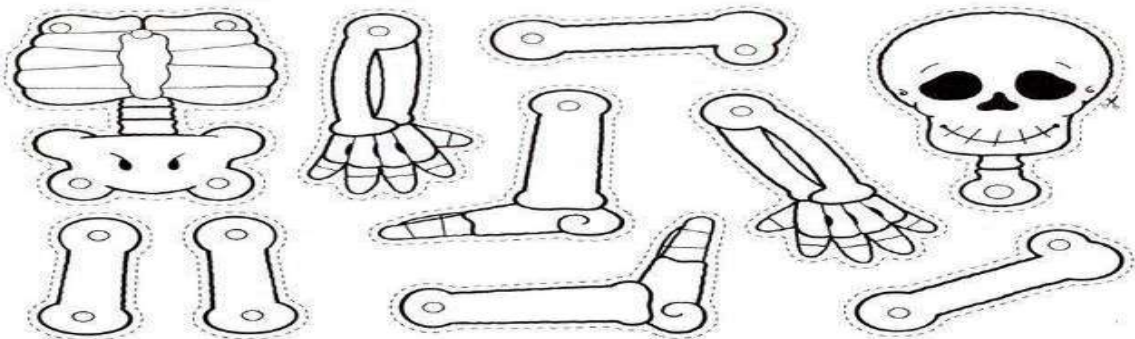
Você verá as indicações e as respostas abaixo também, mas tente responder sem olhar e depois confira as quais acertou.



- 1- São 12 pares e saem do osso esterno.
- 2 - São 33 e formam a coluna vertebral.
- 3 - Único osso do braço.
- 4 - Osso que fica no peito e dele saem as costelas.
- 5 - Osso que fica no ombro, com a escápula, e liga os braços ao tronco.
- 6 - Osso longo que sustenta a coxa.

Respostas: 1- costelas; 2- vértebras; 3- úmero; 4- esterno; 5- clavícula; 6- fêmur

2 - Agora, Corte e monte na folha seguinte as partes do esqueleto.



Secretaria da
Educação



NOSSA REDE
PROJETO PEDAGÓGICO DE SALVADOR

BLOCO DE ATIVIDADES DO CONTINNUM 2020/2021
05.04 A 09.04.2020

CICLO DE APRENDIZAGEM I

ESCOLA: _____

ALUNO: _____

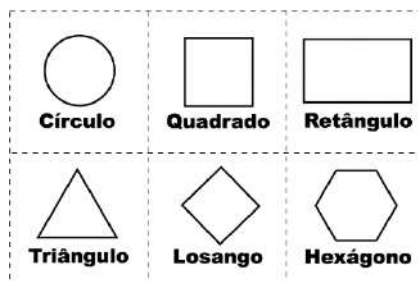
PROFESSORA: Rose Lima (Mel)

Atividade artes/dança

Olá querido(a) aluno(a)!

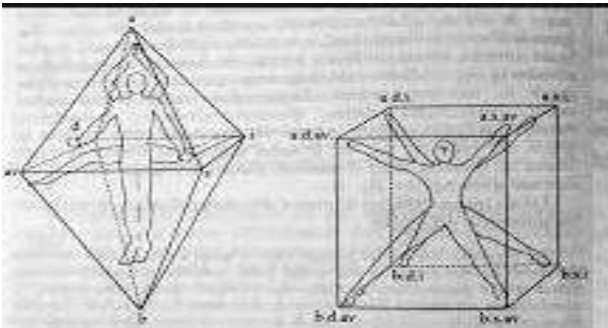
Vamos ver se você lembra de algumas coisas que estudamos?

Aprendemos que na dança também usamos a **forma**, que nela, o corpo realiza ações por meio da constante e infinita troca de **formas** no espaço e estas refletem as ações corporais. Rudolf Laban, um estudioso do movimento, utilizou as formas geométricas para ajudar na movimentação do dançarino, relacionando o corpo com a altura, largura e comprimento das formas geométricas.



1 – De acordo com o texto acima, qual o nome do estudioso do movimento que utilizava as formas geométricas para ajudar na movimentação dos dançarinos?

2 – Escreva quais os nomes das figuras geométricas que você reconhece nas imagens abaixo.



_____ e _____

Também aprendemos que quando nos movemos no espaço, o corpo se movimenta nos níveis:

- Alto – correr, pular, lavar louça, cozinhar, etc.
- Médio – sentar, pegar algo em baixo da pia, etc.
- Baixo – dormir, rolar no chão, deitar, procurar algo em baixo do sofá, etc.

3 - 1- Agora, observe as figuras abaixo e escreva o nome dos planos correspondentes.



Nível_____



Nível_____



Nível_____

4 – agora, procure um espaço legal pra você e crie movimentos usando os níveis.

Me conte como foi a experiência, o que sentiu, quais partes do corpo percebeu que fez mais esforço e em qual ou em quais níveis você mais gostou de movimentar o corpo.



E assim terminamos um ano letivo que foi bem diferente, mas estamos firmes na esperança de que dias melhores virão.

Ainda estamos separados, porém unidos pelo desejo que assim que possível estaremos juntos. Vamos acreditar.

Te desejo muita saúde.

Retorno de algumas atividades pelos estudantes durante o ensino remoto

Faça um comentário do que você sentiu ao fazer os movimentos.

ALÉM DE DANÇA TAMBÉM É POSSÍVEL BRINCAR COM AS DIFERENTES EMOCÕES ADQUIRIDAS DURANTE UMA DANÇA, BEM COMO AS FORMAS PARA EXPRESSAR OS SENTIMENTOS QUE VÃO SURTINDO COMO ALEGRIA, SENTIMENTOS FRIOS, MEDO, AMOR, SERENIDADE, ETC.

Pra finalizar, se você puder, coloque uma música e dance reproduzindo os movimentos que você pesquisou nos exercícios.

Faça um comentário do que você sentiu ao fazer os movimentos.

Senti muito e não sou de dançar
o tempo

Pra finalizar, se você puder, coloque uma música e dance reproduzindo os movimentos que você pesquisou nos exercícios.

APÊNDICE B - DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES DAS SÉRIES INICIAIS DO FUNDAMENTAL I

"A dança tem movimentos rápidos. Eu acho que os movimentos rápidos pedem mais esforço do corpo."

"Já eu acho que são os movimentos lentos que pedem mais esforço do corpo."

"É assim mesmo minha pró, a gente tem que se jogar, fazer e acontecer."

"É por isso que eu gosto dessa pró de Dança, ela topa tudo."

"O Balé é uma história."

"Pró, sabia que a Dança conta uma história?"

"Ele consegue fazer com que a muleta seja a sua perna dançando"

"A história do bailarino Ismael Ivo é emocionante e inspiradora."

"Eu amo dançar."

"Pró qual é o nome da música que você colocou agora? Quero pesquisar pra baixar e dançar em casa."

"Aqui no bairro não achamos aulas de Dança como são as aulas de dança da escola."